



**BENTO XVI**  
**HOMILIAS**

***2011***

Editado por 



**HOMILIAS 2011**

**BENTO XVI**

**Fonte:**

*<https://www.vatican.va/>*

SOLENIIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS  
XLIV DIA MUNDIAL DA PAZ

*Basílica Vaticana*

**1º de Janeiro de 2011**

*Queridos irmãos e irmãs!*

Ainda envolvidos pelo clima espiritual do Natal, no qual contemplámos o mistério do nascimento de Cristo, hoje celebramos com os mesmos sentimentos a Virgem Maria, que a Igreja venera como Mãe de Deus, enquanto concebeu na carne o Filho do Pai eterno. As leituras bíblicas desta solenidade ressaltam principalmente o Filho de Deus que se fez homem e o «nome» do Senhor. A primeira leitura apresenta-nos a solene bênção que os sacerdotes pronunciavam sobre os Israelitas nas grandes festas religiosas: ela é marcada precisamente pelo nome do Senhor, repetido três vezes, como que para exprimir a plenitude e a força que deriva desta invocação. Este texto de bênção litúrgica, de facto, evoca a riqueza de graça e de paz que Deus concede ao homem, como uma disposição benevolente em relação a Ele, e que se manifesta com o «resplandecer» do rosto divino e o «dirigi-lo» para nós

A Igreja ouve de novo hoje estas palavras, enquanto pede ao Senhor que abençoe o novo ano há pouco iniciado, na consciência de que, diante dos trágicos acontecimentos que marcam a história, perante as lógicas de guerra que infelizmente ainda não estão totalmente superadas, só Deus pode tocar o fundo do coração humano e garantir esperança e paz à humanidade. De facto, já está consolidada a tradição de que no primeiro dia do ano a Igreja, espalhada por todo o mundo, eleve uma oração coral para invocar a paz. É bom iniciar um novo trecho de caminho pondo-se com decisão na via da paz. Hoje, queremos ouvir o brado de tantos homens e mulheres, crianças e idosos vítimas da guerra, que é o rosto mais horrendo e violento da história. Hoje nós rezamos a fim de que a paz, que os anjos anunciaram aos pastores na noite de Natal, possa chegar a toda a parte: «*Super terram pax in hominibus bonae voluntatis*» (Lc 2, 14). Por isso, sobretudo com a nossa oração, queremos ajudar todos os homens e povos, sobretudo quantos têm

responsabilidades de governo, a caminhar de modo cada vez mais decidido pela senda da paz.

Na segunda leitura São Paulo resume na adoção filial a obra de salvação realizada por Cristo, na qual está como que encastada a figura de Maria. Graças a ela o Filho de Deus, «nascido de mulher» (*Gl* 4, 4), pôde vir ao mundo como verdadeiro homem, na plenitude dos tempos. Este cumprimento, esta plenitude, refere-se ao passado e às expectativas messiânicas, que se realizam, mas, ao mesmo tempo, refere-se também à plenitude em sentido absoluto: no verbo feito homem, Deus deu a sua Palavra última e definitiva. No limiar de um novo ano, ressoa assim o convite a caminhar com alegria rumo à luz do «sol que surge do alto» (*Lc* 1, 78), porque na perspectiva cristã, todo o tempo é habitado por Deus, não há futuro que não seja em direcção a Cristo e não existe plenitude fora de Cristo.

O trecho do evangelho de hoje termina com a imposição do nome de Jesus, enquanto Maria participa em silêncio, meditando no coração, o mistério deste seu Filho, que de modo totalmente singular é dom de Deus. Mas a perícopa evangélica que ouvimos põe em particular evidência os pastores, que se vão embora «glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto» (*Lc* 2, 20). O cordeiro tinha-lhes anunciado que na cidade de David, isto é, em Belém, tinha nascido o Salvador e que teriam encontrado o sinal: um menino envolto em panos numa manjedoura (cf. *Lc* 2, 11-12). Tendo partido às pressas, eles encontraram Maria, José e o Menino. Observemos como o Evangelista fala da maternidade de Maria a partir do Filho, daquele «menino envolto em panos», porque é Ele — o Verbo de Deus (cf. *Jo* 1, 14) — o ponto de referência, o centro do acontecimento que se está a cumprir e é Ele quem faz com que a maternidade de Maria seja qualificada como «divina».

Esta atenção prevalecente que as leituras de hoje dedicam ao «Filho», a Jesus, não diminui o papel da Mãe, aliás, coloca-a na justa perspectiva: de facto, Maria é a verdadeira Mãe de Deus precisamente em virtude da sua total relação com Cristo. Portanto, glorificando o Filho honra-se a Mãe e honrando a Mãe glorifica-se o Filho. O título de «Mãe de Deus», a que hoje a liturgia dá relevo, ressalta a missão única da Virgem Santa na história da

salvação: missão que está na base do culto e da devoção que o povo cristão lhe reserva. De facto, Maria não recebeu o dom de Deus só para si mesma, mas para o levar ao mundo: na sua virgindade fecunda, Deus concedeu aos homens os bens da salvação eterna (cf. *Colecta*). E Maria oferece continuamente a sua mediação ao Povo de Deus peregrinante na história rumo à eternidade, como outrora a oferecera aos pastores de Belém. Ela, que deu a vida terrena ao Filho de Deus, continua a oferecer aos homens a vida divina, que é o próprio Jesus e o seu Espírito Santo. Por isso é considerada mãe de todos os homens que nascem para a Graça e ao mesmo tempo é invocada como Mãe da Igreja.

É no nome de Maria, Mãe de Deus e dos homens, que desde o dia 1 de Janeiro de 1968 se celebra em todo o mundo o Dia Mundial da Paz. A paz é dom de Deus, como ouvimos na primeira leitura: «O Senhor... te conceda a paz» (Nm 6, 26). Ela é o dom messiânico por excelência, o primeiro fruto da caridade que Jesus nos doou, é a nossa reconciliação e pacificação com Deus. A paz é também um valor humano que se deve realizar a nível social e político, mas afunda as suas raízes no mistério de Cristo (cf. Conc. Vat. II, Const. *Gaudium et spes*, 77-90). Nesta solene celebração, por ocasião do quadragésimo quarto Dia Mundial da Paz, sinto-me feliz por dirigir a minha deferente saudação aos ilustres Senhores Embaixadores junto da Santa Sé, com os melhores votos para a sua missão. Dirijo depois uma saudação cordial e fraterna ao meu Secretário de Estado e aos outros Responsáveis dos Dicastérios da Cúria Romana, com um pensamento especial ao Presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz e aos seus colaboradores. Desejo manifestar-lhes profundo reconhecimento pelo empenho quotidiano a favor de uma convivência pacífica entre os povos e da formação cada vez mais sólida de uma consciência de paz na Igreja e no mundo. Nesta perspectiva, a comunidade eclesial está cada vez mais empenhada a trabalhar, segundo as indicações do Magistério, para oferecer um firme património espiritual de valores e de princípios na busca contínua da paz.

Quis recordá-lo na minha Mensagem para a celebração do dia de hoje, com o título «Liberdade religiosa, caminho para a paz»: «O mundo tem necessidade de Deus; tem necessidade de valores éticos e espirituais, universais e compartilhados, e a religião pode oferecer uma contribuição preciosa na sua busca, para a construção de uma ordem social justa e

pacífica a nível nacional e internacional» (n. 15). Por conseguinte, ressaltei que «a liberdade religiosa... é elemento imprescindível de um Estado de direito; não pode ser negada nem ao mesmo tempo minar todos os direitos e as liberdades fundamentais, pois é a sua síntese e ápice» (n. 5).

A humanidade não pode mostrar-se resignada à força negativa do egoísmo e da violência; não se deve habituar a conflitos que causam vítimas e põem em perigo o futuro dos povos. Face às tensões ameaçadoras do momento, e sobretudo diante das discriminações, dos abusos e das intolerâncias religiosas, que hoje atingem de modo particular os cristãos (cf. *ibid.*, n. 1), dirijo mais uma vez o urgente convite a não ceder ao desânimo e à resignação. Exorto todos a rezar a fim de que tenham bom êxito os esforços empreendidos por várias partes para promover e construir a paz no mundo. Para esta difícil tarefa não São suficientes palavras, é preciso o compromisso concreto e constante dos responsáveis das nações, mas é necessário sobretudo que cada pessoa seja animada pelo autêntico espírito de paz, que se deve implorar sempre de novo na oração e viver nas relações quotidianas, em todos os ambientes.

Nesta celebração eucarística temos diante dos olhos, para a nossa veneração, a imagem de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Viggiano, tão amada pela população da Basilicata. A Virgem Maria dá-nos o seu Filho, mostra-nos o rosto do seu Filho, Príncipe da Paz: que ela nos ajude a permanecer na luz deste rosto, que brilha sobre nós (cf. *Nm* 6, 25), para redescobrir toda a ternura de Deus Pai; que ela nos ampare ao invocar o Espírito Santo, para que renove a face da terra e transforme os corações, desfazendo a sua dureza perante a bondade desarmante do Menino, que nasceu para nós. A Mãe de Deus nos acompanhe neste novo ano; obtenha para nós e para o mundo inteiro o almejado dom da paz. Amém.

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

*Basílica Vaticana*

**Quinta-feira, 6 de Janeiro de 2011**

*Prezados irmãos e irmãs!*

Na solenidade da Epifania, a Igreja continua a contemplar e a celebrar o mistério do nascimento de Jesus Salvador. Em particular, a celebração hodierna sublinha o destino e o significado universais deste nascimento. Fazendo-se homem no seio de Maria, o Filho de Deus veio não só para o povo de Israel, representado pelos pastores de Belém, mas também para a humanidade inteira, representada pelos Magos. E é precisamente a respeito dos Magos e do seu caminho em busca do Messias (cf. *Mt 2, 1-12*) que hoje a Igreja nos convida a meditar e a rezar. No Evangelho ouvimos que eles, tendo chegado a Jerusalém provenientes do Oriente, perguntam: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo» (V. 2). Que tipo de pessoas eram, e que espécie de estrela era aquela? Eles eram, provavelmente, sábios que perscrutavam o céu, mas não para procurar «ler» o futuro nos astros, eventualmente para obter disto um lucro; eram sobretudo homens «à procura» de algo mais, em busca da verdadeira luz, que seja capaz de indicar o caminho a percorrer na vida. Eram pessoas convictas de que na criação existe aquela que poderíamos definir como a «assinatura» de Deus, uma assinatura que o homem pode e deve procurar descobrir e decifrar. Talvez o modo para conhecer melhor estes Magos e compreender o seu desejo de se deixar guiar pelos sinais de Deus consista em deter-nos para considerar aquilo que eles encontram ao longo do seu caminho, na grande cidade de Jerusalém.

Em primeiro lugar, encontraram o rei Herodes. Certamente, ele estava interessado no menino de que os Magos falavam; no entanto, não com a finalidade de o adorar, como quer fazer entender, mentindo, mas sim para o suprimir. Herodes é um homem de poder, que no próximo só consegue ver um rival para combater. No fundo, se meditarmos bem, até Deus lhe parece um rival, aliás, um rival particularmente perigoso, que gostaria de privar os homens do seu espaço vital, da sua autonomia, do seu poder; um rival que

indica o caminho a percorrer na vida, e assim impede que se realize tudo o que se deseja. Herodes ouve dos seus peritos nas Sagradas Escrituras, as palavras do profeta Miqueias (cf. 5, 1), mas o seu único pensamento é o trono. Então, o próprio Deus deve ser ofuscado e as pessoas devem reduzir-se a ser simples peças para mover no grande tabuleiro do poder. Herodes é uma figura que não nos é simpática e que, instintivamente, julgamos de modo negativo pela sua brutalidade. Mas deveríamos perguntar-nos: existe, porventura, algo de Herodes também em nós? Acaso também nós, às vezes, vemos Deus como uma espécie de rival? Porventura também nós somos cegos diante dos seus sinais, surdos às suas palavras, porque pensamos que Ele impõe limites à nossa vida e não nos permite dispor da existência a nosso bel-prazer? Estimados irmãos e irmãs, quando vemos Deus deste modo, acabamos por nos sentir insatisfeitos e aborrecidos, porque não nos deixamos guiar por Aquele que está no fundamento de tudo. Temos que eliminar da nossa mente e do nosso coração a ideia da rivalidade, a ideia de que conceder espaço a Deus constitui um limite para nós mesmos; devemos abrir-nos à certeza de que Deus é o amor todo-poderoso que nada tira, não ameaça, aliás, é o Único capaz de nos oferecer a possibilidade de viver em plenitude, de sentir a verdadeira alegria.

Sucessivamente, os Magos encontram os estudiosos, os teólogos, os especialistas que sabem tudo sobre as Sagradas Escrituras, que conhecem as suas possíveis interpretações, que São capazes de citar de cor cada um dos seus trechos e que, por conseguinte, São uma ajuda preciosa para quem quer percorrer o caminho de Deus. Contudo, afirma santo Agostinho, eles gostam de ser guias para os outros, indicam a vereda mas não caminham, permanecem imóveis. Para eles, as Escrituras tornam-se uma espécie de atlas a ler com curiosidade, um conjunto de palavras e de conceitos a examinar e sobre o qual debater com sabedoria. Mas, novamente, podemos interrogar-nos: não existe inclusive em nós a tentação de considerar as Sagradas Escrituras, este tesouro extremamente rico e vital para a fé da Igreja, mais como um objecto para o estudo e o debate dos especialistas, do que o Livro que nos indica o caminho para alcançar a vida? Na minha opinião, como indiquei na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, deveria surgir sempre de novo em nós a profunda disposição a considerar a palavra da Bíblia, lida na Tradição viva da Igreja (cf. n. 18), como a verdade que nos diz o que é o homem, e como pode ele realizar-se plenamente, a

verdade que é a senda a percorrer no dia-a-dia, juntamente com os demais, se quisermos construir a nossa existência sobre a rocha, e não sobre a areia.

E agora consideremos a estrela. Que tipo de estrela era aquela que os Magos viram e seguiram? Ao longo dos séculos, esta pergunta foi objecto de debate entre os astrónomos. Kepler, por exemplo, considerava que se tratasse de uma «nova», ou de uma «supernova», ou seja, de uma daquelas estrelas que normalmente emanam uma luz ténue mas que, de repente, podem ter uma violenta explosão interna, que produz uma luz extraordinária. Sem dúvida, coisas interessantes, mas que não nos orientam rumo àquilo que é essencial para compreendemos esta estrela. Temos que remontar ao facto de que aqueles homens buscavam os vestígios de Deus; procuravam ler a sua «assinatura» na criação; sabiam que «narram os céus a glória de Deus» (*Sl* 19 [18], 2); isto é, estavam persuadidos de que Deus pode ser vislumbrado na criação. No entanto, como homens sábios, estavam conscientes também de que não é com um telescópio qualquer, mas com os profundos olhos da razão em busca do sentido último da realidade, e com o desejo de Deus impelido pela fé, que é possível encontrá-lo, aliás, que se torna possível que Deus se aproxime de nós. O universo não é o resultado do acaso, como alguns querem fazer-nos crer. Contemplando-o, somos convidados a ler nele algo de profundo: a sabedoria do Criador, a fantasia inesgotável de Deus, o seu amor infinito por nós. Não deveríamos deixar limitar a nossa mente por teorias que chegam apenas a um certo ponto e que — se olharmos bem — não estão de modo algum em concorrência com a fé, mas não conseguem explicar o sentido derradeiro da realidade. Na beleza do mundo, no seu mistério, na sua grandeza e na sua racionalidade não podemos deixar de ler a racionalidade eterna, e não podemos deixar de nos fazer guiar por ela até ao único Deus, Criador do céu e da terra. Se tivermos este olhar, veremos que Aquele que criou o mundo e Aquele que nasceu numa gruta em Belém e continua a habitar no meio de nós na Eucaristia São o único Deus vivo, que nos interpela, nos ama e quer conduzir-nos para a vida eterna.

Herodes, os especialistas das Escrituras, a estrela. Mas sigamos o caminho dos Magos, que chegam a Jerusalém. Em cima da grande cidade, a estrela desaparece, já não se vê. O que significa? Também neste caso, temos que ler o sinal em profundidade. Para aqueles homens, era lógico procurar o

novo rei no palácio real, onde se encontravam os sábios conselheiros da corte. Mas, provavelmente para sua surpresa, tiveram que constatar que aquele recém-nascido não se encontrava nos postos do poder e da cultura, embora naqueles lugares lhes tenham sido oferecidas informações preciosas acerca dele. Ao contrário, deram-se conta de que por vezes o poder, inclusive o do conhecimento, impede o caminho rumo ao encontro com aquele Menino. Então, a estrela orientou-os para Belém, uma pequena cidade; guiou-os entre os pobres, entre os humildes, para encontrar o Rei do mundo. Os critérios de Deus São diferentes dos critérios dos homens; Deus não se manifesta no poder deste mundo, mas sim na humildade do seu amor, daquele amor que pede à nossa liberdade para ser recebido para nos transformar e nos tornar capazes de chegar Àquele que é o Amor. Mas também para nós, as coisas não São tão diferentes de como eram para os Magos. Se nos fosse pedido o nosso parecer sobre a forma como Deus deveria ter salvo o mundo, talvez respondêssemos que devia manifestar todo o seu poder para conceder ao mundo um sistema económico mais justo, no qual cada um pudesse dispor de tudo o que quer. Na realidade, esta seria uma espécie de violência sobre o homem, porque o privaria de elementos fundamentais que o caracterizam. Com efeito, não seriam interpelados a nossa liberdade, nem o nosso amor. O poder de Deus manifesta-se de modo totalmente diferente: em Belém, onde encontramos a aparente impotência do seu amor. E é ali que nós devemos ir, é lá que havemos de encontrar a estrela de Deus.

Assim, parece-nos bem claro também um último elemento importante da vicissitude dos Magos: a linguagem da criação permite-nos percorrer um bom trecho de caminho rumo a Deus, mas não nos concede a luz definitiva. No final, para os Magos era indispensável ouvir a voz das Sagradas Escrituras: unicamente elas podiam indicar-lhes o caminho. A Palavra de Deus é a verdadeira estrela que, na incerteza dos discursos humanos, nos oferece o imenso esplendor da verdade divina. Caros irmãos e irmãs, deixemo-nos guiar pela estrela, que é a Palavra de Deus; sigamo-la na nossa vida, caminhando com a Igreja, onde a Palavra armou a sua tenda. A nossa senda será sempre iluminada por uma luz que sinal algum nos pode oferecer. E também nós poderemos tornar-nos estrelas para os outros, reflexo daquela luz que Cristo fez resplandecer sobre nós. Amém.

CELEBRAÇÃO DO BATISMO DO SENHOR  
E ADMINISTRAÇÃO DO BATISMO A 21 RECÉM-NASCIDOS

*Capela Sistina*

**Domingo, 9 de Janeiro de 2011**

*Estimados irmãos e irmãs!*

Estou feliz por vos dar cordiais boas-vindas, de modo particular a vós, pais, padrinhos e madrinhas dos 21 recém-nascidos aos quais, daqui a pouco, terei a alegria de administrar o Sacramento do Baptismo. Como já é tradição, este rito realiza-se também este ano durante a Sagrada Eucaristia com a qual celebramos o Baptismo do Senhor. Trata-se da festividade que, no primeiro domingo depois da solenidade da Epifania, encerra o tempo de Natal, com a manifestação do Senhor no Jordão.

Segundo a narração do evangelista Mateus (cf. 3, 13-17), Jesus foi da Galileia ao rio Jordão, para ser baptizado por João; com efeito, de toda a Palestina acorriam para ouvir a pregação deste grande profeta, o anúncio do advento do Reino de Deus, e para receber o baptismo, ou seja, para se submeter àquele sinal de penitência que chamava à conversão do pecado. Embora se chamasse baptismo, ele não tinha o valor sacramental do rito que hoje celebramos; com efeito, como bem sabeis, é com a sua morte e ressurreição que Jesus institui os Sacramentos e faz nascer a Igreja. O baptismo administrado por João era principalmente um acto penitencial, um gesto que convidava à humildade diante de Deus, para um novo início: mergulhando na água, o penitente reconhecia que tinha pecado, implorava de Deus a purificação das próprias culpas e era convidado a mudar os comportamentos equívocos.

Por isso, quando João Baptista vê Jesus que, em fila com os pecadores, vem para ser baptizado, fica admirado; reconhecendo nele o Messias, o Santo de Deus, Aquele que é sem pecado, João manifesta o seu desconcerto: ele mesmo, o baptizador, teria desejado receber o baptismo de Jesus. Mas Jesus exorta-o a não opor resistência, a aceitar o cumprimento de tal gesto, para realizar o que é conveniente para «cumprir toda a justiça». Com esta expressão, Jesus manifesta que veio ao mundo para fazer a

vontade daquele que O enviou, para cumprir tudo aquilo que o Pai lhe pede; foi para obedecer ao Pai, que Ele aceitou fazer-se homem. Este gesto revela, antes de tudo, quem é Jesus: é o Filho de Deus, verdadeiro Deus, como o Pai; é Aquele que «se humilhou» para se fazer um de nós, Aquele que se fez homem e aceitou humilhar-se até à morte, e morte de cruz (cf. *Fl* 2, 7). O batismo de Jesus, que hoje recordamos, insere-se nesta lógica da humildade: é o gesto daquele que quer tornar-se um de nós, que se põe em fila juntamente com os pecadores; Ele, que é sem pecado, deixa-se tratar como pecado (cf. *2 Cor* 5, 21), para carregar nos seus ombros o peso da culpa da humanidade inteira. É o «servo de Javé», de quem nos falou o profeta Isaías na primeira leitura (cf. 42, 1). A sua humildade é definida pelo desejo de estabelecer uma comunhão plena com a humanidade, pelo desejo de realizar uma verdadeira solidariedade com o homem e com a sua condição. O gesto de Jesus antecipa a Cruz, a aceitação da morte pelos pecados do homem. Este gesto de humilhação, com que Jesus quer identificar-se totalmente com o desígnio de amor do Pai, manifesta a plena sintonia de vontade e de intenções que existe entre as Pessoas da Santíssima Trindade. Mediante este gesto de amor, o Espírito de Deus manifesta-se como pomba e desce sobre Ele, e naquele momento o amor que une Jesus ao Pai é testemunhado — a quantos assistem ao batismo — por uma voz vinda do alto, que todos ouvem. O Pai manifesta abertamente aos homens a profunda comunhão que o une ao Filho: a voz que ressoa do alto testemunha que Jesus é totalmente obediente ao Pai, e que esta obediência constitui a expressão do amor que os une entre si. Por isso, o Pai põe a sua complacência em Jesus, porque reconhece no agir do Filho o desejo de cumprir em tudo a sua vontade: «Eis o meu Filho muito amado, no Qual pus toda a Minha complacência» (*Mt* 3, 17). E esta palavra do Pai alude também, antecipadamente, à vitória da ressurreição.

Amados pais, o Batismo que hoje vós pedis para os vossos filhos insere-os neste intercâmbio de amor recíproco que existe em Deus, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo; mediante este gesto que estou prestes a cumprir, derrama-se sobre eles o amor de Deus, inundando-os com os seus dons. Através do lavacro da água, os vossos filhos São inseridos na própria vida de Jesus, que morreu na cruz para nos libertar do pecado e, ressuscitando, venceu a morte. Por isso, imersos espiritualmente na sua morte e ressurreição, eles São libertados do pecado original e, neles, tem

início a vida da graça, que é a própria vida de Jesus ressuscitado. «Ele — afirma São Paulo — entregou-se por nós, a fim de nos resgatar de toda a iniquidade, de nos purificar e de nos constituir como seu povo predilecto, zeloso na prática do bem» (*Tt 2, 14*).

Queridos amigos, doando-nos a fé, o Senhor concedeu-nos o que existe de mais precioso na vida, ou seja, o motivo mais verdadeiro e mais belo pelo qual viver: é pela graça que cremos em Deus, que conhecemos o seu amor, com o qual Ele deseja salvar-nos e libertar-nos do mal. Agora vós, caros pais, padrinhos e madrinhas, pedis à Igreja que receba no seu seio estas crianças, que lhes conceda o Baptismo; e formulais este pedido em função da dádiva da fé que vós mesmos, por vossa vez, recebestes. Juntamente com o profeta Isaías, cada cristão pode repetir: «O Senhor plasmou-me desde o ventre materno, para ser seu servo» (cf. 49, 5); assim, prezados pais, os vossos filhos constituem um dom inestimável do Senhor, que reservou para Si mesmo o coração deles, para o poder cumular com o seu amor. Através do sacramento do Baptismo, hoje consagra-os e chama-os a seguir Jesus, mediante o cumprimento da sua vocação pessoal, em conformidade com aquele particular desígnio de amor que o Pai tem em mente para cada um deles; meta desta peregrinação terrena será a plena comunhão com Ele, na felicidade eterna.

Recebendo o Baptismo, estas crianças obtêm como dádiva um selo espiritual indelével, o «carácter», que assinala para sempre a sua pertença ao Senhor e que os torna membros vivos do seu Corpo místico, que é a Igreja. Enquanto começam a fazer parte do Povo de Deus, para estas crianças hoje tem início um caminho de santidade e de conformação com Jesus, uma realidade que é inserida neles como a semente de uma árvore maravilhosa, que deve poder crescer. Por isso, compreendendo a grandeza deste dom, desde os primeiros séculos houve o cuidado de conferir o Baptismo às crianças recém-nascidas. Sem dúvida, depois será necessária uma adesão livre e consciente a esta vida de fé e de amor, e por isso é preciso que, após o Baptismo, eles sejam educados na fé, instruídos segundo a sabedoria da Sagrada Escritura e os ensinamentos da Igreja, de tal modo que se desenvolva neles o germe da fé que hoje recebem, e possam alcançar a plena maturidade cristã. A Igreja, que os recebe entre os seus filhos, deve assumir a tarefa, juntamente com os pais e os padrinhos,

de os acompanhar ao longo deste caminho de crescimento. A colaboração entre comunidade cristã família é mais necessária do que nunca no actual contexto social, em que a instituição familiar é ameaçada de vários lados e se encontra a enfrentar não poucas dificuldades na sua missão de educar na fé. A falta de referências culturais estáveis e a rápida transformação à qual a sociedade é submetida continuamente tornam deveras árduo o compromisso educativo. Por isso, é necessário que as paróquias se empenhem cada vez mais na assistência às famílias, pequenas Igrejas domésticas, na sua tarefa de transmissão da fé.

Caríssimos pais, convosco dou graças ao Senhor pelo dom do Baptismo destes vossos filhinhos; ao elevar a nossa oração por eles, invoquemos a abundante dádiva do Espírito Santo, que hoje os consagra à imagem de Cristo sacerdote, rei e profeta. Confiando-os à intercessão materna de Maria Santíssima, peçamos pela sua vida e saúde, a fim de que possam crescer a amadurecer na fé e, com a sua vida, dar frutos de santidade e de amor. Amém!

CELEBRAÇÃO DAS SEGUNDAS VÉSPERAS NA CONCLUSÃO DA SEMANA DE ORAÇÃO  
PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS

*Festa da Conversão de São Paulo Apóstolo*  
*Basílica de São Paulo Fora dos Muros*

**Terça-feira, 25 de Janeiro de 2011**

*Prezados irmãos e irmãs!*

Seguindo o exemplo de Jesus, que na vigília da sua paixão rezou ao Pai pelos seus discípulos, «para que todos sejam um só» (Jo 17, 21), os cristãos continuam a invocar incessantemente de Deus o dom da unidade. Este pedido faz-se mais intenso durante a Semana de oração, que se encerra hoje, quando as Igrejas e as Comunidades eclesiais meditam e rezam em conjunto pela unidade de todos os cristãos. Este ano, o tema oferecido à nossa meditação foi proposto pelas Comunidades cristãs de Jerusalém, às quais gostaria de manifestar o meu profundo agradecimento, acompanhado pela certeza do afecto e da oração, tanto da minha parte como de toda a Igreja. Os cristãos da Cidade Santa convidam-nos a renovar e revigorar o nosso compromisso pelo restabelecimento da plena unidade, meditando sobre o modelo de vida dos primeiros discípulos de Cristo, reunidos em Jerusalém: «Eles — lemos nos Actos dos Apóstolos — eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações» (Act 2, 42). É este o retrato da primeira comunidade, nascida em Jerusalém no mesmo dia do Pentecostes, suscitada pela pregação que o Apóstolo Pedro, cheio do Espírito Santo, dirige a todos aqueles que tinham chegado à Cidade Santa para a festividade. Uma comunidade não fechada em si mesma mas, desde o seu nascimento, católica, universal, capaz de abraçar pessoas de diferentes línguas e culturas, como o próprio livro dos *Actos dos Apóstolos* nos testemunha. Uma comunidade não fundada sobre um pacto entre os seus membros, nem pela simples partilha de um programa ou de um ideal, mas pela profunda comunhão com Deus, que se revelou no seu Filho, pelo encontro com Cristo morto e ressuscitado.

Num breve sumário, que conclui o capítulo iniciado com a narração da descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, o evangelista Lucas

apresenta sinteticamente a vida desta primeira comunidade: quantos tinham acolhido a palavra anunciada por Pedro e foram batizados, ouviam a Palavra de Deus, transmitida pelos Apóstolos; permaneciam juntos de bom grado, desempenhando serviços necessários e compartilhando livre e generosamente os bens materiais entre si; celebravam o sacrifício de Cristo na Cruz, o seu mistério de morte e ressurreição, na Eucaristia, repetindo o gesto da fracção do pão; louvavam e davam graças continuamente ao Senhor, invocando a sua ajuda nas dificuldades. Contudo, esta descrição não é simplesmente uma recordação do passado, e nem sequer a apresentação de um exemplo a imitar ou de uma meta ideal a alcançar. Pelo contrário, ela é a afirmação da presença e da obra do Espírito Santo na vida da Igreja. Trata-se de uma confirmação, repleta de confiança, de que o Espírito Santo, unindo todos em Cristo, constitui o princípio da unidade da Igreja e faz de todos os fiéis um só.

A doutrina dos Apóstolos, a comunhão fraterna, a fracção do pão e a oração São as formas concretas de vida da primeira comunidade cristã de Jerusalém, reunida pela obra do Espírito Santo, mas ao mesmo tempo constituem as características essenciais de todas as comunidades cristãs, de todos os tempos e lugares. Em síntese, poderíamos dizer que eles representam também as dimensões fundamentais da unidade do Corpo visível da Igreja.

Temos que ser reconhecidos porque no curso das últimas décadas o movimento ecuménico, surgido «sob o impulso da graça do Espírito Santo» (*Unitatis redintegratio*, 1), deu passos significativos em frente, tornando possível atingir convergências encorajadoras e consensos sobre diversificados aspectos, desenvolvendo entre as Igrejas e as Comunidades eclesiais relações de estima e de respeito recíproco, assim como de colaboração concreta diante dos desafios do mundo contemporâneo. Todavia, sabemos bem que ainda estamos distantes daquela unidade pela qual Cristo rezou e que encontramos reflectida no retrato da primeira comunidade de Jerusalém. A unidade à qual Cristo, mediante o seu Espírito, chama a Igreja não se realiza apenas no plano das estruturas organizativas, mas configura-se a um nível muito mais profundo, como unidade expressa «na confissão de uma só fé, na comum celebração do culto divino e na concórdia fraterna da família de Deus» (*Ibid.*, n. 2). A busca do

restabelecimento da unidade entre os cristãos divididos não pode, portanto, reduzir-se a um reconhecimento das diferenças recíprocas, nem à consecução de uma convivência pacífica: aquilo ao que aspiramos é a unidade pela qual o próprio Cristo rezou e que, por sua natureza, se manifesta na comunhão da fé, dos sacramentos e do ministério. O caminho rumo a esta unidade deve ser sentido como um imperativo moral, resposta a um chamamento específico do Senhor. Por isso, é necessário vencer a tentação da resignação e do pessimismo, que é falta de confiança no poder do Espírito Santo. O nosso dever consiste em continuarmos a percorrer com paixão o caminho rumo àquela meta, com um diálogo sério e rigoroso, para aprofundar o comum património teológico, litúrgico e espiritual; com o conhecimento recíproco; com a formação ecuménica das novas gerações; e, sobretudo, com a conversão do coração e com a oração. De facto, como o Concílio Vaticano II declarou, o «o santo propósito de reconciliar todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja de Cristo excede as forças e a capacidade humana» e, por isso, a nossa esperança deve ser depositada primeiramente «na oração de Cristo pela Igreja, no amor do Pai para conosco e no poder do Espírito Santo» (*Ibid.*, n. 24).

Neste caminho de busca da plena unidade visível entre todos os cristãos acompanha-nos e sustém-nos o Apóstolo Paulo, cuja Festa da Conversão celebramos solenemente no dia de hoje. Antes que lhe aparecesse o Ressuscitado no caminho de Damasco, dizendo-lhe: «Eu sou Jesus, que tu persegues!» (*Act* 9, 5), ele era um dos adversários mais ferozes das primeiras comunidades cristãs. O evangelista Lucas descreve Saulo entre aqueles que aprovaram a morte de Estêvão, nos dias em que ocorria uma violenta perseguição contra os cristãos de Jerusalém (cf. *Act* 8, 1). Da Cidade Santa, Saulo partiu para estender a perseguição dos cristãos até Síria e, depois da sua conversão, voltou ali para ser introduzido aos Apóstolos por Barnabé, que se fez garante da autenticidade do seu encontro com o Senhor. A partir de então, Paulo foi admitido, não só como membro da Igreja, mas também como pregador do Evangelho juntamente com os demais Apóstolos, tendo recebido como eles a manifestação do Senhor Ressuscitado e a vocação especial a ser «instrumento escolhido» para anunciar o seu Nome a todos os povos (cf. *Act* 9, 15). Nas suas longas viagens missionárias, peregrinando por diversas cidades e regiões, Paulo nunca esqueceu o vínculo de comunhão com a Igreja de Jerusalém. A

colecta a favor dos cristãos daquela comunidade, que muito cedo tiveram necessidade de ser socorridos (cf. *1 Cor 16, 1*), ocupou um lugar importante nas preocupações de Paulo, que a considerava não apenas uma obra de caridade, mas o sinal e a garantia da unidade e da comunhão entre as Igrejas por ele fundadas e a Comunidade primitiva da Cidade Santa, um sinal da unidade da única Igreja de Cristo.

Neste clima de intensa oração, desejo dirigir a minha cordial saudação a todos os presentes: ao Cardeal Francesco Monterisi, Arcipreste desta Basílica, ao Cardeal Kurt Koch, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e aos demais Cardeais, aos Irmãos no episcopado e no sacerdócio, ao Abade e aos monges beneditinos desta antiga comunidade, aos religiosos, às religiosas e aos leigos que representam toda a assembleia diocesana de Roma. De modo especial, gostaria de saudar os Irmãos e as Irmãs das outras Igrejas e Comunidades eclesiais aqui representados nesta tarde. Entre eles, é-me particularmente grato dirigir uma saudação aos membros da Comissão mista internacional para o diálogo teológico entre a Igreja católica e as Igrejas Orientais ortodoxas, cuja reunião se realiza em Roma nestes dias. Confiemos ao Senhor o bom êxito do vosso encontro, a fim de que possa representar um passo em frente rumo à tão almejada unidade.

Dirijo uma saudação particular aos representantes da Igreja Unida Evangélica Luterana da Alemanha, que veio a Roma chefiada pelo Bispo regional da Baviera.

Caros irmãos e irmãs, confiantes na intercessão da Virgem Maria, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, invoquemos portanto o dom da unidade. Unidos a Maria, que no dia de Pentecostes estava presente no Cenáculo juntamente com os Apóstolos, dirijamo-nos a Deus, fonte de toda a dádiva, para que se renove para nós hoje o milagre do Pentecostes e, orientados pelo Espírito Santo, todos os cristãos restabeleçam a plena unidade em Cristo. Amém!

## CELEBRAÇÃO DAS VÉSPERAS NA FESTA DA APRESENTAÇÃO DO SENHOR

*Basílica Vaticana*

**Terça-feira, 2 de Fevereiro de 2011**

*Prezados irmãos e irmãs!*

Na festa hodierna contemplamos o Senhor Jesus que Maria e José apresentam no templo «para O oferecer ao Senhor» (Lc 2, 22). Nesta cena evangélica revela-se o mistério do Filho da Virgem, o consagrado do Pai, que veio ao mundo para cumprir fielmente a sua vontade (cf. Hb 10, 5-7). Simeão indica-o como «luz para iluminar as nações» (Lc 2, 32) e anuncia com palavra profética a sua oferta suprema a Deus e a sua vitória final (cf. Lc 2, 32-35). É o encontro dos dois Testamentos, Antigo e Novo. Jesus entra no antigo templo, Ele que é o novo Templo de Deus: vem visitar o seu povo, obedecendo à Lei e inaugurando os tempos últimos da salvação.

É interessante observar de perto este ingresso do Menino Jesus na solenidade do templo, num grande «vaivém» de muitas pessoas, ocupadas com os seus afazeres: os sacerdotes e os levitas com os seus turnos de serviço, os numerosos devotos e peregrinos, desejosos de se encontrar com o Deus santo de Israel. Porém, nenhum deles se dá conta de nada. Jesus é um menino como os outros, filho primogénito de dois pais muito simples. Até os sacerdotes São incapazes de captar os sinais da nova e especial presença do Messias e Salvador. Só dois anciãos, Simeão e Ana, descobrem a grande novidade. Guiados pelo Espírito Santo, eles encontram nesse Menino o cumprimento da sua longa espera e vigilância. Ambos contemplam a luz de Deus, que vem iluminar o mundo, e o seu olhar profético abre-se ao futuro, como anúncio do Messias: «*Lumen ad revelationem gentium!*» (Lc 2, 32). Na atitude profética dos dois anciãos está toda a Antiga Aliança que exprime a alegria do encontro com o Redentor. Ao virem o Menino, Simeão e Ana intuem que Ele é precisamente o Esperado.

A Apresentação de Jesus no templo constitui um ícone eloquente da doação total da própria vida por quantos, homens e mulheres, São

chamados a reproduzir na Igreja e no mundo, mediante os conselhos evangélicos, «os traços característicos de Jesus casto, pobre e obediente» (*Vita consecrata*, 1). Por isso, a Festa hodierna foi escolhida pelo Venerável João Paulo II para celebrar o anual Dia da Vida Consagrada. Neste contexto, dirijo uma saudação cordial e reconhecida a D. João Braz de Aviz, que há pouco nomeei Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e para as Sociedades de Vida Apostólica, com o Secretário e os colaboradores. Saúdo com afecto os Superiores-Gerais presentes e todas as pessoas consagradas.

Gostaria de propor três breves pensamentos para a reflexão nesta Festa. O primeiro: o ícone evangélico da Apresentação de Jesus no templo contém o símbolo fundamental da luz que, partindo de Cristo, se irradia sobre Maria e José, sobre Simeão e Ana e, através deles, sobre todos. Os Padres da Igreja uniram esta irradiação ao caminho espiritual. A vida consagrada exprime este caminho de modo especial como «*filocalia*», amor pela beleza divina, reflexo da bondade de Deus (cf. *ibid.*, 19). No rosto de Cristo resplandece a luz de tal beleza. «A Igreja contempla o rosto transfigurado de Cristo, para se confirmar na fé e não correr o risco de perder ao ver o seu rosto desfigurado na Cruz... ela é a Esposa na presença do Esposo, que participa do seu mistério, envolvida pela sua luz, [que] atinge todos os seus filhos... Mas uma singular experiência dessa luz que dimana do Verbo encarnado é feita, sem dúvida, pelos que São chamados à vida consagrada. Na verdade, a profissão dos conselhos evangélicos coloca-os como sinal e profecia para a comunidade dos irmãos e para o mundo» (*Ibid.*, 15).

Em segundo lugar, o ícone evangélico manifesta a profecia, dom do Espírito Santo. Contemplando o Menino Jesus, Simeão e Ana vislumbram o seu destino de morte e ressurreição para a salvação de todos os povos e anunciam tal mistério como salvação universal. A vida consagrada é chamada a tal testemunho profético, ligado à sua dupla atitude contemplativa e activa. De facto, aos consagrados e consagradas é dado manifestar o primado de Deus, a paixão pelo Evangelho praticado como forma de vida e anunciado aos pobres e aos últimos da terra. «Em virtude desta primazia, nada pode ser preferido ao amor pessoal por Cristo e pelos pobres, nos quais Ele vive. A verdadeira profecia nasce de Deus, da amizade com Ele, da escuta diligente da sua Palavra nas diversas

circunstâncias da história» (*Ibid.*, 84). Deste modo a vida consagrada, na sua vivência diária pelos caminhos da humanidade, manifesta o Evangelho e o Reino já presente e concreto.

Em terceiro lugar, o ícone evangélico da Apresentação de Jesus no templo expressa a sabedoria de Simeão e Ana, a sabedoria de uma vida dedicada totalmente à busca do rosto de Deus, dos seus sinais, da sua vontade; uma vida dedicada à escuta e ao anúncio da sua Palavra. «*“Faciem tuam, Domine, requiram”*: busco a vossa face, ó Senhor (*Sl* 26, 8)... A vida consagrada é no mundo e na Igreja sinal visível desta busca do rosto do Senhor e dos caminhos que a Ele conduzem (cf. *Jo* 14, 8)... A pessoa consagrada testemunha portanto o empenho alegre e diligente da busca assídua e sábia da vontade divina» (cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e para as Sociedades de Vida Apostólica, Instrução *O serviço da autoridade e a obediência. Faciem tuam Domine requiram* [2008], 1).

Caros irmãos e irmãs, sede ouvintes assíduos da Palavra, porque toda a sabedoria de vida nasce da Palavra do Senhor! Sede perscrutadores da Palavra através da lectio divina, porque a vida consagrada «nasce da escuta da Palavra de Deus e acolhe o Evangelho como sua norma de vida». Deste modo, viver no seguimento de Cristo casto, pobre e obediente é uma “exegese” viva da Palavra de Deus. O Espírito Santo, por cuja virtude foi escrita a Bíblia, é o mesmo que ilumina a Palavra de Deus, com nova luz, para os fundadores e fundadoras. Dela brotou cada um dos carismas e dela cada regra quer ser expressão, dando origem a itinerários de vida cristã marcados pela radicalidade evangélica» (*Verbum Domini*, 83).

Hoje vivemos, sobretudo nas sociedades mais avançadas, uma condição muitas vezes marcada por uma pluralidade radical, por uma marginalização progressiva da religião da esfera pública, de um relativismo que atinge os valores fundamentais. Isto exige que o nosso testemunho cristão seja luminoso e coerente, e que o nosso esforço educativo seja cada vez mais atento e generoso. A vossa obra apostólica, em particular, dilectos irmãos e irmãs, se torne empenho de vida que acede com paixão perseverante à Sabedoria como verdade e beleza, «esplendor da verdade». Sabei orientar com a sabedoria da vossa vida, e com a confiança nas possibilidades

inesgotáveis da verdadeira educação, a inteligência e o coração dos homens e das mulheres do nosso tempo em relação à «vida boa do Evangelho».

Neste momento, dirijo o meu pensamento com carinho especial a todos os consagrados e consagradas, em todas as partes da terra, enquanto vos confio à Bem-Aventurada Virgem Maria:

Ó Maria, Mãe da Igreja,  
confio-te toda a vida consagrada,  
para que lhe obtenhas a plenitude da luz divina:  
viva na escuta da Palavra de Deus,  
na humildade da sequela de Jesus, teu Filho e nosso Senhor,  
no acolhimento da visita do Espírito Santo,  
na alegria diária do *magnificat*,  
a fim de que a Igreja seja edificada pela santidade de vida  
destes teus filhos e filhas,  
no mandamento do amor. Amém!

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA A ORDENAÇÃO DE CINCO ARCEBISPOS

*Basílica Vaticana*

**Sábado 5 de Fevereiro de 2011**

*Estimados irmãos e irmãs!*

Saúdo carinhosamente estes cinco Irmãos Presbíteros que daqui a pouco receberão a Ordenação episcopal: Mons. Savio Hon Tai-Fai, Mons. Marcello Bartolucci, Mons. Celso Morgia Iruzubieta, Mons. Antonio Guido Filipazzi e Mons. Edgar Peña Parra. Desejo manifestar-lhes a minha gratidão, assim como a da Igreja, pelo serviço que até agora desempenharam com generosidade e dedicação, e formular o convite a acompanhá-los com a oração no ministério ao qual são chamados na Cúria Romana e nas Representações pontifícias como Sucessores dos Apóstolos, a fim de que sejam sempre iluminados e orientados pelo Espírito Santo na messe do Senhor.

«A messe é abundante, mas os trabalhadores são poucos! Orai, pois, ao Senhor da messe, para que envie trabalhadores para a sua messe!» (*Lc* 10, 2). Esta palavra do Evangelho da Missa de hoje diz-nos respeito particularmente de perto nesta hora. É a hora da missão: o Senhor envia-vos, estimados amigos, para a sua messe. Tendes o dever de cooperar naquela função de que fala o profeta Isaías na primeira leitura: «O Senhor mandou-me a levar o feliz anúncio aos miseráveis, a curar as chagas dos corações feridos» (*Is* 61, 1). É nisto que consiste o trabalho para a messe, no campo de Deus, no campo da história humana: levar aos homens a luz da verdade, libertá-los da pobreza de verdade, que é a verdadeira tristeza e a verdadeira pobreza do homem. Levar-lhes o feliz anúncio que não é apenas uma palavra, mas um acontecimento: Deus, Ele mesmo, veio entre nós. Ele toma-nos pela mão, eleva-nos rumo a Si próprio, e assim o coração ferido é curado. Demos graças ao Senhor, porque Ele envia trabalhadores para a messe da história do mundo. Demos-lhe graças, porque Ele vos envia a vós, porque dissestes sim e porque neste momento pronunciareis novamente o vosso «sim» e sereis os trabalhadores do Senhor para os homens.

«A messe é abundante» — também hoje, precisamente hoje. Embora possa parecer que uma grande parte do mundo moderno, dos homens de hoje, voltem as costas para Deus e considerem a fé algo do passado — todavia existe o anseio de que finalmente sejam estabelecidos a justiça, o amor e a paz, de que a pobreza e o sofrimento sejam ultrapassados, de que os homens encontrem a alegria. Todo este anseio está presente no mundo contemporâneo, o anseio por aquilo que é grandioso, por quanto é bom. Trata-se da saudade do Redentor, do próprio Deus, mesmo lá onde Ele é negado. Precisamente nesta hora, o trabalho no campo de Deus é de modo particular urgente e precisamente nesta hora nós sentimos de maneira particularmente dolorosa a verdade da palavra de Jesus: «Os trabalhadores são poucos». Ao mesmo tempo, o Senhor permite-nos compreender que não podemos ser simplesmente nós, sozinhos, a enviar operários para a sua messe; que não se trata de uma questão de *management*, da nossa própria capacidade organizativa. Os trabalhadores para o campo da sua messe, só o próprio Deus os pode enviar. No entanto, Ele deseja enviá-los através da porta da nossa oração. Nós podemos cooperar para a vinda dos trabalhadores, mas só o podemos fazer, cooperando com Deus. Deste modo, esta hora da acção de graças pela realização de um envio em missão constitui, de maneira particular, também a hora da oração: Senhor, enviai trabalhadores para a vossa messe! Abri os corações ao vosso chamamento! Não permitais que a nossa súplica seja vã!

Por conseguinte, a liturgia do presente dia oferece-nos duas definições da vossa missão de Bispos, de sacerdotes de Jesus Cristo: ser trabalhadores na messe da história do mundo, com a tarefa de purificar, abrindo as portas do mundo ao senhorio de Deus, a fim de que a vontade de Deus seja feita, assim na terra como no céu. Além disso, o nosso ministério é descrito como cooperação na missão de Jesus Cristo, como participação no dom do Espírito Santo, concedido a Ele enquanto Messias, o Filho ungido por Deus. *A Carta aos Hebreus* — a segunda leitura — completa-o ainda a partir da imagem do sumo sacerdote Melquisedec, que é uma referência misteriosa a Cristo, o verdadeiro Sumo Sacerdote, o Rei da paz e de justiça.

Contudo, gostaria de dizer também algo sobre o modo como esta grande tarefa deve ser desempenhada a nível prático — sobre aquilo que ela exige concretamente de nós. Por ocasião da Semana de Oração pela Unidade dos

Cristãos, as Comunidades cristãs de Jerusalém tinham escolhido para este ano as palavras dos *Actos dos Apóstolos*, em que São Lucas quer explicar de modo normativo quais são os elementos fundamentais da existência cristã na comunhão da Igreja de Jesus Cristo. Ele exprime-se assim: «Eram assíduos no ensino dos Apóstolos e na comunhão, na fracção do pão e nas orações» (*Act 2, 42*). Nestes quatro elementos fundamentais do ser da Igreja está descrita, contemporaneamente, a tarefa essencial dos seus Pastores. Estes quatro elementos são conservados em unidade, mediante a expressão «eram assíduos» — «*erant perseverantes*»: a Bíblia latina traduz assim a expressão grega: a perseverança, a assiduidade, pertence à essência do ser cristão, e é fundamental para a sua tarefa de Pastores, de trabalhadores na messe do Senhor. O Pastor não deve ser uma vara no pântano, que se inclina segundo o sopro do vento, um servo do espírito do tempo. O ser intrépido, a coragem de se opor às correntes do momento, pertence de maneira essencial à tarefa do Pastor. Ele não deve ser uma vara no pântano, mas sim — segundo a imagem do primeiro Salmo — deve ser como uma árvore que tem raízes profundas, nas quais se encontra solidamente arraigada. Isto nada tem a ver com a rigidez ou a inflexibilidade. Somente onde existe estabilidade há também crescimento. O cardeal Newman, cujo caminho foi caracterizado por três conversões, afirma que viver é transformar-se. Contudo, as suas três conversões e as transformações nelas ocorridas constituem um único caminho coerente: o caminho da obediência à verdade, a Deus; o caminho da verdadeira continuidade, que precisamente deste modo faz progredir.

«Assíduos no ensino dos Apóstolos» — a fé tem um conteúdo concreto. Não é uma espiritualidade indeterminada, uma sensação indefinível para a transcendência. Deus agiu, e foi precisamente Ele que falou. Realizou realmente algo, e disse algo de maneira autêntica. Sem dúvida, a fé é em primeiro lugar um confiar-se a Deus, uma relação viva com Ele. Mas o Deus ao qual nos confiamos tem um rosto e concedeu-nos a sua Palavra. Podemos contar com a estabilidade da sua Palavra. A Igreja antiga resumiu o núcleo essencial do ensinamento dos Apóstolos na chamada *Regula fidei* que, em síntese, é idêntica às Profissões de Fé. Eis o fundamento confiável, sobre o qual também nós cristãos nos fundamentamos hoje. Trata-se da base segura sobre a qual podemos construir a casa da nossa fé, da nossa vida (cf. *Mt 7, 24 ss.*). E, mais uma vez, a estabilidade e a definitividade daquilo em

que acreditamos não significam rigidez. João da Cruz comparava o mundo da fé com uma mina em que descobrimos sempre novos tesouros — tesouros em que se desenvolvem a única fé, a profissão do Deus que se manifesta em Cristo. Como Pastores da Igreja, vivemos desta fé e assim podemos também anunciá-la como a alegre mensagem que nos torna seguros do amor de Deus e do facto de sermos por Ele amados.

O segundo pilar da existência eclesial é definido por São Lucas como —*communio*. Depois do Concílio Vaticano II, este termo tornou-se uma palavra fulcral da teologia e do anúncio porque nele, com efeito, se manifestam todas as dimensões do ser cristão e da vida eclesial. O que Lucas quer expressar, precisamente, com tal palavra neste texto não o sabemos. Por conseguinte, podemos tranquilamente compreendê-la com base no contexto global do Novo Testamento e da Tradição apostólica. Uma primeira grande definição de *communio* foi feita por São João, no início da sua *Primeira Carta*: aquilo que vimos e ouvimos, aquilo que as nossas mãos tocaram, é quanto vos anunciamos, para que também vós estejais em *communio* connosco. E a nossa *communio* é comunhão com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo (cf. *1 Jo* 1, 1-4). Por nós, Deus tornou-se visível e tocável, e deste modo criou uma comunhão real com Ele mesmo. Entramos em tal comunhão através do acto de crer e de viver juntamente com aqueles que O tocaram. Com eles, e através deles, nós mesmos de certa forma podemos vê-lo, e tocamos o Deus que se fez próximo. Assim, a dimensão horizontal e a dimensão vertical estão aqui inseparavelmente entrelaçadas entre si. Mediante o acto de estarmos em comunhão com os Apóstolos, de estarmos na sua fé, nós mesmos entramos em contacto com o Deus vivo. Caros amigos, para esta finalidade serve o ministério dos Bispos: que esta corrente da comunhão não se interrompa. Esta é a essência da Sucessão apostólica: conservar a comunhão com aqueles que encontraram o Senhor de forma visível e tangível, e assim manter aberto o Céu, a presença de Deus no meio de nós. Somente através da comunhão com os Sucessores dos Apóstolos, também nós entramos em contacto com o Deus encarnado. Mas também o contrário é válido: só graças à comunhão com Deus, somente graças à comunhão com Jesus Cristo, esta cadeia das testemunhas permanece unida. Ninguém jamais é bispo sozinho, diz-nos o Concílio Vaticano II, mas sempre exclusivamente no colégio dos Bispos. Além disso, ele não pode encerrar-se no tempo da própria geração. À colegialidade

pertence o entrelaçamento de todas as gerações, a Igreja viva de todos os tempos. Vós, estimados Irmãos no Episcopado, tendes a missão de conservar esta comunhão católica. Sabei que o Senhor encarregou São Pedro e os seus sucessores para serem o centro de tal comunhão, os garantes da permanência na totalidade da comunhão apostólica e da sua fé. Oferecei a vossa ajuda a fim de que permaneça viva a alegria pela grande unidade da Igreja, pela comunhão de todos os lugares e tempos, pela comunhão da fé que abarca o céu e a terra. Vivei a *communio* e vivei com o coração, dia após dia, o seu fulcro mais profundo naquele momento sagrado, em que o próprio Senhor se oferece na sagrada Comunhão.

Assim, chegamos ao sucessivo elemento fundamental da existência eclesial, mencionado por São Lucas: a fracção do pão. Nesta altura, o olhar do Evangelista volta atrás, rumo aos discípulos de Emaús, que reconheceram o Senhor pelo gesto da fracção do pão. E dali, o olhar volta ainda atrás, para a hora da Última Ceia em que Jesus, ao partir o pão, se distribuiu a si mesmo, tornando-se pão para nós e antecipando a sua morte e a sua ressurreição. Partir o pão — a sagrada Eucaristia constitui o fulcro da Igreja e deve ser o centro do nosso ser cristãos e da nossa vida sacerdotal. O Senhor concede-se a nós. O Ressuscitado entra no meu íntimo e deseja transformar-se para me fazer entrar numa profunda comunhão com Ele. Deste modo, abre-me também a todos os outros: nós, os muitos, somos um só pão e um só corpo, diz São Paulo (cf. *1 Cor* 10, 17). Procuremos celebrar a Eucaristia com uma dedicação, um fervor cada vez mais profundo, procuremos cadenciar os nossos dias em conformidade com a sua medida, procuremos deixar-nos plasmar por ela. Partir o pão — é assim que se exprime ao mesmo tempo também a partilha, a transmissão do nosso amor pelo próximo. A dimensão social, a partilha não constitui um suplemento moral que se acrescenta à Eucaristia, mas faz parte dela. Isto manifesta-se com clareza, precisamente a partir do versículo que, nos Actos dos Apóstolos, se segue àquele que acaba de ser citado: «Todos os fiéis... conservavam tudo em comum», afirma Lucas (2, 44). Prestemos atenção a fim de que a fé se manifeste sempre no amor e na justiça de uns em relação aos outros, e que a nossa práxis social seja inspirada pela fé; e que a fé seja vivida no amor.

Como último pilar da existência eclesial, Lucas menciona «as orações». Ele fala no plural: orações. O que quer dizer com isto? Provavelmente, ele pensa na participação da primeira Comunidade de Jerusalém nas orações no templo, nos ordenamentos comuns da oração. Deste modo, põe-se em evidência algo importante. Por um lado, a oração deve ser muito pessoal, um unir-se a Deus no mais profundo. Deve ser a minha luta com Ele, a minha busca dele, a minha acção de graças por Ele e a minha alegria nele. Todavia, nunca é exclusivamente algo particular do meu «eu» individual, que não diz respeito aos outros. Rezar é, essencialmente, também sempre um orar no «nós» dos filhos de Deus. Somente neste «nós» somos filhos do Pai *nosso*, que o Senhor nos ensinou a recitar. Só este «nós» nos abre o caminho para o Pai, por um lado, a nossa oração deve tornar-se cada vez mais pessoal, tocar e penetrar sempre mais profundamente o núcleo do nosso «eu». Por outro, deve alimentar-se sempre da comunhão dos orantes, da unidade do Corpo de Cristo, para me plasmar verdadeiramente a partir do amor de Deus. Assim o rezar, em última análise, não constitui uma actividade no meio das outras, um determinado espaço do meu tempo. Rezar é a resposta ao imperativo que se encontra no início do Cânone, na Celebração eucarística: *Sursum corda* — corações ao alto! É a ascensão da minha existência rumo à altura de Deus. Em São Gregório Magno encontra-se uma bonita palavra a este propósito. Ele recorda que Jesus chama a João Baptista uma «lâmpada que arde e resplandece» (*Jo* 5, 35), e continua: «Ardente pelo desejo celeste, resplandecente pela palavra. Por conseguinte, a fim de que seja conservada a veridicidade do anúncio, deve ser conservada a altura da vida» (*Hom. in Ez.* 1, 11, 7, CCL 142, 134). A altura, a medida alta da vida, que precisamente hoje é tão essencial para o testemunho a favor de Jesus Cristo, só podemos encontrá-la se na oração nos deixarmos, continuamente, atrair por Ele rumo à sua própria altura.

*Duc in altum* (*Lc* 5, 4) — Fazei-vos ao largo e lançai as redes para a pesca. É quanto disse Jesus a Pedro e aos seus companheiros, quando os chamou a tornar-se «pescadores de homens». *Duc in altum* — o Papa João Paulo ii, nos seus últimos anos, retomou com vigor estas palavras, proclamando-as em voz alta aos discípulos do Senhor de hoje. *Duc in altum* — diz o Senhor nesta hora também a vós, queridos amigos. Fostes chamados para assumir cargos relacionados com a Igreja universal. Sois chamados a lançar a rede do Evangelho no mar agitado deste tempo, para

obter a adesão dos homens a Cristo; para os retirar, por assim dizer, das águas salinas da morte e da obscuridade em que a luz do céu não penetra. Deveis levá-los para a terra da vida, na comunhão com Jesus Cristo.

Num trecho do primeiro livro da sua obra sobre a Santíssima Trindade, Santo Hilário de Poitiers irrompe, repentinamente, numa oração: é por isso que rezo, «a fim de que Vós enchais as velas desfraldadas da nossa fé e da nossa profissão, com o sopro do vosso Espírito, e que me impulsione para a frente, na travessia do meu anúncio» (*I 37, CCL 62, 35 s.*). Sim, por isso oremos nesta hora por vós, dilectos amigos. Por conseguinte, desfraldai as velas das vossas almas, as velas da fé, da esperança e do amor, a fim de que o Espírito Santo possa enchê-las e conceder-vos realizar uma viagem abençoada como pescadores de homens no oceano do nosso tempo. Amém.

ESTAÇÕES QUARESMAIS E PROCISSÃO PENITENCIAL DA IGREJA DE SANTO ANSELMO  
À BASÍLICA DE SANTA SABINA NO AVENTINO

SANTA MISSA, BÊNÇÃO E IMPOSIÇÃO DAS CINZAS

*Basílica de Santa Sabina*

**Quarta-feira de Cinzas, 9 de Março de 2011**

*Queridos irmãos e irmãs!*

Iniciamos hoje o tempo litúrgico da Quaresma com o rito sugestivo da imposição das cinzas, através do qual queremos assumir o compromisso de converter o nosso coração para os horizontes da Graça. Em geral, na opinião comum, este tempo corre o risco de ser conotado pela tristeza, pela desolação da vida. Ao contrário, ela é dom precioso de Deus, é tempo forte e denso de significados no caminho da Igreja, é o itinerário rumo à Páscoa do Senhor. As Leituras bíblicas da celebração de hoje oferecem-nos indicações para viver em plenitude esta experiência espiritual.

«Convertei-vos a Mim de todo o vosso coração» (*Jl 2, 12*). Na primeira Leitura, tirada do livro do profeta Joel, ouvimos estas palavras com as quais Deus convida o povo judaico a um arrependimento sincero e não aparente. Não se trata de uma conversão superficial e transitória, mas de um percurso espiritual que diz respeito em profundidade às atitudes da consciência e supõe uma intenção sincera de correcção. O profeta inspira-se na praga da invasão dos gafanhotos que atingiu o povo destruindo as colheitas, para convidar a uma penitência interior, a dilacerar o coração e não as vestes (cf. *2, 13*). Isto é, trata-se de tomar uma atitude de conversão autêntica a Deus — voltar para Ele — reconhecendo a sua santidade, o seu poder, a sua majestade. E esta conversão é possível porque Deus é rico de misericórdia e grande no amor. A sua misericórdia é regeneradora, gera em nós um coração puro, renova no íntimo um espírito firme, restituindo-nos à alegria da salvação (cf. *Sl 50, 14*). De facto, Deus não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva (cf. *Ez 33, 11*). Assim o profeta Joel ordena, em nome do Senhor, que se crie um ambiente penitencial propício: é preciso tocar a trombeta, dar o alarme, despertar as consciências. O período quaresmal propõe-nos este âmbito litúrgico e penitencial: um caminho de

quarenta dias durante os quais experimentar de modo eficaz o amor misericordioso de Deus. Hoje ressoa para nós o apelo: «Convertei-vos a Mim de todo o vosso coração»; hoje quem é chamado a converter o coração a Deus somos nós, sempre conscientes de não poder realizar a nossa conversão sozinhos, unicamente com as nossas forças, porque é Deus quem nos converte. Ele ainda nos oferece o seu perdão, convidando-nos a voltar para Ele para que nos dê um coração novo, purificado do mal que o oprime, para fazer com que participemos da sua glória. O nosso mundo precisa de ser convertido por Deus, tem necessidade do seu perdão, do seu amor, precisa de um coração novo.

«Deixai-vos reconciliar com Deus» (2 Cor 5, 20). Na segunda Leitura, São Paulo oferece-nos outro elemento no caminho da conversão. O Apóstolo convida a desviar o olhar dele e a dedicar atenção a quem o convidou e ao conteúdo da mensagem que traz: «Somos, por conseguinte, embaixadores de Cristo, e é Deus que vos exorta por nosso intermédio. Suplicamos-vos, pois, em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus» (*Ibid.*). Um embaixador repete o que ouviu pronunciar pelo seu Senhor e fala com a autoridade e dentro dos limites que recebeu. Quem desempenha a função de embaixador não deve chamar a atenção para si mesmo, mas pôr-se ao serviço da mensagem que deve transmitir e de quem o enviou. Assim se comporta São Paulo no desempenho do seu ministério de pregador da Palavra de Deus e de Apóstolo de Jesus Cristo. Ele não se retira perante a tarefa que recebeu, mas cumpre-a com total dedicação, convidando a abrir-se à Graça, a deixar que Deus nos converta: «Sendo Seus colaboradores — escreve — exortamos-vos a que não recebais em vão a graça de Deus» (2 Cor 6, 1). «O apelo de Cristo à conversão — diz-nos o Catecismo da Igreja Católica — continua a ressoar na vida dos cristãos. [...] é um compromisso contínuo para toda a Igreja que “tem no seu seio os pecadores” e que, “ao mesmo tempo santa mas sempre necessitada de purificação, se dedica sem cessar à penitência e à sua renovação”. Este esforço de conversão não é apenas uma obra humana. É o dinamismo do “coração constrangido” (Sl 51, 19), atraído e movido pela graça a responder ao amor misericordioso de Deus que nos amou primeiro» (n. 1428). São Paulo fala aos cristãos de Corinto, mas através deles pretende dirigir-se a todos os homens. De facto, todos precisam da graça de Deus, que ilumine a mente e o coração. E o Apóstolo insiste: «Este é o tempo favorável; este é o

dia da salvação» (2 Cor 6, 2). Todos se podem abrir à acção de Deus, ao seu amor; com o nosso testemunho evangélico, nós cristãos devemos ser uma mensagem viva, aliás, em muitos casos somos o único Evangelho que os homens de hoje ainda lêem. Eis a nossa responsabilidade nas pegadas de São Paulo, eis um motivo a mais para viver bem a Quaresma: oferecer o testemunho da fé viva a um mundo em dificuldade que precisa de voltar para Deus, que tem necessidade de conversão.

«Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para vos tornardes notados por eles» (Mt 6, 1). Jesus, no Evangelho de hoje, relê as três obras fundamentais de piedade previstas pela lei mosaica. A esmola, a oração e o jejum caracterizam o judeu que respeita a lei. No decorrer do tempo, estas prescrições tinham sido corroídas pela ferrugem do fundamentalismo exterior, ou até se tinham transformado num sinal de superioridade. Jesus põe em evidência nestas três obras de piedade uma tentação comum. Quando realizamos algo de bom, quase instintivamente surge o desejo de sermos estimados e admirados pelas acções boas, isto é, de ter uma satisfação. E isto, por um lado, leva a um fechamento em nós mesmos, por outro, conduz para fora de nós próprios, porque vivemos projectados para aquilo que os outros pensam de nós e admiram em nós. Ao repropor estas prescrições, o Senhor Jesus não exige um respeito formal por uma lei alheia ao homem, imposta por um legislador severo como um fardo pesado, mas convida a redescobrir estas três obras de piedade vivendo-as de modo mais profundo, não por amor próprio, mas por amor a Deus, como meios no caminho de conversão a Ele. Esmola, oração e jejum: é o percurso da pedagogia divina que nos acompanha, não só na Quaresma, rumo ao encontro com o Senhor Ressuscitado: um percurso que se deve percorrer sem ostentação, na certeza de que o Pai celeste sabe ler e ver também no segredo do nosso coração.

Queridos irmãos e irmãs, iniciemos confiantes e rejubilantes o itinerário quaresmal. Quarenta dias nos separam da Páscoa. Este tempo «forte» do ano litúrgico é um tempo propício que nos é doado para corresponder, com maior empenho, à nossa conversão, para intensificar a escuta da Palavra de Deus, a oração e a penitência, abrindo o coração à aceitação dócil da vontade divina, para uma prática mais generosa da mortificação, graças à

qual ir mais amplamente em ajuda do próximo necessitado: um itinerário espiritual que nos prepara para reviver o Mistério pascal.

Maria, nossa guia no caminho quaresmal, nos conduza a um conhecimento cada vez mais profundo de Cristo, morto e ressuscitado, nos ajude no combate espiritual contra o pecado, nos ampare ao invocar com vigor: «*Converte nos, Deus salutaris noster*» — Convertei-nos a Vós, ó Deus, nossa salvação».

Amém!

**Domingo, 20 de Março de 2011**

*Estimados irmãos e irmãs!*

Sinto-me muito feliz por estar no meio de vós, para celebrar um acontecimento significativo como a Dedicção a Deus e ao serviço da comunidade desta igreja intitulada a São Corbiniano. A Providência quis que este nosso encontro tivesse lugar no 2º Domingo de Quaresma, caracterizado pelo Evangelho da Transfiguração de Jesus. Por isso, hoje temos a aproximação entre dois elementos, ambos muito importantes: por um lado, o mistério da Transfiguração e, por outro, o do templo, ou seja da casa de Deus no meio das vossas casas. As Leituras bíblicas que ouvimos foram escolhidas para iluminar estes dois aspectos.

A Transfiguração. O evangelista Mateus narrou-nos aquilo que aconteceu quando Jesus subiu a um monte alto, levando consigo três dos seus discípulos: Pedro, Tiago e João. Enquanto estavam lá em cima, sozinhos, o rosto de Jesus tornou-se fulgurante, assim como as suas vestes. É a isto que chamamos «Transfiguração»: um mistério luminoso, confortador. Qual é o seu significado? A Transfiguração é uma revelação da pessoa de Jesus, da sua profunda realidade. Com efeito, as testemunhas oculares de tal acontecimento, ou seja os três Apóstolos, foram envolvidos por uma nuvem, também ela luminosa — que na Bíblia anuncia sempre a presença de Deus — e ouviram uma voz que dizia: «Eis o meu Filho muito amado, em quem pus todo o meu enlevo; escutai-O!» (Mt 17, 5). Mediante este acontecimento, os discípulos São preparados para o mistério pascal de Jesus: superar a terrível prova da paixão e compreender bem o acontecimento luminoso da ressurreição.

A narração fala também de Moisés e Elias, que apareceram e conversaram com Jesus. Efectivamente, este episódio está relacionado com outras duas revelações divinas. Moisés tinha subido ao monte Sinai, e ali tivera a revelação de Deus. Pedira para ver a sua glória, mas Deus respondera-lhe que não o teria visto face a face, mas só por detrás (cf. Êx 33, 18-23). De modo análogo, também Elias teve uma revelação de Deus

sobre o monte: uma manifestação mais íntima, não com uma tempestade, com um tremor de terra ou com o fogo, mas com uma brisa ligeira (cf. *1 Rs* 19, 11-13). Diversamente do que aconteceu nestes dois episódios, na Transfiguração não é Jesus que recebe a revelação de Deus, mas é precisamente nele que Deus se revela e que revela o seu rosto aos Apóstolos. Portanto, quem quer conhecer Deus, deve contemplar o rosto de Jesus, o seu rosto transfigurado: Jesus é a revelação perfeita da santidade e da misericórdia do Pai. Além disso, recordemos que no monte Sinai Moisés recebeu também a revelação da vontade de Deus: os dez Mandamentos. Além disso, ainda sobre o monte, Elias recebeu de Deus a revelação divina de uma missão a cumprir. Jesus, ao contrário, não recebe a revelação daquilo que deverá cumprir: já o conhece; São sobretudo os Apóstolos que ouvem, na nuvem, a voz de Deus que comanda: «Escutai-o!». A vontade de Deus revela-se plenamente na pessoa de Jesus. Quem quer viver segundo a vontade de Deus, deve seguir Jesus, ouvi-lo, aceitar as suas palavras e, com a ajuda do Espírito Santo, aprofundá-las. Este é o primeiro convite que desejo dirigir-vos, caros amigos, com grande afecto: cresci no conhecimento e no amor a Cristo, quer como indivíduos, quer como comunidade paroquial, encontrai-O na Eucaristia, na escuta da sua palavra, na oração e na caridade.

O segundo ponto é a Igreja, como edifício e principalmente como comunidade. No entanto, antes de meditar sobre a Dedicção da vossa igreja, gostaria de vos dizer que existe um motivo particular que aumenta a minha alegria por me encontrar hoje convosco. Com efeito, São Corbiniano é o fundador da diocese de Freising, na Baviera, da qual fui bispo durante quatro anos. No meu brasão episcopal, eu quis inserir um elemento estritamente associado à história deste santo: o urso. Um urso — assim é narrado — tinha devorado o cavalo de Corbiniano, que estava a caminho de Roma. Ele repreendeu-o duramente, conseguiu domesticá-lo e carregou sobre as suas costas a bagagem que, até àquele momento, tinha sido carregado pelo cavalo. O urso transportou aquele fardo até Roma, e somente aqui o santo o libertou.

Talvez este seja o momento para dizer duas palavras sobre a vida de São Corbiniano. São Corbiniano era francês, sacerdote da região de Paris, e tinha fundado um mosteiro nos arredores daquela cidade. Era muito

estimado como conselheiro espiritual, mas procurava sobretudo a contemplação e, por isso, veio a Roma para fundar um mosteiro aqui, junto aos túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo. Mas o Papa Gregório II — estamos mais ou menos no ano 720 — estimava as suas qualidades, tinha compreendido as suas qualidades, ordenou-o bispo, encarregando-o de ir à Baviera e anunciar o Evangelho naquela terra: o Papa pensava no país entre o Danúbio e os Alpes, que durante quinhentos anos tinha sido a província romana da Récia; só no final do século v a população latina tinha voltado em grande parte para a Itália. Ali permaneceram poucos, pessoas simples; a terra era pouco habitada e ali chegara uma nova população, o povo bávaro, que tinha encontrado uma herança cristã porque o país fora cristianizado na época romana. O povo bávaro compreendera imediatamente que esta era a verdadeira religião, e queria tornar-se cristão, mas faltavam pessoas cultas, havia escassez de sacerdotes para anunciar o Evangelho. E deste modo, o Cristianismo permanecera muito fragmentário, numa fase inicial. O Papa conhecia esta situação, conhecia a sede de fé que havia naquele país e, por isso, incumbiu São Corbiniano de partir para lá com a finalidade de anunciar o Evangelho. E em Freising, na cidade do duque, no cimo de uma colina, o santo construiu a Catedral — onde já encontrara um santuário dedicado a Nossa Senhora — e onde permaneceu durante mais de mil anos a sede do bispo. Só depois do período napoleónico, ela foi transferida trinta quilómetros mais ao sul, em München. Ainda hoje é chamada diocese de München e Freising, e a majestosa catedral românica de Freising permanece o coração da diocese. Assim vemos como os santos contribuem para a unidade e a universalidade da Igreja. A universalidade: São Corbiniano une a França, a Alemanha e Roma. A unidade: São Corbiniano diz-nos que a Igreja está fundada sobre Pedro e garante-nos também a perenidade da Igreja, construída sobre a rocha, que há mil anos era a mesma Igreja de hoje, porque o Senhor é sempre o mesmo. Ele é sempre a Verdade, sempre antiga e sempre nova, extremamente actual, presente, é a chave que abre ao futuro.

Agora, gostaria de agradecer a quantos contribuíram para construir esta igreja. Sei como a diocese de Roma se empenha para garantir a cada um dos bairros, conjuntos paroquiais que sejam adequados. Saúdo e agradeço ao Cardeal Vigário, ao Bispo Auxiliar do Sector e ao Bispo Secretário da Obra Romana para a Preservação da Fé e a Provisão de Novas Igrejas. Saúdo

sobretudo os meus dois sucessores. Saúdo o Cardeal Wetter, que teve a iniciativa de dedicar uma igreja paroquial a São Corbiniano e uma ajuda válida para a realização deste projecto. Obrigado, Eminência! Muito obrigado. É-me grato saber que a igreja foi construída tão rapidamente. Saúdo o Cardeal Marx, actual Arcebispo de München e Freising, que continua com o amor não apenas por São Corbiniano, mas também pela sua Igreja em Roma. Muito obrigado inclusive a Sua Excelência D. Clemens, da diocese de Paderborn e Secretário do Pontifício Conselho para os Leigos. Dirijo um pensamento particular ao Pároco, Pe. Antonio Magnotta, com um profundo agradecimento pelas palavras que me dirigiu. Obrigado! E saúdo, naturalmente, também o vice-pároco! Através de todos vós, aqui presentes, desejo transmitir uma palavra de proximidade afectuosa aos cerca de dez mil residentes no território desta Paróquia. Reunidos ao redor da Eucaristia, sentimos mais facilmente que a missão de cada comunidade cristã consiste em comunicar a todos a mensagem do amor de Deus, fazendo com que todos conheçam o seu Rosto. Eis por que motivo é importante que a Eucaristia seja sempre o fulcro da vida dos fiéis, como é no dia de hoje para a vossa Paróquia, embora nem todos os seus membros tenham podido participar pessoalmente nela.

Hoje vivemos um dia importante, que coroa os esforços, as dificuldades, os sacrifícios levados a cabo e o compromisso das pessoas aqui residentes, de se constituírem como comunidade cristã amadurecida, capaz de dispor de uma igreja já consagrada definitivamente ao culto de Deus. Alegro-me por esta meta alcançada e estou convicto de que ela há-de favorecer a agregação e o crescimento da família dos crentes neste território. A Igreja quer estar presente em cada bairro, onde as pessoas vivem e trabalham, com o testemunho evangélico de cristãos coerentes e fiéis, mas também com edifícios que permitem reunir-se para a oração e os Sacramentos, para a formação cristã e para estabelecer relações de amizade e fraternidade, fazendo crescer as crianças, os jovens, as famílias e os idosos naquele espírito de comunidade que Cristo nos ensinou e do qual o mundo tem tanta necessidade.

Assim como foi realizado o edifício paroquial, do mesmo modo a minha visita deseja encorajar-vos a realizar cada vez melhor aquela Igreja de pedras vivas, que sois vós. Na segunda leitura ouvimos estas palavras: «Vós

sois o campo de Deus, o edifício de Deus», escreve São Paulo aos Coríntios (1 Cor 3, 9), mas também a nós; e exorta-os a construir sobre o único verdadeiro fundamento, que é Jesus Cristo (cf. 3, 11). Por isso, também eu vos exorto a fazer da vossa nova igreja o lugar onde se aprenda a ouvir a Palavra de Deus, a «escola» permanente de vida cristã, onde tenham início todas as actividades desta paróquia jovem e comprometida. A propósito deste aspecto, é iluminador o texto do Livro de Neemias, que nos foi proposto na primeira leitura. Nele vê-se bem que Israel é o povo convocado para ouvir a Palavra de Deus, escrita no livro da Lei. Este livro é lido solenemente pelos ministros e explicado ao povo, que permanece de pé, eleva as mãos ao céu e depois ajoelha-se e prostra-se com o rosto no chão, em sinal de adoração. É uma autêntica liturgia, animada pela fé em Deus que fala, pelo arrependimento diante da própria infidelidade à Lei do Senhor, mas principalmente pela alegria, pelo facto de que a proclamação da sua Palavra é sinal de que Ele não abandonou o seu povo e permanece próximo dele. Também vós, queridos irmãos e irmãs, congregando-vos para ouvir a Palavra de Deus com fé e perseverança, haveis de tornar-vos, de domingo em domingo, Igreja de Deus, formados e plasmados interiormente pela sua Palavra. Como é grande este dom! Estai sempre gratos por isto.

A vossa comunidade é jovem, constituída em grande parte por recém-casados, que vêm viver neste bairro; há muitas crianças e adolescentes. Conheço o compromisso e a atenção que São dedicados à família e ao acompanhamento dos jovens casais: sabeis dar vida a uma pastoral familiar caracterizada pelo acolhimento aberto e cordial dos novos núcleos familiares, que saiba favorecer o conhecimento recíproco, de tal forma que a comunidade paroquial seja cada vez mais uma «família de famílias», capaz de partilhar com eles, juntamente com as alegrias, inclusive as dificuldades inevitáveis do início. Sei também que vários grupos de fiéis se reúnem para rezar, para se formar na escola do Evangelho, participar nos Sacramentos e viver aquela dimensão essencial para a vida cristã, que é a caridade. Penso naqueles que, juntamente com a Cáritas paroquial, procuram ir ao encontro das numerosas exigências do território, especialmente correspondendo às expectativas dos mais pobres e necessitados.

Alegro-me por aquilo que fazeis na preparação dos adolescentes e dos jovens aos Sacramentos da vida cristã, e exorto-vos a interessar-vos cada vez mais também pelos seus pais, de modo especial por aqueles que têm filhos pequenos; a Paróquia se esforce por propor inclusive a eles, em horários e de modos convenientes, encontros de oração e de formação, sobretudo para os pais das crianças que devem receber o Baptismo e os outros Sacramentos da iniciação cristã. Tende também especiais cuidado e atenção pelas famílias em dificuldade, ou que se encontram em condições de precariedade ou de irregularidade. Não as deixeis sozinhas, mas permaneçei próximos delas com amor, ajudando-as a compreender o autêntico desígnio de Deus sobre o matrimónio e a família. Uma especial palavra de carinho e de amizade, o Papa deseja dirigi-la inclusive a vós, prezados adolescentes e jovens que me ouvis, bem como aos vossos coetâneos que vivem nesta Paróquia. O hoje e o amanhã da comunidade eclesial e civil São confiados de modo particular a vós. A Igreja espera muito do vosso entusiasmo, da vossa capacidade de olhar em frente e do vosso desejo de radicalidade nas opções da vida.

Queridos amigos de São Corbiniano! O Senhor Jesus, que conduziu os Apóstolos ao cimo do monte para rezar e lhes demonstrou a sua glória, hoje convidou-nos nesta nova igreja: aqui podemos ouvi-lo, aqui podemos reconhecer a sua presença na fracção do Pão eucarístico; e deste modo tornar-nos Igreja viva, templo do Espírito Santo, sinal no mundo do amor de Deus. Voltai para as vossas casas com o coração cheio de reconhecimento e de júbilo, porque fazeis parte deste grandioso edifício espiritual, que é a Igreja. À Virgem Maria confiemos o nosso caminho quaresmal, assim como o da Igreja inteira. Nossa Senhora, que seguiu o seu Filho Jesus até à cruz, nos ajude a ser discípulos fiéis de Cristo, para podermos participar juntamente com Ela na alegria da Páscoa. Amém!

CELEBRAÇÃO DO DOMINGO DE RAMOS E DA PAIXÃO DO SENHOR

*Praça de São Pedro*  
*XXVI Jornada Mundial da Juventude*

**Domingo, 17 de Abril de 2011**

*Amados irmãos e irmãs,*  
*Queridos jovens!*

A mesma emoção se apodera de nós em cada ano, no Domingo de Ramos, quando subimos na companhia de Jesus o monte para o santuário, quando O acompanhamos pelo caminho que leva para o alto. Neste dia, ao longo dos séculos por toda a face da terra, jovens e pessoas de todas as idades aclamam-n’O gritando: «Hossana ao Filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor!».

Mas, quando nos integramos em tal procissão – na multidão daqueles que subiam com Jesus a Jerusalém e O aclamavam como rei de Israel –, verdadeiramente o que é que fazemos? É algo mais do que uma cerimónia, do que um louvável costume? Porventura terá a ver com a verdadeira realidade da nossa vida, do nosso mundo? Para encontrar a resposta, temos antes de mais nada de esclarecer o que é que o próprio Jesus realmente quis e fez. Depois da profissão de fé que Pedro fizera em Cesareia de Filipe, no extremo norte da Terra Santa, Jesus encaminhara-Se como peregrino na direcção de Jerusalém para as festividades da Páscoa. Caminha para o templo na Cidade Santa, para aquele lugar que, de modo particular, garantia a Israel que Deus estava próximo do seu povo. Caminha para a festa comunitária da Páscoa, memorial da libertação do Egipto e sinal da esperança na libertação definitiva. Jesus sabe que O espera uma Páscoa nova, e que Ele mesmo tomará o lugar dos cordeiros imolados, oferecendo-Se a Si mesmo na Cruz. Sabe que, nos dons misteriosos do pão e do vinho, dar-Se-á para sempre aos seus, abrir-lhes-á a porta para um novo caminho de libertação, para a comunhão com o Deus vivo. Ele caminha para a altura da Cruz, para o momento do amor que se dá. O termo último da sua peregrinação é a altura do próprio Deus, até à qual Ele quer elevar o ser humano.

Assim, a nossa procissão de hoje quer ser imagem de algo mais profundo, imagem do facto que nos encaminhamos em peregrinação, juntamente com Jesus, pelo caminho alto que leva ao Deus vivo. É desta subida que se trata: tal é o caminho, a que Jesus nos convida. Mas, nesta subida, como podemos andar no mesmo passo que Ele? Porventura não ultrapassa as nossas forças? Sim, está acima das nossas próprias possibilidades. Desde sempre – e hoje ainda mais – os homens nutriram o desejo de «ser como Deus»; de alcançar, eles mesmos, a altura de Deus. Em todas as invenções do espírito humano, em última análise, procura-se conseguir asas para poder elevar-se à altura do Ser divino, para se tornar independentes, totalmente livres, como o é Deus. A humanidade pôde realizar tantas coisas: somos capazes de voar; podemos ver-nos uns aos outros, ouvir e falar entre nós dum extremo do mundo para o outro. E todavia a força de gravidade que nos puxa para baixo é poderosa. A par das nossas capacidades, não cresceu apenas o bem; cresceram também as possibilidades do mal, que se levantam como tempestades ameaçadoras sobre a história. E perduram também os nossos limites: basta pensar nas catástrofes que, nestes meses, afligiram e continuam a afligir a humanidade.

Os Padres disseram que o homem está colocado no ponto de intersecção de dois campos de gravidade. Temos, por um lado, a força de gravidade que puxa para baixo: para o egoísmo, para a mentira e para o mal; a gravidade que nos rebaixa e afasta da altura de Deus. Por outro lado, há a força de gravidade do amor de Deus: sabermos-nos amados por Deus e a resposta do nosso amor puxam-nos para o alto. O homem encontra-se no meio desta dupla força de gravidade, e tudo depende de conseguir livrar-se do campo de gravidade do mal e ficar livre para se deixar atrair totalmente pela força de gravidade de Deus, que nos torna verdadeiros, nos eleva, nos dá a verdadeira liberdade.

Depois da Liturgia da Palavra e logo no início da Oração Eucarística, durante a qual o Senhor entra no meio de nós, a Igreja dirige-nos este convite: «*Sursum corda* – corações ao alto!». O coração, segundo a concepção bíblica e na visão dos Padres, é aquele centro do homem onde se unem o intelecto, a vontade e o sentimento, o corpo e a alma; é aquele centro, onde o espírito se torna corpo e o corpo se torna espírito, onde vontade, sentimento e intelecto se unem no conhecimento de Deus e no

amor a Ele. Este «coração» deve ser elevado. Mas, também aqui, sozinhos somos demasiado frágeis para elevar o nosso coração até à altura de Deus; não somos capazes disso. É precisamente a soberba de o podermos fazer sozinhos que nos puxa para baixo e afasta de Deus. O próprio Deus tem de puxar-nos para o alto; e foi isto que Cristo começou a fazer na Cruz. Desceu até à humilhação extrema da existência humana, a fim de nos puxar para o alto rumo a Ele, rumo ao Deus vivo. Jesus humilhou-Se: diz hoje a segunda leitura. Só assim podia ser superada a nossa soberba: a humildade de Deus é a forma extrema do seu amor, e este amor humilde atrai para o alto.

O salmo processional 24, que a Igreja nos propõe como «cântico de subida» para a liturgia de hoje, indica alguns elementos concretos, que pertencem à nossa subida e sem os quais não podemos ser elevados para o alto: as mãos inocentes, o coração puro, a rejeição da mentira, a procura do rosto de Deus. As grandes conquistas da técnica só nos tornam livres e São elementos de progresso da humanidade, se forem acompanhadas por estas atitudes: se as nossas mãos se tornarem inocentes e o coração puro, se permanecermos à procura da verdade, à procura do próprio Deus e nos deixarmos tocar e interpelar pelo seu amor. Mas todos estes elementos da subida só serão úteis, se reconhecermos com humildade que devemos ser puxados para o alto, se abandonarmos a soberba de querermos, nós mesmos, fazer-nos Deus. Temos necessidade d'Ele: Deus puxa-nos para o alto; permanecer apoiados pelas suas mãos – isto é, na fé – dá-nos a orientação justa e a força interior que nos eleva para o alto. Temos necessidade da humildade da fé, que procura o rosto de Deus e se entrega à verdade do seu amor.

A questão de saber como pode o homem chegar ao alto, tornar-se plenamente ele próprio e verdadeiramente semelhante a Deus, desde sempre ocupou a humanidade. Foi objecto de apaixonada discussão pelos filósofos platónicos dos séculos terceiro e quarto. A sua pergunta central era esta: como encontrar meios de purificação, pelos quais o homem pudesse libertar-se do gravoso peso que o puxa para baixo e elevar-se à altura do seu verdadeiro ser, à altura da divindade. Santo Agostinho, na sua busca do recto caminho, durante um certo período procurou apoio em tais filosofias. Mas, no fim, teve de reconhecer que a sua resposta não era suficiente, que ele, com tais métodos, não chegaria verdadeiramente a Deus. Disse aos seus

representantes: Reconheci, pois, que não basta a força do homem e de todas as suas purificações para o levar verdadeiramente à altura do divino, à altura que lhe é condigna. E disse que teria desesperado de si mesmo e da existência humana, se não tivesse encontrado Aquele que faz o que nós mesmos não podemos fazer, Aquele que nos eleva à altura de Deus, apesar da nossa miséria: Jesus Cristo, que desceu de junto de Deus até nós e, no seu amor crucificado, nos toma pela mão e nos conduz ao alto.

Com o Senhor, caminhamos, peregrinos, para o alto. Andamos à procura do coração puro e das mãos inocentes, andamos à procura da verdade, procuramos o rosto de Deus. Manifestamos ao Senhor o desejo de nos tornar justos e pedimos-Lhe: Atraí-nos, Vós, para o alto! Tornai-nos puros! Fazei que se cumpra em nós a palavra do salmo processional que cantamos, ou seja, que possamos pertencer à geração dos que procuram Deus, «que procuram a face do Deus de Jacob» (*Sal 24/23, 6*). Amen.

SANTA MISSA DA CEIA DO SENHOR

*Basílica de São João de Latrão*

**Quinta-feira Santa, 21 de Abril de 2011**

*Amados irmãos e irmãs!*

«Desejei ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de padecer» (Lc 22, 15): com estas palavras Jesus inaugurou a celebração do seu último banquete e da instituição da sagrada Eucaristia. Jesus foi ao encontro daquela hora, desejando-a. No seu íntimo, esperou aquele momento em que haveria de dar-Se aos seus sob as espécies do pão e do vinho. Esperou aquele momento que deveria ser, de algum modo, as verdadeiras núpcias messiânicas: a transformação dos dons desta terra e o fazer-Se um só com os seus, para os transformar e inaugurar assim a transformação do mundo. No desejo de Jesus, podemos reconhecer o desejo do próprio Deus: o seu amor pelos homens, pela sua criação, um amor em expectativa. O amor que espera o momento da união, o amor que quer atrair os homens a si, para assim realizar também o desejo da própria criação: esta, de facto, aguarda a manifestação dos filhos de Deus (cf. Rm 8, 19). Jesus deseja-nos, aguarda-nos. E nós, temos verdadeiramente desejo d'Ele? Sentimos, no nosso interior, o impulso para O encontrar? Ansiamos pela sua proximidade, por nos tornarmos um só com Ele, dom este que Ele nos concede na sagrada Eucaristia? Ou, pelo contrário, sentimo-nos indiferentes, distraídos, inundados por outras coisas? Sabemos pelas parábolas de Jesus sobre banquetes, que Ele conhece a realidade dos lugares que ficam vazios, a resposta negativa, o desinteresse por Ele e pela sua proximidade. Os lugares vazios no banquete nupcial do Senhor, com ou sem desculpa, há já algum tempo que deixaram de ser para nós uma parábola, tornando-se uma realidade, justamente naqueles países aos quais Ele tinha manifestado a sua proximidade particular. Jesus sabia também de convidados que viriam sim, mas sem estar vestidos de modo nupcial: sem alegria pela sua proximidade, fazendo-o somente por costume e com uma orientação bem diversa na sua vida. São Gregório Magno, numa das suas homilias, perguntava-se: Que género de pessoas são aquelas que vêm sem hábito nupcial? Em que consiste este hábito e como se pode adquiri-lo? Eis a sua resposta: Aqueles

que foram chamados e vêm, de alguma maneira têm fé. É a fé que lhes abre a porta; mas falta-lhes o hábito nupcial do amor. Quem não vive a fé como amor, não está preparado para as núpcias e é expulso. A comunhão eucarística exige a fé, mas a fé exige o amor; caso contrário, está morta, inclusive como fé.

Sabemos pelos quatro Evangelhos, que o último banquete de Jesus, antes da Paixão, foi também um lugar de anúncio. Jesus propôs, uma vez mais e com insistência, os elementos estruturais da sua mensagem. Palavra e Sacramento, mensagem e dom estão inseparavelmente unidos. Mas, durante o último banquete, Jesus sobretudo rezou. Mateus, Marcos e Lucas usam duas palavras para descrever a oração de Jesus no momento central da Ceia: *eucharistesas* e *eulogesas* – agradecer e abençoar. O movimento ascendente do agradecimento e o movimento descendente da bênção aparecem juntos. As palavras da transubstanciação São uma parte desta oração de Jesus. São palavras de oração. Jesus transforma a sua Paixão em oração, em oferta ao Pai pelos homens. Esta transformação do seu sofrimento em amor possui uma força transformadora dos dons, nos quais agora Jesus Se dá a Si mesmo. Ele no-los dá, para nós e o mundo sermos transformados. O objectivo próprio e último da transformação eucarística é a nossa transformação na comunhão com Cristo. A Eucaristia tem em vista o homem novo, com uma novidade tal que assim só pode nascer a partir de Deus e por meio da obra do Servo de Deus.

A partir de Lucas e sobretudo de João, sabemos que Jesus, na sua oração durante a Última Ceia, dirigiu também súplicas ao Pai – súplicas que, ao mesmo tempo, contêm apelos aos seus discípulos de então e de todos os tempos. Nesta hora, queria escolher somente uma súplica que, segundo João, Jesus repetiu quatro vezes na sua Oração Sacerdotal. Como O deve ter angustiado no seu íntimo! Tal súplica continua sem cessar sendo a sua oração ao Pai por nós: trata-se da oração pela unidade. Jesus diz explicitamente que tal súplica vale não somente para os discípulos então presentes, mas tem em vista todos aqueles que hão-de acreditar n'Ele (cf. *Jo* 17, 20). Pede que todos se tornem um só, «como Tu, ó Pai, estás em Mim, e Eu em Ti, que eles também estejam em nós, para que o mundo acredite» (*Jo* 17, 21). Só pode haver a unidade dos cristãos se estes estiverem intimamente unidos com Ele, com Jesus. Fé e amor por Jesus: fé no seu ser

um só com o Pai e abertura à unidade com Ele São essenciais. Portanto, esta unidade não é algo somente interior, místico. Deve tornar-se visível; tão visível que constitua para o mundo a prova do envio de Jesus pelo Pai. Por isso, tal súplica tem escondido um sentido eucarístico que Paulo pôs claramente em evidência na Primeira Carta aos Coríntios: «Não é o pão que nós partimos uma comunhão com o Corpo de Cristo? Uma vez que existe um só pão, nós, que somos muitos, formamos um só corpo, visto participarmos todos desse único pão» (1 Cor 10, 16-17). Com a Eucaristia, nasce a Igreja. Todos nós comemos o mesmo pão, recebemos o mesmo corpo do Senhor, e isto significa: Ele abre cada um de nós para além de si mesmo. Torna-nos todos um só. A Eucaristia é o mistério da proximidade e comunhão íntima de cada indivíduo com o Senhor. E, ao mesmo tempo, é a união visível entre todos. A Eucaristia é sacramento da unidade. Ela chega até ao mistério trinitário, e assim cria, ao mesmo tempo, a unidade visível. Digamo-lo uma vez mais: a Eucaristia é o encontro pessoalíssimo com o Senhor, e no entanto não é jamais apenas um acto de devoção individual; celebramo-la necessariamente juntos. Em cada comunidade, o Senhor está presente de modo total; mas Ele é um só em todas as comunidades. Por isso, fazem necessariamente parte da Oração Eucarística da Igreja as palavras: «una cum Papa nostro et cum Episcopo nostro». Isto não é um mero acréscimo exterior àquilo que acontece interiormente, mas expressão necessária da própria realidade eucarística. E mencionamos o Papa e o Bispo pelo nome: a unidade é totalmente concreta, tem nome. Assim, a unidade torna-se visível, torna-se sinal para o mundo, e estabelece para nós mesmos um critério concreto.

São Lucas conservou-nos um elemento concreto da oração de Jesus pela unidade: «Simão, Simão, Satanás reclamou o poder de vos joeirar como ao trigo. Mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos» (Lc 22, 31-32). Com pesar, constatamos novamente, hoje, que foi permitido a Satanás joeirar os discípulos visivelmente diante de todo o mundo. E sabemos que Jesus reza pela fé de Pedro e dos seus sucessores. Sabemos que Pedro, que através das águas agitadas da história vai ao encontro do Senhor e corre perigo de afundar, é sempre novamente sustentado pela mão do Senhor e guiado sobre as águas. Mas vem depois um anúncio e uma missão. «Tu, uma vez convertido...». Todos os seres humanos, à excepção de Maria, têm

continuamente necessidade de conversão. Jesus prediz a Pedro a sua queda e a sua conversão. De que é que Pedro teve de converter-se? No início do seu chamamento, assombrado com o poder divino do Senhor e com a sua própria miséria, Pedro dissera: «Senhor, afasta-Te de mim, que eu sou um homem pecador» (Lc 5, 8). Na luz do Senhor, reconhece a sua insuficiência. Precisamente deste modo, com a humildade de quem sabe que é pecador, é que Pedro é chamado. Ele deve reencontrar sem cessar esta humildade. Perto de Cesareia de Filipe, Pedro não quisera aceitar que Jesus tivesse de sofrer e ser crucificado: não era conciliável com a sua imagem de Deus e do Messias. No Cenáculo, não quis aceitar que Jesus lhe lavasse os pés: não se adequava à sua imagem da dignidade do Mestre. No horto das oliveiras, feriu com a espada; queria demonstrar a sua coragem. Mas, diante de uma serva, afirmou que não conhecia Jesus. Naquele momento, isto parecia-lhe uma pequena mentira, para poder permanecer perto de Jesus. O seu heroísmo ruiu num jogo mesquinho por um lugar no centro dos acontecimentos. Todos nós devemos aprender sempre de novo a aceitar Deus e Jesus Cristo como Ele é, e não como queríamos que fosse. A nós também nos custa aceitar que Ele esteja à mercê dos limites da sua Igreja e dos seus ministros. Também não queremos aceitar que Ele esteja sem poder neste mundo. Também nos escondemos por detrás de pretextos, quando a pertença a Ele se nos torna demasiado custosa e perigosa. Todos nós temos necessidade da conversão que acolhe Jesus no seu ser Deus e ser-Homem. Temos necessidade da humildade do discípulo que segue a vontade do Mestre. Nesta hora, queremos pedir-Lhe que nos fixe como fixou Pedro, no momento oportuno, com os seus olhos benévolos, e nos converta.

Pedro, o convertido, é chamado a confirmar os seus irmãos. Não é um facto extrínseco que lhe seja confiado este dever no Cenáculo. O serviço da unidade tem o seu lugar visível na celebração da sagrada Eucaristia. Queridos amigos, é um grande conforto para o Papa saber que, em cada Celebração Eucarística, todos rezam por ele; que a nossa oração se une à oração do Senhor por Pedro. É somente graças à oração do Senhor e da Igreja que o Papa pode corresponder ao seu dever de confirmar os irmãos: apascentar o rebanho de Cristo e fazer-se garante daquela unidade que se torna testemunho visível do envio de Jesus pelo Pai.

«Desejei ardentemente comer convosco esta Páscoa». Senhor, Vós tendes desejo de nós, de mim. Tendes desejo de nos fazer participantes de Vós mesmo na Sagrada Eucaristia, de Vos unir a nós. Senhor, suscitai também em nós o desejo de Vós. Reforçai-nos na unidade convosco e entre nós. Dai à vossa Igreja a unidade, para que o mundo creia. Amen.

CAPELA PAPAL  
POR OCASIÃO DA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS JOÃO PAULO II

*Átrio da Basílica Vaticana*

**Domingo, 1º de Maio de 2011**

*Amados irmãos e irmãs!*

Passaram já seis anos desde o dia em que nos encontrávamos nesta Praça para celebrar o funeral do Papa João Paulo II. Então, se a tristeza pela sua perda era profunda, maior ainda se revelava a sensação de que uma graça imensa envolvia Roma e o mundo inteiro: graça esta, que era como que o fruto da vida inteira do meu amado Predecessor, especialmente do seu testemunho no sofrimento. Já naquele dia sentíamos pairar o perfume da sua santidade, tendo o Povo de Deus manifestado de muitas maneiras a sua veneração por ele. Por isso, quis que a sua Causa de Beatificação pudesse, no devido respeito pelas normas da Igreja, prosseguir com discreta celeridade. E o dia esperado chegou! Chegou depressa, porque assim aprovou ao Senhor: João Paulo II é Beato!

Desejo dirigir a minha cordial saudação a todos vós que, nesta circunstância feliz, vos reunistes, tão numerosos, aqui em Roma vindos de todos os cantos do mundo: cardeais, patriarcas das Igrejas Católicas Orientais, irmãos no episcopado e no sacerdócio, delegações oficiais, embaixadores e autoridades, pessoas consagradas e fiéis leigos; esta minha saudação estende-se também a quantos estão unidos connosco através do rádio e da televisão.

Estamos no segundo domingo de Páscoa, que o Beato João Paulo II quis intitular Domingo da Divina Misericórdia. Por isso, se escolheu esta data para a presente celebração, porque o meu Predecessor, por um desígnio providencial, entregou o seu espírito a Deus justamente ao anoitecer da vigília de tal ocorrência. Além disso, hoje tem início o mês de Maio, o mês de Maria; e neste dia celebra-se também a memória de São José operário. Todos estes elementos concorrem para enriquecer a nossa oração; servem-nos de ajuda, a nós que ainda peregrinamos no tempo e no espaço; no Céu, a festa entre os Anjos e os Santos é muito diferente! E todavia Deus é um

só, e um só é Cristo Senhor que, como uma ponte, une a terra e o Céu, e neste momento sentimo-lo muito perto, sentimo-nos quase participantes da liturgia celeste.

«Felizes os que acreditam sem terem visto» (*Jo* 20, 29). No Evangelho de hoje, Jesus pronuncia esta bem-aventurança: a bem-aventurança da fé. Ela chama de modo particular a nossa atenção, porque estamos reunidos justamente para celebrar uma Beatificação e, mais ainda, porque o Beato hoje proclamado é um Papa, um Sucessor de Pedro, chamado a confirmar os irmãos na fé. João Paulo II é Beato pela sua forte e generosa fé apostólica. E isto traz imediatamente à memória outra bem-aventurança: «Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue que to revelaram, mas sim meu Pai que está nos Céus» (*Mt* 16, 17). O que é que o Pai celeste revelou a Simão? Que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo. Por esta fé, Simão se torna «Pedro», rocha sobre a qual Jesus pode edificar a sua Igreja. A bem-aventurança eterna de João Paulo II, que a Igreja tem a alegria de proclamar hoje, está inteiramente contida nestas palavras de Cristo: «Feliz de ti, Simão» e «felizes os que acreditam sem terem visto». É a bem-aventurança da fé, cujo dom também João Paulo II recebeu de Deus Pai para a edificação da Igreja de Cristo.

Entretanto perpassa pelo nosso pensamento mais uma bem-aventurança que, no Evangelho, precede todas as outras. É a bem-aventurança da Virgem Maria, a Mãe do Redentor. A Ela, que acabava de conceber Jesus no seu ventre, diz Santa Isabel: «Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (*Lc* 1, 45). A bem-aventurança da fé tem o seu modelo em Maria, pelo que a todos nos enche de alegria o facto de a beatificação de João Paulo II ter lugar no primeiro dia deste mês mariano, sob o olhar materno d'Aquela que, com a sua fé, sustentou a fé dos Apóstolos e não cessa de sustentar a fé dos seus sucessores, especialmente de quantos São chamados a sentar-se na cátedra de Pedro. Nas narrações da ressurreição de Cristo, Maria não aparece, mas a sua presença pressente-se em toda a parte: é a Mãe, a quem Jesus confiou cada um dos discípulos e toda a comunidade. De forma particular, notamos que a presença real e materna de Maria aparece assinalada por São João e São Lucas nos contextos que precedem tanto o Evangelho como a primeira Leitura de hoje: na narração da morte de Jesus, onde Maria aparece aos pés

da Cruz (*Jo* 19, 25); e, no começo dos Actos dos Apóstolos, que a apresentam no meio dos discípulos reunidos em oração no Cenáculo (*Act* 1, 14).

Também a segunda Leitura de hoje nos fala da fé, e é justamente São Pedro que escreve, cheio de entusiasmo espiritual, indicando aos recém-baptizados as razões da sua esperança e da sua alegria. Apraz-me observar que nesta passagem, situada na parte inicial da sua *Primeira Carta*, Pedro exprime-se não no modo exortativo, mas indicativo. De facto, escreve: «Isto vos *enche de alegria*»; e acrescenta: «Vós *amais* Jesus Cristo sem O terdes conhecido, e, como n'Ele *acreditais* sem O verdes ainda, estais cheios de alegria indescritível e plena de glória, por *irdes alcançar* o fim da vossa fé: a salvação das vossas almas» (*1 Ped* 1, 6.8-9). Está tudo no indicativo, porque existe uma nova realidade, gerada pela ressurreição de Cristo, uma realidade que nos é acessível pela fé. «Esta é uma obra admirável – diz o Salmo (118, 23) – que o Senhor realizou aos nossos olhos», os olhos da fé.

Queridos irmãos e irmãs, hoje diante dos nossos olhos brilha, na plena luz de Cristo ressuscitado, a amada e venerada figura de João Paulo II. Hoje, o seu nome junta-se à série dos Santos e Beatos que ele mesmo proclamou durante os seus quase 27 anos de pontificado, lembrando com vigor a vocação universal à medida alta da vida cristã, à santidade, como afirma a Constituição conciliar *Lumen gentium* sobre a Igreja. Os membros do Povo de Deus – bispos, sacerdotes, diáconos, fiéis leigos, religiosos e religiosas – todos nós estamos a caminho da Pátria celeste, tendo-nos precedido a Virgem Maria, associada de modo singular e perfeito ao mistério de Cristo e da Igreja. Karol Wojtyła, primeiro como Bispo Auxiliar e depois como Arcebispo de Cracóvia, participou no Concílio Vaticano II e bem sabia que dedicar a Maria o último capítulo da Constituição sobre a Igreja significava colocar a Mãe do Redentor como imagem e modelo de santidade para todo o cristão e para a Igreja inteira. Foi esta visão teológica que o Beato João Paulo II descobriu na sua juventude, tendo-a depois conservado e aprofundado durante toda a vida; uma visão, que se resume no ícone bíblico de Cristo crucificado com Maria ao pé da Cruz. Um ícone que se encontra no Evangelho de João (19, 25-27) e está sintetizado nas armas episcopais e, depois, papais de Karol Wojtyła: uma cruz de ouro, um «M» na parte inferior direita e o lema «*Totus tuus*», que corresponde à conhecida

frase de São Luís Maria Grignon de Monfort, na qual Karol Wojtyła encontrou um princípio fundamental para a sua vida: «*Totus tuus ego sum et omnia mea tua sunt. Accipio Te in mea omnia. Praebe mihi cor tuum, Maria* – Sou todo vosso e tudo o que possuo é vosso. Tomo-vos como toda a minha riqueza. Dai-me o vosso coração, ó Maria» (*Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, n. 266).

No seu Testamento, o novo Beato deixou escrito: «Quando, no dia 16 de Outubro de 1978, o conclave dos cardeais escolheu João Paulo II, o Card. Stefan Wyszyński, Primaz da Polónia, disse-me: “A missão do novo Papa será a de introduzir a Igreja no Terceiro Milénio”». E acrescenta: «Desejo mais uma vez agradecer ao Espírito Santo pelo grande dom do Concílio Vaticano II, do qual me sinto devedor, juntamente com toda a Igreja e sobretudo o episcopado. Estou convencido de que será concedido ainda por muito tempo, às sucessivas gerações, haurir das riquezas que este Concílio do século XX nos prodigalizou. Como Bispo que participou no evento conciliar, desde o primeiro ao último dia, desejo confiar este grande património a todos aqueles que São, e serão, chamados a realizá-lo. Pela minha parte, agradeço ao Pastor eterno que me permitiu servir esta grandíssima causa ao longo de todos os anos do meu pontificado». E qual é esta causa? É a mesma que João Paulo II enunciou na sua primeira Missa solene, na Praça de São Pedro, com estas palavras memoráveis: «Não tenhais medo! Abri, melhor, escancarai as portas a Cristo!». Aquilo que o Papa recém-eleito pedia a todos, começou, ele mesmo, a fazê-lo: abriu a Cristo a sociedade, a cultura, os sistemas políticos e económicos, invertendo, com a força de um gigante – força que lhe vinha de Deus –, uma tendência que parecia irreversível. Com o seu testemunho de fé, de amor e de coragem apostólica, acompanhado por uma grande sensibilidade humana, este filho exemplar da Nação Polaca ajudou os cristãos de todo o mundo a não ter medo de se dizerem cristãos, de pertencerem à Igreja, de falarem do Evangelho. Numa palavra, ajudou-nos a não ter medo da verdade, porque a verdade é garantia de liberdade. Sintetizando ainda mais: deu-nos novamente a força de crer em Cristo, porque Cristo é o Redentor do homem – *Redemptor hominis*: foi este o tema da sua primeira Encíclica e o fio condutor de todas as outras.

Karol Wojtyła subiu ao s3lio de Pedro trazendo consigo a sua reflex3o profunda sobre a confronta33o entre o marxismo e o cristianismo, centrada no homem. A sua mensagem foi esta: o homem 3 o caminho da Igreja, e Cristo 3 o caminho do homem. Com esta mensagem, que 3 a grande heran3a do Conc3lio Vaticano II e do seu «timoneiro» – o Servo de Deus Papa Paulo VI –, Jo3o Paulo II foi o guia do Povo de Deus ao cruzar o limiar do Terceiro Mil3nio, que ele p3de, justamente gra3as a Cristo, chamar «limiar da esperan3a». Na verdade, atrav3s do longo caminho de prepara33o para o Grande Jubileu, ele conferiu ao cristianismo uma renovada orienta33o para o futuro, o futuro de Deus, que 3 transcendente relativamente 3 hist3ria, mas incide na hist3ria. Aquela carga de esperan3a que de certo modo fora cedida ao marxismo e 3 ideologia do progresso, Jo3o Paulo II legitimamente reivindicou-a para o cristianismo, restituindo-lhe a fisionomia aut3ntica da esperan3a, que se deve viver na hist3ria com um esp3rito de «advento», numa exist3ncia pessoal e comunit3ria orientada para Cristo, plenitude do homem e realiza33o das suas expectativas de justi3a e de paz.

Por fim, quero agradecer a Deus tamb3m a experi3ncia de colabora33o pessoal que me concedeu ter longamente com o Beato Papa Jo3o Paulo II. Se antes j3 tinha tido possibilidades de o conhecer e estimar, desde 1982, quando me chamou a Roma como Prefeito da Congrega33o para a Doutrina da F3, pude durante 23 anos permanecer junto dele crescendo sempre mais a minha venera33o pela sua pessoa. O meu servi3o foi sustentado pela sua profundidade espiritual, pela riqueza das suas intui33es. Sempre me impressionou e edificou o exemplo da sua ora33o: entranhava-se no encontro com Deus, inclusive no meio das mais variadas incumb3ncias do seu minist3rio. E, depois, impressionou-me o seu testemunho no sofrimento: pouco a pouco o Senhor foi-o despojando de tudo, mas permaneceu sempre uma «rocha», como Cristo o quis. A sua humildade profunda, enraizada na uni3o 3tima com Cristo, permitiu-lhe continuar a guiar a Igreja e a dar ao mundo uma mensagem ainda mais eloquente, justamente no per3odo em que as for3as f3sicas definhavam. Assim, realizou de maneira extraordin3ria a voca33o de todo o sacerdote e bispo: tornar-se um s3 com aquele Jesus que diariamente recebe e oferece na Igreja.

Feliz 3s tu, amado Papa Jo3o Paulo II, porque acreditaste! Continua do C3u – n3s te pedimos – a sustentar a f3 do Povo de Deus. Muitas vezes, do

Palácio, tu nos abençoaste nesta Praça! Hoje nós te pedimos: Santo Padre, abençoa-nos! Amen.

VISITA PASTORAL A AQUILEIA E VENEZA

*Parque São Juliano - Mestre*

**Domingo, 8 de Maio de 2011**

*Queridos irmãos e irmãs!*

Sinto-me muito feliz por estar hoje convosco e por celebrar convosco e para vós esta solene Eucaristia. É significativo que o lugar escolhido para esta Liturgia seja o Parque de São Juliano: um espaço onde habitualmente não se celebram ritos religiosos, mas manifestações culturais e musicais. Hoje, este espaço hospeda Jesus ressuscitado, realmente presente na sua Palavra, na assembleia do Povo de Deus com os seus Pastores e, de modo eminente, no sacramento do seu Corpo e do seu Sangue. A vós, Venerados Irmãos Bispos, com os Presbíteros e os Diáconos, a vós religiosos, religiosas e leigos dirijo a minha saudação mais cordial, com um pensamento especial para os doentes e os enfermos aqui presentes, acompanhados pela UNITALSI. Obrigado pelo vosso caloroso acolhimento! Saúdo com afecto o Patriarca, Cardeal Angelo Scola, ao qual agradeço as comovedoras palavras que me dirigiu no início da santa Missa. Dirijo um pensamento deferente ao Presidente da Câmara Municipal, ao Ministro para os Bens e as Actividades Culturais em representação do Governo, ao Ministro do Trabalho e das Políticas Sociais e às Autoridades civis e militares, que com a sua presença quiseram honrar este nosso encontro. Dirijo um pensamento agradecido a quantos ofereceram generosamente a sua colaboração para a preparação e a realização desta minha Visita Pastoral. Obrigado de coração!

O Evangelho do Terceiro Domingo de Páscoa — que acabamos de escutar — apresenta o episódio dos discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24, 13-35), uma narração que nos faz admirar e comover sempre. Este episódio mostra as consequências que Jesus ressuscitado realiza nos dois discípulos: conversão do desespero em esperança; conversão da tristeza em alegria; e também conversão à vida comunitária. Por vezes, quando se fala de conversão, pensa-se unicamente no seu aspecto cansativo, de desapego e renúncia. Ao contrário, a conversão cristã é também e sobretudo fonte de

alegria, de esperança e de amor. Ela é sempre obra de Cristo ressuscitado, Senhor da vida, que nos obteve esta graça por meio da sua paixão e no-la comunica em virtude da sua ressurreição.

Queridos irmãos e irmãs! Vim até vós como Bispo de Roma e continuador do ministério de Pedro, para vos confirmar na fidelidade ao Evangelho e na comunhão. Vim para partilhar com os Bispos e com os Presbíteros o anseio do anúncio missionário, que a todos deve incluir num sério e bem coordenado serviço à causa do Reino de Deus. Vós, hoje aqui presentes, representais as Comunidades eclesiais nascidas na Igreja-mãe de Aquileia. Assim como no passado, quando aquelas Igrejas se distinguiram pelo fervor apostólico e o dinamismo pastoral, também hoje é preciso promover e defender com coragem a verdade e a unidade da fé. É necessário dizer a razão da esperança cristã ao homem moderno, com frequência subjugado por vastas e preocupantes problemáticas que põem em crise os próprios fundamentos do seu ser e agir.

Vós viveis num contexto no qual o Cristianismo se apresenta como a fé que acompanhou, nos séculos, o caminho de tantos povos, também através de perseguições e provações muito duras. Desta fé São expressões eloquentes os numerosos testemunhos espalhados em toda a parte: as igrejas, as obras de arte, os hospitais, as bibliotecas, as escolas; o próprio ambiente das vossas cidades, assim como do campo e das montanhas, todos constelados de referências a Cristo. Não obstante, hoje este ser de Cristo corre o risco de se esvaziar da sua verdade e dos seus conteúdos mais profundos; arrisca tornar-se um horizonte que só superficialmente — e nos aspectos mais sociais e culturais — abraça a vida; arrisca reduzir-se a um cristianismo no qual a experiência de fé em Jesus crucificado e ressuscitado não ilumina o caminho da existência, como ouvimos no Evangelho de hoje a propósito dos dois discípulos de Emaús, os quais, depois da crucifixação de Jesus, regressavam a casa cheios de dúvidas, tristes e desiludidos. Infelizmente, esta atitude tende a difundir-se também no vosso território: isto acontece quando os discípulos de hoje se afastam da Jerusalém do Crucificado e do Ressuscitado, tendo perdido a crença no poder e na presença viva do Senhor. O problema do mal, da dor e do sofrimento, o problema da injustiça e da subjugação, o medo dos outros, dos alheios e dos distantes que chegam às nossas terras e parecem ameaçar aquilo que somos,

levam os cristãos de hoje a dizer com tristeza: nós esperávamos que o Senhor nos libertasse do mal, da dor, do sofrimento, do medo, da injustiça.

É então necessário, para cada um de nós, como aconteceu com os dois discípulos de Emaús, deixar-se instruir por Jesus: antes de tudo, ouvindo-o e amando a Palavra de Deus, lida à luz do Mistério Pascal, para que aqueça o nosso coração e ilumine a nossa mente, e nos ajude a interpretar os acontecimentos da vida e dar-lhes um sentido. Depois, é preciso sentar-se à mesa com o Senhor, tornar-se seus comensais, para que a sua presença humilde no Sacramento do seu Corpo e do seu Sangue nos restitua o olhar da fé, para vermos tudo e todos com os olhos de Deus, na luz do seu amor. Estar com Jesus que permaneceu conosco, assimilar o seu estilo de vida doada, escolher com ele a lógica da comunhão entre nós, da solidariedade e da partilha. A Eucaristia é a máxima expressão da doação que Jesus faz de si mesmo e é um convite constante a viver a nossa existência na lógica eucarística, como um dom a Deus e ao próximo.

O Evangelho refere também que os dois discípulos, depois de terem reconhecido Jesus no partir do pão, «imediatamente voltaram para Jerusalém» (*Lc 24, 33*). Eles sentem a necessidade de regressar a Jerusalém e contar a extraordinária experiência que viveram: o encontro com o Senhor ressuscitado. Há um grande esforço que deve ser realizado para que cada cristão, tanto aqui no Nordeste como em qualquer outra parte do mundo, se transforme em testemunha, pronta a anunciar com vigor e com alegria o acontecimento da morte e da ressurreição de Cristo. Conheço o cuidado com que, como Igreja do Trivéneto, procurais compreender as razões do coração do homem moderno e como, recordando as antigas tradições cristãs, vos preocupais por traçar as linhas programáticas da nova evangelização, olhando com atenção para os numerosos desafios do tempo actual e reconsiderando o futuro desta região. Desejo, com a minha presença, apoiar a vossa obra e infundir em todos confiança no intenso programa pastoral iniciado pelos vossos Pastores, desejando um proveitoso compromisso da parte de todas as componentes da Comunidade eclesial.

Contudo, também um povo tradicionalmente católico pode sentir o aspecto negativo, ou assimilar quase inconscientemente, os golpes de uma cultura que acaba por insinuar um modo de pensar no qual é abertamente

rejeitado, ou secretamente obstada, a mensagem evangélica. Sei quanto foi e quanto continua a ser grande o vosso compromisso na defesa dos valores perenes da fé cristã. Encorajo-vos a nunca ceder às frequentes tentações da cultura hedonista e às tentações do consumismo materialista. Aceitai o convite do Apóstolo Pedro, contido na segunda Leitura de hoje, a comportar-vos «com temor de Deus no tempo em que viveis na terra como estrangeiros» (1 Pd 1, 17); convite que se concretiza numa vida vivida intensamente nos caminhos do nosso mundo, conscientes da meta que devemos alcançar: a unidade com Deus, em Cristo crucificado e ressuscitado. De facto, a nossa fé e a nossa esperança estão depostas em Deus (cf. 1 Pd 1, 21): dirigidas para Deus porque radicadas n'Ele, fundadas no seu amor e na sua fidelidade. Nos séculos passados, as vossas Igrejas conheceram uma rica tradição de santidade e de serviço generoso aos irmãos, graças à obra de zelosos sacerdotes, religiosos e religiosas de vida activa e contemplativa. Se quisermos pôr-nos à escuta do seu ensinamento espiritual, não é difícil reconhecer o apelo pessoal e inconfundível que eles nos dirigem: Sede santos! Ponde Cristo no centro da vossa vida! Construí sobre Ele o edifício da vossa existência. Em Jesus encontrareis a força para vos abrires aos outros e para fazer de vós mesmos, a seu exemplo, um dom para toda a humanidade.

Em volta de Aquileia encontraram-se unidos povos de línguas e culturas diversas, que convergiram não só por exigências políticas mas, sobretudo, pela fé em Cristo e pela civilização inspirada pelo ensinamento evangélico, a Civilização do Amor. As Igrejas que surgiram em Aquileia São hoje chamadas a restabelecer aquela antiga unidade espiritual, em particular à luz do fenómeno da imigração e das novas circunstâncias geopolíticas em acto. A fé cristã pode certamente contribuir para concretizar tal programa, que diz respeito ao harmonioso e integral progresso do homem e da sociedade na qual ele vive. A minha presença entre vós quer ser, portanto, também um apoio real aos esforços que São feitos para favorecer a solidariedade entre as vossas Dioceses do Nordeste. Pretende ser também um encorajamento para todas as iniciativas que se propõem superar aquelas divisões que poderiam tornar vãs as aspirações concretas pela justiça e pela paz.

Eis, irmãos, os meus votos, a minha oração que dirijo a Deus por todos vós, invocando a celeste intercessão da Virgem Maria e dos numerosos Santos e Beatos, entre os quais me apraz recordar são Pio X e o beato João XXIII, mas também o Venerável Giuseppe Toniolo, cuja beatificação já está próxima. Estas luminosas testemunhas do Evangelho São a maior riqueza do vosso território: segui os seus exemplos e ensinamentos, conjugando-os com as exigências actuais. Tende confiança: o Senhor ressuscitado caminha convosco, ontem, hoje e sempre. Amen.

VIAGEM APOSTÓLICA À CROÁCIA  
(4-5 DE JUNHO DE 2011)

SANTA MISSA POR OCASIÃO DO DIA NACIONAL DAS FAMÍLIAS CATÓLICAS CROATAS

*Hipódromo de Zagreb*

**Domingo, 5 de Junho de 2011**

*Amados irmãos e irmãs!*

Nesta Santa Missa que tenho a alegria de presidir, concelebrando com numerosos Irmãos no episcopado e com um grande número de sacerdotes, agradeço ao Senhor por todas as queridas famílias aqui reunidas e por muitas outras que estão unidas connosco através do rádio e da televisão. O meu agradecimento particular ao Cardeal Josip Bozanić, Arcebispo de Zagrábia, pelas sentidas palavras que me dirigiu no início da Santa Missa. A todos dirijo a minha saudação e exprimo a minha grande estima com um abraço de paz.

Celebrámos há pouco a Ascensão do Senhor e preparamo-nos para receber o grande dom do Espírito Santo. Vimos, na primeira leitura, como a comunidade apostólica se reunira em oração no Cenáculo com Maria, a Mãe de Jesus (cf. *Act 1, 12-14*). Este é um retrato da Igreja cujas raízes assentam no evento pascal: de facto, o Cenáculo é o lugar onde Jesus instituiu a Eucaristia e o Sacerdócio na Última Ceia, e onde, ressuscitado dos mortos, efundiou o seu Espírito sobre os Apóstolos ao entardecer do dia de Páscoa (cf. *Jo 20, 19-23*). O Senhor ordenara aos seus discípulos que «não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem a Promessa do Pai» (*Act 1, 4*), isto é, pedira que *permanecessem juntos* preparando-se para receber o dom do Espírito Santo. E eles reuniram-se em oração com Maria no Cenáculo à espera do acontecimento prometido (*Act 1, 14*). Permanecer juntos foi a condição que Jesus pôs para acolherem a vinda do Paráclito, e a prolongada oração foi o pressuposto da sua concórdia. Aqui encontramos uma lição estupenda para cada comunidade cristã. Às vezes pensa-se que a eficácia missionária dependa principalmente de uma cuidadosa programação e da sua realização inteligente através de um compromisso concreto. O Senhor pede certamente a nossa colaboração, mas, antes de

qualquer resposta da nossa parte, é necessária a sua iniciativa: o verdadeiro protagonista é o seu Espírito, que se deve invocar e acolher.

No Evangelho, ouvimos a primeira parte da chamada «oração sacerdotal» de Jesus (cf. *Jo* 17, 1-11a) – depois dos discursos de despedida – repleta de familiaridade, ternura e amor. Designa-se «oração sacerdotal», porque nela Jesus aparece na atitude de sacerdote que intercede pelos seus, quando está para deixar este mundo. Predomina no texto um duplo tema: o da *hora* e o da *glória*. Trata-se da hora da morte (cf. *Jo* 2, 4; 7, 30; 8, 20), a hora em que o Filho deve passar deste mundo para o Pai (*Jo* 13, 1); mas ao mesmo tempo é também a hora da sua glorificação que se realiza através da cruz, designada pelo evangelista João como «exaltação», isto é, levantamento, elevação à glória: a hora da morte de Jesus, a hora do amor supremo, é a hora da sua glória mais alta. Também para a Igreja, para cada cristão, a glória mais alta é aquela Cruz, é viver a caridade, dom total a Deus e aos outros.

Amados irmãos e irmãs! De bom grado acolhi o convite que me fizeram os Bispos da Croácia para visitar este País por ocasião do primeiro Encontro Nacional das Famílias Católicas Croatas. Desejo exprimir vivo apreço pela vossa solicitude e empenho a favor da família, não só porque esta realidade humana fundamental tem hoje no vosso país, como noutros lados, de enfrentar dificuldades e ameaças e, por conseguinte, precisa particularmente de ser evangelizada e sustentada, mas também porque as famílias cristãs São um recurso decisivo para a educação na fé, para a edificação da Igreja como comunhão e para a sua presença missionária nas mais diversas situações da vida. Conheço a generosidade e dedicação com que vós, queridos Pastores, servis o Senhor e a Igreja. O vosso trabalho diário, tanto na formação da fé das novas gerações como na preparação para o matrimónio e no acompanhamento das famílias, é o caminho fundamental para regenerar incessantemente a Igreja e também para vivificar o tecido social do país. Possa este precioso serviço pastoral continuar a contar com a vossa disponibilidade!

Cada um bem sabe como a família cristã é um sinal especial da presença e do amor de Cristo e como está chamada a dar uma contribuição específica e insubstituível para a evangelização. O Beato João Paulo II, que visitou

três vezes este nobre país, afirmava que «a família cristã é chamada a tomar parte viva e responsável na missão da Igreja de modo próprio e original, colocando-se ao serviço da Igreja e da sociedade no seu ser e agir, enquanto comunidade íntima de vida e de amor» (*Familiaris consortio*, 50). A família cristã foi sempre a primeira via de transmissão da fé e ainda hoje conserva grandes possibilidades para a evangelização em muitos âmbitos.

Queridos pais, empenhai-vos sempre em ensinar os vossos filhos a rezar, e rezai com eles; aproximai-os dos Sacramentos, especialmente da Eucaristia (este ano, celebrais seis séculos do «milagre eucarístico de Ludberg»); introduzi-os na vida da Igreja; na intimidade doméstica, não tenhais medo de ler a Sagrada Escritura, iluminando a vida familiar com a luz da fé e louvando a Deus como Pai. Sede uma espécie de Cenáculo em miniatura, como o de Maria e dos discípulos, onde se vive a unidade, a comunhão, a oração.

Hoje, graças a Deus, muitas famílias cristãs vão adquirindo cada vez maior consciência da sua vocação missionária, e comprometem-se seriamente dando testemunho de Cristo Senhor. O Beato João Paulo II fez questão de salientar: «Uma família autêntica, fundada no matrimónio, é em si mesma uma “boa notícia” para o mundo». E acrescentou: «No nosso tempo, São cada vez mais numerosas as famílias que colaboram activamente na evangelização (...). Amadureceu na Igreja a hora da família, que é também a hora da família missionária» (*Angelus*, 21 de Outubro de 2001).

Na sociedade actual, é muito necessária e urgente a presença de famílias cristãs exemplares. Infelizmente temos de constatar, sobretudo na Europa, o aumento de uma secularização que leva a deixar Deus à margem da vida e a uma crescente desagregação da família. Absolutiza-se uma liberdade sem compromisso com a verdade, e cultiva-se como ideal o bem-estar individual através do consumo de bens materiais e de experiências efémeras, descuidando a qualidade das relações com as pessoas e os valores humanos mais profundos; reduz-se o amor a mera emoção sentimental e à satisfação de impulsos instintivos, sem empenhar-se por construir laços duradouros de mútua pertença e sem abertura à vida. Somos chamados a contrastar esta mentalidade. A par da palavra da Igreja, é muito importante o testemunho e

o compromisso das famílias cristãs, o seu testemunho concreto, sobretudo para afirmar a intangibilidade da vida humana desde a concepção até ao seu fim natural, o valor único e insubstituível da família fundada no matrimónio e a necessidade de disposições legislativas que sustentem as famílias na sua tarefa de gerar e educar os filhos.

Queridas famílias, sede corajosas! Não cedais à mentalidade secularizada que propõe a convivência como preparação ou mesmo substituição do matrimónio. Mostrai com o vosso testemunho de vida que é possível amar, como Cristo, sem reservas, que não é preciso ter medo de assumir um compromisso com outra pessoa. Queridas famílias, alegrai-vos com a paternidade e a maternidade! A abertura à vida é sinal de abertura ao futuro, de confiança no futuro, tal como o respeito da moral natural, antes que mortificar a pessoa, liberta-a. O bem da família é igualmente o bem da Igreja. Quero repetir aqui o que disse um dia: «A edificação de cada uma das famílias cristãs situa-se no contexto daquela família mais ampla que é a Igreja, a qual a sustenta e leva consigo. (...) E, vice-versa, a Igreja é edificada pelas famílias, pequenas Igrejas domésticas» (Discurso de abertura do Congresso eclesial diocesano de Roma, 6 de Junho de 2005: Insegnamenti di Benedetto XVI, vol. I, 2005, p. 205). Peçamos ao Senhor que cada vez mais as famílias se tornem pequenas Igrejas e as comunidades eclesiais sejam cada vez mais família.

Queridas famílias croatas, vivendo na comunhão de fé e caridade, sede testemunhas de maneira sempre mais transparente da promessa que o Senhor, ao subir ao Céu, fez a cada um de nós: «Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Amados cristãos croatas, senti-vos chamados a evangelizar com toda a vossa vida; senti intensamente a palavra do Senhor: «Ide, pois, fazer discípulos de todas as nações» (Mt 28, 19). A Virgem Maria, Rainha dos Croatas, vele incessantemente sobre este vosso caminho. Amen. Sejam louvados Jesus e Maria!

*Basílica Vaticana*

**Domingo, 12 de Junho de 2011**

*Queridos irmãos e irmãs!*

Hoje celebramos a importante solenidade do Pentecostes. Se, num certo sentido, todas as solenidades litúrgicas da Igreja São grandes, maior é o Pentecostes porque, chegando ao quinquagésimo dia, assinala o cumprimento do acontecimento da Páscoa, da morte e ressurreição do Senhor Jesus, através da dádiva do Espírito do Ressuscitado. Para o Pentecostes, a Igreja preparou-nos nos dias passados com a sua oração, com a invocação reiterada e intensa a Deus, para alcançar uma renovada efusão do Espírito Santo sobre nós. Assim, a Igreja reviveu aquilo que acontecera nas suas origens quando os Apóstolos, reunidos no Cenáculo de Jerusalém, «perseveravam unanimemente na oração com as mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele» (*Act 1, 14*). Estavam congregados na expectativa humilde e confiante, que se cumprisse a promessa do Pai, a eles comunicada por Jesus: «Vós sereis batizados no Espírito Santo, daqui a poucos dias... descerá sobre vós o Espírito Santo, que vos dará a sua força» (*Act 1, 5.8*).

Na liturgia do Pentecostes, na narração dos Actos dos Apóstolos sobre o nascimento da Igreja (cf. *Act 2, 1-11*), corresponde o salmo 103 que ouvimos: um louvor de toda a criação, que exalta o Espírito Criador que fez tudo com sabedoria: «Ó Senhor, quão variadas São as vossas obras! Todas elas foram feitas com sabedoria, a terra está cheia das vossas criaturas... Ao Senhor, glória eterna; alegre-se o Senhor pelas suas obras» (*Sl 103, 24.31*). O que a Igreja nos quer dizer é isto: o Espírito criador de todas as coisas, e o Espírito Santo que Cristo fez descer do Pai sobre a comunidade dos discípulos São um só e único: criação e redenção pertencem-se reciprocamente e constituem, em profundidade, um único mistério de amor e de salvação. O Espírito Santo é antes de tudo Espírito Criador e portanto o Pentecostes é inclusive festa da criação. Para nós, cristãos, o mundo é fruto de um gesto de amor de Deus, que criou também todas as coisas e pelo qual

Ele se alegra porque é «coisa boa», «coisa muito boa», como diz a narração da criação (cf. *Gn* 1, 1-31). Por isso, Deus não é o totalmente Outro, inominável e obscuro. Deus revela-se, tem uma face, Deus é razão, Deus é vontade, Deus é amor, Deus é beleza. A fé no Espírito Criador e a fé no Espírito que Cristo Ressuscitado concedeu aos Apóstolos e oferece a cada um de nós estão unidas para sempre.

A segunda Leitura e o Evangelho do dia de hoje mostram-nos esta ligação. O Espírito Santo é Aquele que nos faz reconhecer em Cristo o Senhor, levando-nos a pronunciar a profissão de fé da Igreja: «Jesus é o Senhor» (cf. *1 Cor* 12, 3b). Senhor é o título atribuído a Deus no Antigo Testamento, título que na leitura da Bíblia tomava o lugar do seu nome impronunciável. O Credo da Igreja mais não é que o desenvolvimento daquilo que se diz com esta simples afirmação: «Jesus é o Senhor». Desta profissão de fé, São Paulo diz-nos que se trata precisamente da palavra e da obra do Espírito. Se quisermos estar no Espírito Santo, temos que aderir a este Credo. Fazendo-o nosso, aceitando-o como nossa palavra, acedemos à obra do Espírito Santo. A expressão «Jesus é o Senhor» pode ser lida nos dois sentidos. Significa: Jesus é Deus e, contemporaneamente: Deus é Jesus. O Espírito Santo ilumina esta reciprocidade: Jesus tem dignidade divina, e Deus tem o rosto humano de Jesus. Deus mostra-se em Jesus e, assim, oferece-nos a verdade sobre nós mesmos. Deixar-se iluminar no profundo desta palavra é o acontecimento do Pentecostes. Recitando o Credo, nós entramos no mistério do primeiro Pentecostes: da confusão de Babel, daquelas vozes que vociferam umas contra as outras, deriva uma transformação radical: na multiplicidade faz-se unidade multiforme, a partir do poder unificador da Verdade cresce a compreensão. No Credo que nos une de todos os recantos da Terra que, mediante o Espírito Santo, faz com que nos compreendamos apesar da diversidade das línguas, através da fé, da esperança e do amor, forma-se a nova comunidade da Igreja de Deus.

Depois, o trecho evangélico oferece-nos uma imagem maravilhosa para esclarecer a ligação entre Jesus, o Espírito Santo e o Pai: o Espírito Santo é representado como o sopro de Jesus Cristo ressuscitado (cf. *Jo* 20, 22). O evangelista João retoma aqui uma imagem da narração da criação, onde nos diz que Deus inspirou nas narinas do homem um sopro de vida (cf. *Gn* 2, 7). O sopro de Deus é vida. Ora, o Senhor inspira na nossa alma o novo

sopro de vida, o Espírito Santo, a sua essência mais íntima, e deste modo recebe-nos na família de Deus. Mediante o Baptismo e a Crisma recebemos este dom de maneira específica, e com os sacramentos da Eucaristia e da Penitência ele repete-se continuamente: o Senhor inspira na nossa alma um sopro de vida. Todos os Sacramentos, cada um segundo a maneira que lhe é própria, comunicam ao homem a vida divina, graças ao Espírito Santo que age neles.

Na liturgia de hoje vemos mais uma ligação. O Espírito Santo é Criador e, ao mesmo tempo, Espírito de Jesus Cristo, porém de tal modo que o Pai, o Filho e o Espírito Santo São um só e único Deus. E à luz da primeira Leitura podemos acrescentar: o Espírito Santo anima a Igreja. Ela não deriva da vontade humana, da reflexão, da habilidade do homem e/ou da sua capacidade organizativa, porque se fosse assim, ela já se teria extinguido há muito tempo, do mesmo modo como passam todas as realidades humanas. Ela, a Igreja, ao contrário, é o Corpo de Cristo, animado pelo Espírito Santo. As imagens do vento e do fogo, utilizadas por São Lucas para representar a vinda do Espírito Santo (cf. *Act 2*, 2-3), recordam o Sinai, onde Deus se tinha revelado ao povo de Israel, concedendo-lhe a sua aliança; «Todo o monte Sinai fumegava — lê-se no *Livro do Êxodo* — porque o Senhor tinha descido sobre ele no meio das chamas» (19, 18). Com efeito, Israel festejou o quinquagésimo dia depois da Páscoa, após a comemoração da fuga do Egipto, como a festa do Sinai, a festividade do Pacto. Quando São Lucas fala de línguas de fogo, para representar o Espírito Santo, é evocado aquele antigo Pacto, estabelecido com base na Lei recebida de Israel no monte Sinai. Assim o acontecimento do Pentecostes é representado como um novo Sinai, como o dom de um novo Pacto no qual São abrangidos com a aliança de Israel todos os povos da Terra, na qual decaem todos os limites da antiga Lei e aparece o seu coração mais santo e imutável, ou seja o amor, que precisamente o Espírito Santo comunica e difunde, o amor que tudo abraça. Ao mesmo tempo, a Lei dilata-se, abre-se, embora se torne mais simples: trata-se do novo Pacto, que o Espírito «inscreve» nos corações de quantos crêem em Cristo. A extensão do Pacto a todos os povos da Terra é representada por São Lucas através de um elenco de populações considerável para aquela época (cf. *Act 2*, 9-11). Com isto, é-nos dito algo muito importante: que a Igreja é católica desde o primeiro momento, que a sua universalidade não é o fruto da inclusão

sucessiva de diversas comunidades. Com efeito, desde o primeiro instante o Espírito Santo criou-a como a Igreja de todos os povos; ela abraça o mundo inteiro, supera todas as fronteiras de raça, classe e nação; abate todas as barreiras e une os homens na profissão do Deus uno e trino. Desde o início a Igreja é una, católica e apostólica: esta é a sua verdadeira natureza e, como tal, deve ser reconhecida. Ela é santa, não graças à capacidade dos seus membros, mas porque é o próprio Deus, com o seu Espírito, que a cria, purifica e santifica sempre.

Enfim, o Evangelho de hoje confia-nos esta linda expressão: «Os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor» (Jo 20, 20). Estas palavras São profundamente humanas. O Amigo perdido está novamente presente, e quantos antes se sentiam assolados agora rejubilam. Mas ela diz muito mais, pois o Amigo perdido não vem de um lugar qualquer, mas sim da noite da morte; e Ele atravessou-a! Ele não é qualquer um, mas sim o Amigo e, ao mesmo tempo, Aquele que é a Verdade que leva os homens a viver; e aquilo que Ele oferece não é uma alegria qualquer, mas sim o próprio júbilo, dom do Espírito Santo. Sim, é bonito viver, porque sou amado, e é a Verdade que me ama. Os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor. Hoje, no Pentecostes, esta expressão é destinada também a nós, porque na fé podemos vê-lo; na fé, Ele vem ao meio de nós e mostra também a nós as mãos e o lado, e nós alegramo-nos com isto. Por isso, queremos rezar: Senhor, mostra-te! Concede-nos o dom da tua presença e teremos a dádiva mais bonita: a tua alegria. Amém!

VISITA PASTORAL À DIOCESE DE SAN MARINO-MONTEFELTRO

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

*Estádio Serravalle - República de San Marino*

**Domingo, 19 de Junho de 2011**

*Prezados irmãos e irmãs!*

É grande a minha alegria de poder partir convosco o pão da Palavra de Deus e da Eucaristia e poder dirigir-vos, amados habitantes de São Marino, a minha saudação mais cordial. Dirijo um pensamento especial aos Capitães-Regentes e às demais Autoridades políticas e civis, presentes nesta celebração eucarística; saúdo com afecto o vosso Bispo, D. Luigi Negri, a quem agradeço as amáveis palavras que me dirigiu e, juntamente com ele, todos os sacerdotes e fiéis da diocese de São Marino-Montefeltro; saúdo cada um de vós e exprimo-vos o meu profundo reconhecimento pela cordialidade e pelo carinho com que me recebestes. Vim para partilhar convosco alegrias e esperanças, dificuldades e compromissos, ideais e aspirações desta Comunidade diocesana. Sei que nem aqui faltam dificuldades, problemas e preocupações. Desejo assegurar a todos vós a minha proximidade e a minha lembrança na oração, às quais uno o encorajamento a perseverar no testemunho dos valores humanos e cristãos, tão profundamente arraigados na fé e na história deste território e da sua população, com a sua fé granítica da qual Sua Excelência falou.

Hoje celebramos a festividade da Santíssima Trindade: Deus Pai e Filho e Espírito Santo, festa de Deus, do centro da nossa fé. Quando pensamos na Trindade, vem à mente sobretudo o aspecto do mistério: São Três e São Um, um só Deus em três Pessoas. Na realidade, Deus só pode ser um mistério para nós na sua grandeza, e todavia Ele revelou-se: podemos conhecê-lo no seu Filho, e assim conhecer também o Pai e o Espírito Santo. No entanto, a liturgia hodierna chama a nossa atenção não tanto para o mistério, mas para a realidade de amor que está contida neste primeiro e supremo mistério da nossa fé. O Pai e o Filho e o Espírito Santo São um só, porque São amor, e o amor é a força vivificadora absoluta, a unidade criada pelo amor é mais unidade do que uma unidade puramente física. O Pai doa

tudo ao Filho; o Filho recebe tudo do Pai, com reconhecimento; e o Espírito Santo é como que o fruto deste amor recíproco do Pai e do Filho. Os textos da Santa Missa de hoje falam de Deus, e por isso falam de amor; não se detêm tanto no mistério das três Pessoas, mas no amor que constitui a sua substância e, ao mesmo tempo, a sua unidade e trindade.

O primeiro trecho que ouvimos foi tirado do *Livro do Êxodo* — sobre ele meditei numa recente Catequese de quarta-feira — e é surpreendente que a revelação do amor de Deus tenha lugar depois de um gravíssimo pecado da parte do povo. O pacto de aliança é recém-estipulado no monte Sinai, e o povo já comete a falta de fidelidade. A ausência de Moisés prolonga-se e o povo diz: «Mas onde ficou este Moisés, onde está o seu Deus?», e pede a Araão que lhe construa um deus que seja visível, acessível, manobrável, ao alcance do homem, em vez deste misterioso Deus invisível, distante. Araão concorda e prepara um bezerro de ouro. Descendo do Sinai, Moisés vê o que tinha acontecido e rompe as tábuas da aliança, que já está quebrada, fragmentada, duas pedras sobre as quais estavam escritas as «Dez Palavras», o conteúdo concreto do pacto com Deus. Tudo parece perdido, a amizade imediatamente, desde o princípio, já interrompida. E no entanto, não obstante o pecado gravíssimo da parte do povo, Deus, por intercessão de Moisés, decide perdoar e convida Moisés a subir de novo ao monte para receber de novo a sua lei, os dez Mandamentos, e renovar o pacto. Então, Moisés pede a Deus que se revele, que lhe mostre a sua face. Deus não mostra o rosto, mas revela sobretudo o seu ser cheio de bondade, com as seguintes palavras: «Senhor, Senhor, Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade» (Êx 34, 6). E este é o Rosto de Deus. Esta autodefinição de Deus manifesta o seu amor misericordioso: um amor que vence o pecado, que o cobre e elimina. E podemos estar sempre seguros desta bondade que não nos deixa. Não pode haver revelação mais clara. Nós temos um Deus que renuncia a destruir o pecador e que quer manifestar o seu amor de maneira ainda mais profunda e surpreendente, precisamente diante do pecador para oferecer sempre a possibilidade da conversão e do perdão.

O Evangelho completa esta revelação, que ouvimos na primeira leitura, porque indica até que ponto Deus manifestou a sua misericórdia. O evangelista João refere esta expressão de Jesus: «Deus amou o mundo de tal

modo, que lhe deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna» (3, 16). No mundo existe o mal, o egoísmo, a maldade, e Deus poderia vir para julgar este mundo, para destruir o mal, para castigar aqueles que agem nas trevas. No entanto, Ele demonstra que ama o mundo, que ama o homem, não obstante o seu pecado, e envia aquilo que tem de mais precioso: o seu Filho unigénito. E não só O envia, mas doa-O ao mundo. Jesus é o Filho de Deus que nasceu para nós, que viveu para nós, que curou os doentes, perdoou os pecados e acolheu todos. Respondendo ao amor que vem do Pai, o Filho entregou a sua própria vida por nós: na cruz, o amor misericordioso de Deus chega ao seu ápice. E é na cruz que o Filho de Deus nos obtém a participação na vida eterna, que nos é comunicada mediante o dom do Espírito Santo. Assim, no mistério da cruz, estão presentes as três Pessoas divinas: o Pai, que doa o seu Filho unigénito para a salvação do mundo; o Filho, que cumpre até ao fundo o desígnio do Pai; e o Espírito Santo — infundido por Jesus no momento da morte — que vem tornar-nos partícipes da vida divina e a transformar a nossa existência, para que seja animada pelo amor divino.

Caros irmãos e irmãs! A fé no Deus trinitário caracterizou também esta Igreja de São Marino-Montefeltro, ao longo da sua história antiga e gloriosa. A evangelização desta terra é atribuída aos santos artesãos Marinho e Leão, que nos meados do século III depois de Cristo teriam chegado a Rímíni, provenientes da Dalmácia. Em virtude da sua santidade, teriam sido consagrados, um sacerdote e o outro diácono, pelo Bispo Gaudêncio e por ele enviados para o interior, um para o monte Feretro, que depois recebeu o nome de São Leão, e o outro para o monte Titã, que em seguida recebe o nome de São Marino. Para além destas questões históricas — que não é nossa tarefa aprofundar — interessa afirmar como Marinho e Leão trouxeram ao contexto desta realidade local, com a fé no Deus que se revelou em Jesus Cristo, perspectivas e valores renovados, determinando assim o nascimento de uma cultura e de uma civilização centradas na pessoa humana, imagem de Deus e por isso portador de direitos precedentes a qualquer legislação humana. A variedade das diversas etnias — romanos, godos e depois longobardos — que entravam em contacto entre si, às vezes também de modo muito conflituoso, encontraram na referência comum à fé um poderoso elemento de edificação ética, cultural, social e, de certa forma, política. Era evidente aos seus olhos que não podia considerar-se completo

um projecto de civilização até que todos os componentes do povo não se tornassem uma comunidade cristã viva e bem estruturada e edificada sobre a fé no Deus trinitário. Portanto, pode-se dizer com razão que a riqueza deste povo, a vossa riqueza queridos habitantes de São Marino, foi e é a fé, e que esta fé criou uma civilização verdadeiramente única. Além disso, ao lado da fé é necessário recordar a fidelidade absoluta ao Bispo de Roma, para o qual esta Igreja sempre olhou com devoção e carinho; assim como a atenção demonstrada pela grande tradição da Igreja oriental e a profunda devoção à Virgem Maria.

Sentis-vos, justamente, orgulhosos e reconhecidos por aquilo que o Espírito Santo realizou ao longo dos séculos na vossa Igreja. Mas vós sabeis também que o melhor modo de apreciar uma herança consiste em cultivá-la e em enriquecê-la. Na realidade, vós sois chamados a desenvolver este depósito precioso num momento entre os mais decisivos da história. Hoje, a vossa missão deve confrontar-se com profundas e rápidas transformações culturais, sociais, económicas e políticas, que determinaram novas orientações e modificaram mentalidades, costumes e sensibilidades. Com efeito, também aqui — como alhures — não faltam dificuldades e obstáculos, devidos sobretudo a modelos hedonistas que ofuscam a mente e correm o risco de cancelar qualquer moralidade. Insinuou-se a tentação de considerar que a riqueza do homem não é a fé, mas sim o seu poder pessoal e social, a sua inteligência, a sua cultura e a sua capacidade de manipulação científica, tecnológica e social da realidade. Deste modo, também nestas terras começou a substituir-se a fé e os valores cristãos com presumíveis riquezas, que no final se revelam inconsistentes e incapazes de manter a grande promessa da verdade, do bem, da beleza e da justiça, que durante séculos os vossos antepassados identificaram com a experiência da fé. Além disso, não se devem esquecer a crise de não poucas famílias, agravada pela difundida fragilidade psicológica e espiritual dos cônjuges, assim como a dificuldade experimentada por muitos educadores para oferecer uma continuidade formativa aos jovens, condicionados por múltiplas precariedades, primeira de todas a da função social e da possibilidade de trabalho.

Estimados amigos! Conheço bem o empenhamento de cada componente desta Igreja particular, na promoção da vida cristã nos seus vários aspectos.

Exorto todos os fiéis a serem como que fermento no mundo, mostrando-vos quer em Montefeltro quer em São Marino como cristãos presentes, empreendedores e coerentes. Os Sacerdotes, os Religiosos e as Religiosas vivam sempre na comunhão eclesial mais cordial e concreta, ajudando e ouvindo o Pastor diocesano. Também entre vós se sente a urgência de uma retomada das vocações presbiterais e de consagração especial: faço apelo às famílias e aos jovens, para que abram a alma a uma resposta imediata à chamada do Senhor. Nunca nos arrependemos de ser generosos com Deus! A vós, leigos, recomendo que vos comprometais concretamente na Comunidade de maneira que, além dos vossos peculiares deveres cívicos, políticos, sociais e culturais, possais encontrar tempo e disponibilidade para a vida da fé, a vida pastoral. Amados habitantes de São Marino! Permanecei solidamente fiéis ao património construído ao longo dos séculos, sob o impulso dos vossos grandiosos Padroeiros Marinho e Leão. Invoco a Bênção de Deus sobre o vosso caminho de hoje e de amanhã, enquanto recomendo todos vós «à graça do Senhor Jesus Cristo, ao amor de Deus e à comunhão do Espírito Santo» (cf. 2 Cor 13, 13). Amém!

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DO CORPO E SANGUE DE CRISTO

*Basílica de São João de Latrão*

**Quinta-feira, 23 de Junho de 2011**

*Queridos irmãos e irmãs!*

A festa do *Corpus Christi* é inseparável da Quinta-Feira Santa, da Missa *in Caena Domini*, na qual se celebra solenemente a instituição da Eucaristia. Enquanto na tarde de Quinta-Feira Santa se revive o mistério de Cristo que se oferece a nós no pão partido e no vinho derramado, hoje, na celebração do *Corpus Christi*, este mesmo mistério é proposto à adoração e à meditação do Povo de Deus, e o Santíssimo Sacramento é levado em procissão pelas estradas das cidades e das aldeias, para manifestar que Cristo ressuscitado caminha no meio de nós e nos guia para o Reino do céu. O que Jesus nos doou na intimidade do Cenáculo, hoje manifestamo-lo abertamente, porque o amor de Cristo não está destinado a alguns, mas a todos. Na *Missa in Caena Domini da passada Quinta-Feira Santa* ressaltai que na Eucaristia se realiza a transformação dos dons desta terra — o pão e o vinho — finalizada a transformar a nossa vida e a inaugurar assim a transformação do mundo. Esta tarde gostaria de retomar esta perspectiva.

Poder-se-ia dizer que tudo parte do coração de Cristo, que na Última Ceia, na vigília da sua paixão, agradeceu e louvou a Deus e, deste modo, com o poder do seu amor, transformou o sentido da morte que se estava a aproximar. O facto que o Sacramento do altar tenha assumido o nome «Eucaristia» — «acção de graças» — expressa precisamente isto: que a transformação da substância do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo é fruto do dom que Cristo fez de si mesmo, dom de um amor mais forte do que a morte, Amor divino que o fez ressuscitar dos mortos. Eis por que a Eucaristia é alimento de vida eterna, Pão da vida. Do coração de Cristo, da sua «oração eucarística» na vigília da paixão, brota aquele dinamismo que transforma a realidade nas suas dimensões cósmica, humana e histórica. Tudo procede de Deus, da onipotência do seu Amor Uno e Trino, encarnado em Jesus. Neste amor está imerso o coração de Cristo; por isso

Ele sabe agradecer e louvar a Deus também perante a traição e a violência, e desta forma muda as coisas, as pessoas e o mundo.

Esta transformação é possível graças a uma comunhão mais forte que a divisão, a comunhão do próprio Deus. A palavra «comunhão», que usamos também para designar a Eucaristia, resume em si a dimensão vertical e a horizontal do dom de Cristo. É bonita e muito eloquente a expressão «receber a comunhão» referida ao gesto de comer o Pão eucarístico. Com efeito, quando realizamos este gesto, entramos em comunhão com a própria vida de Jesus, no dinamismo desta vida que se doa a nós e por nós. De Deus, através de Jesus, até nós: é uma única comunhão que se transmite na sagrada Eucaristia. Ouvimo-lo há pouco, na segunda Leitura, das palavras do apóstolo Paulo, dirigidas aos cristãos de Corinto: «O cálice da bênção que benzemos não é a comunhão do sangue de Cristo? E o pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão» (1 Cor 10, 16-17).

Santo Agostinho ajuda-nos a compreender a dinâmica da comunhão eucarística, quando faz referência a uma espécie de visão que teve, na qual Jesus lhe disse: «Eu sou o alimento dos fortes. Cresce e receber-me-ás. Tu não me transformarás em ti, como o alimento do corpo, mas és tu que serás transformado em mim» (*Confissões* VII, 10, 18). Portanto, enquanto o alimento corporal é assimilado pelo nosso organismo e contribui para o seu sustento, no caso da Eucaristia trata-se de um Pão diferente: não somos nós que o assimilamos, mas é ele que nos assimila a si, de tal modo que nos tornamos conformes com Jesus Cristo, membros do seu corpo, um só com Ele. Esta passagem é decisiva. Com efeito, precisamente porque é Cristo que, na comunhão eucarística, nos transforma em si, neste encontro a nossa individualidade é aberta, libertada do seu egocentrismo e inserida na Pessoa de Jesus, que por sua vez está imersa na comunhão trinitária. Assim a Eucaristia, enquanto nos une a Cristo, abre-nos também aos outros, tornando-nos membros uns dos outros: já não estamos divididos, mas somos um só nele. A comunhão eucarística une-me à pessoa que está ao meu lado e com a qual, talvez, eu nem sequer tenho um bom relacionamento, mas também aos irmãos distantes, em todas as regiões do mundo. Portanto daqui, da Eucaristia, deriva o profundo sentido da

presença social da Igreja, como testemunham os grandes santos sociais, que foram sempre grandes almas eucarísticas. Quem reconhece Jesus na Hóstia sagrada, reconhece-O no irmão que sofre, que tem fome e sede, que é estrangeiro, está nu, doente, prisioneiro; e está atento a cada pessoa, empenha-se de modo concreto por todos aqueles que se encontram em necessidade. Portanto, do dom de amor de Cristo provém a nossa especial responsabilidade de cristãos na construção de uma sociedade solidária, justa e fraterna. Especialmente no nosso tempo, em que a globalização nos torna cada vez mais dependentes uns dos outros, o Cristianismo pode e deve fazer com que esta unidade não se edifique sem Deus, ou seja, sem o verdadeiro Amor, o que daria espaço à confusão, ao individualismo e à prepotência de todos contra todos. O Evangelho visa desde sempre a unidade da família humana, uma unidade não imposta do alto, nem por interesses ideológicos ou económicos, mas sim a partir do sentido de responsabilidade recíproca, porque nos reconhecemos membros de um único corpo, do corpo de Cristo, porque aprendemos e continuamos a aprender constantemente do Sacramento do Altar, que a partilha, o amor é o caminho da verdadeira justiça.

Voltemos agora ao gesto de Jesus na Última Ceia. O que aconteceu naquele momento? Quando Ele disse: isto é o meu corpo, que é entregue por vós; isto é o meu sangue, derramado por vós e pela multidão, o que acontece? Neste gesto, Jesus antecipa o acontecimento do Calvário. Por amor, Ele aceita toda a paixão, com a sua dificuldade e a sua violência, até à morte de cruz; aceitando-a deste modo, transforma-a num gesto de doação. Esta é a transformação de que o mundo tem mais necessidade, porque o redime a partir de dentro, abrindo-o às dimensões do Reino dos céus. Mas esta renovação do mundo, Deus quer realizá-la sempre através do mesmo caminho percorrido por Cristo, aliás, o caminho que é Ele mesmo. Não há nada de mágico no Cristianismo. Não existem atalhos, mas tudo passa através da lógica humilde e paciente do grão de trigo que se abre para dar vida, a lógica da fé que move as montanhas com a força mansa de Deus. Por isso, Deus quer continuar a renovar a humanidade, a história e o cosmos através desta cadeia de transformações, cujo sacramento é a Eucaristia. Mediante o pão e o vinho consagrados, nos quais estão realmente presentes o seu Corpo e o seu Sangue, Cristo transforma-nos, assimilando-nos a Ele: compromete-nos na sua obra de redenção tornando-nos capazes, pela graça

do Espírito Santo, de viver segundo a sua própria lógica de entrega, como grãos de trigo unidos a Ele e nele. É assim que se semeiam e amadurecem nos sulcos da história a unidade e a paz, que constituem o fim para o qual tendemos, segundo o desígnio de Deus.

Sem ilusões, sem utopias ideológicas, nós caminhamos pelas veredas do mundo, trazendo dentro de nós o Corpo do Senhor, como a Virgem Maria no mistério da Visitação. Com a humildade de saber que somos simples grãos de trigo, conservemos a certeza firme de que o amor de Deus, encarnado em Cristo, é mais forte que o mal, a violência e a morte. Sabemos que Deus prepara para todos os homens céus novos e uma nova terra, onde reinam a paz e a justiça — e na fé entrevemos o mundo novo, que é a nossa verdadeira pátria. Também esta tarde, enquanto o sol se põe sobre esta nossa amada cidade de Roma, pomo-nos a caminho: conosco está Jesus-Eucaristia, o Ressuscitado, que disse: «Eis que Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (*Mt 28, 20*). Obrigado, Senhor Jesus! Obrigado pela vossa fidelidade, que sustém a nossa esperança. Permanecei conosco, porque está a anoitecer. «Bom Pastor, Pão verdadeiro, ó Jesus, tende piedade de nós; alimentai-nos, defendei-nos e conduzi-nos para os bens eternos, na terra dos vivos!». Amém.

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E IMPOSIÇÃO DOS PÁLIOS AOS NOVOS ARCEBISPOS  
METROPOLITANOS NA SOLENIDADE DOS SANTOS PEDRO E PAULO

*Basílica Vaticana*

**29 de Junho de 2011**

*Amados irmãos e irmãs!*

«*Non iam servos, sed amicos*» - «Já não vos chamo servos, mas amigos» (cf. *Jo* 15, 15). Passados sessenta anos da minha Ordenação Sacerdotal, sinto ainda ressoar no meu íntimo estas palavras de Jesus, que o nosso grande Arcebispo, o Cardeal Faulhaber, com voz um pouco débil já mas firme, nos dirigiu, a nós novos sacerdotes, no final da cerimónia da Ordenação. Segundo o ordenamento litúrgico daquele tempo, esta proclamação significava então a explícita concessão aos novos sacerdotes do mandato de perdoar os pecados. «Já não sois servos, mas amigos»: eu sabia e sentia que esta não era, naquele momento, apenas uma frase «de cerimónia»; e que era mais do que uma mera citação da Sagrada Escritura. Estava certo disto: neste momento, Ele mesmo, o Senhor, di-la a mim de modo muito pessoal. No Baptismo e na Confirmação, Ele já nos atraíra a Si, acolhera-nos na família de Deus. Mas o que estava a acontecer naquele momento, ainda era algo mais. Ele chama-me amigo. Acolhe-me no círculo daqueles que receberam a sua palavra no Cenáculo; no círculo daqueles que Ele conhece de um modo muito particular e que chegam assim a conhecê-Lo de modo particular. Concede-me a faculdade, que quase amedronta, de fazer aquilo que só Ele, o Filho de Deus, pode legitimamente dizer e fazer: Eu te perdoo os teus pecados. Ele quer que eu – por seu mandato – possa pronunciar com o seu «Eu» uma palavra que não é meramente palavra mas acção que produz uma mudança no mais íntimo do ser. Sei que, por detrás de tais palavras, está a sua Paixão por nossa causa e em nosso favor. Sei que o perdão tem o seu preço: na sua Paixão, Ele desceu até ao fundo tenebroso e sórdido do nosso pecado. Desceu até à noite da nossa culpa, e só assim esta pode ser transformada. E, através do mandato de perdoar, Ele permite-me lançar um olhar ao abismo do homem e à grandeza do seu padecer por nós, homens, que me deixa intuir a grandeza do seu amor. Diz-me Ele em confiança: «Já não és servo, mas amigo». Ele confia-me as palavras da

Consagração na Eucaristia. Ele considera-me capaz de anunciar a sua Palavra, de explicá-la rectamente e de a levar aos homens de hoje. Ele entrega-Se a mim. «Já não sois servos, mas amigos»: trata-se de uma afirmação que gera uma grande alegria interior mas ao mesmo tempo, na sua grandeza, pode fazer-nos sentir ao longo dos decénios calafrios com todas as experiências da própria fraqueza e da sua bondade inexaurível.

«Já não sois servos, mas amigos»: nesta frase está encerrado o programa inteiro duma vida sacerdotal. O que é verdadeiramente a amizade? *Idem velle, idem nolle* – querer as mesmas coisas e não querer as mesmas coisas: diziam os antigos. A amizade é uma comunhão do pensar e do querer. O Senhor não se cansa de nos dizer a mesma coisa: «Conheço os meus e os meus conhecem-Me» (cf. *Jo* 10, 14). O Pastor chama os seus pelo nome (cf. *Jo* 10, 3). Ele conhece-me por nome. Não sou um ser anónimo qualquer, na infinidade do universo. Conhece-me de modo muito pessoal. E eu? Conheço-O a Ele? A amizade que Ele me dedica pode apenas traduzir-se em que também eu O procure conhecer cada vez melhor; que eu, na Escritura, nos Sacramentos, no encontro da oração, na comunhão dos Santos, nas pessoas que se aproximam de mim mandadas por Ele, procure conhecer sempre mais a Ele próprio. A amizade não é apenas conhecimento; é sobretudo comunhão do querer. Significa que a minha vontade cresce rumo ao «sim» da adesão à d’Ele. De facto, a sua vontade não é uma vontade externa e alheia a mim mesmo, à qual mais ou menos voluntariamente me submeto ou então nem sequer me submeto. Não! Na amizade, a minha vontade, crescendo, une-se à d’Ele: a sua vontade torna-se a minha, e é precisamente assim que me torno de verdade eu mesmo. Além da comunhão de pensamento e de vontade, o Senhor menciona um terceiro e novo elemento: Ele dá a sua vida por nós (cf. *Jo* 15, 13; 10, 15). Senhor, ajudai-me a conhecer-Vos cada vez melhor! Ajudai-me a identificar-me cada vez mais com a vossa vontade! Ajudai-me a viver a minha existência, não para mim mesmo, mas a vivê-la juntamente convoco para os outros! Ajudai-me a tornar-me sempre mais vosso amigo!

Esta palavra de Jesus sobre a amizade situa-se no contexto do discurso sobre a videira. O Senhor relaciona a imagem da videira com uma tarefa dada aos discípulos: «Eu vos destinei, para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça» (*Jo* 15, 16). A primeira tarefa dada aos discípulos, aos

amigos, é pôr-se a caminho – destinei, para que vades –, sair de si mesmos e ir ao encontro dos outros. A par desta, podemos ouvir também a frase que o Ressuscitado dirige aos seus e que aparece na conclusão do Evangelho de Mateus: «Ide fazer discípulos de todas as nações...» (cf. *Mt* 28, 19). O Senhor exorta-nos a superar as fronteiras do ambiente onde vivemos e levar ao mundo dos outros o Evangelho, para que permeie tudo e, assim, o mundo se abra ao Reino de Deus. Isto pode trazer-nos à memória que o próprio Deus saiu de Si, abandonou a sua glória, para vir à nossa procura e trazer-nos a sua luz e o seu amor. Queremos seguir Deus que Se põe a caminho, vencendo a preguiça de permanecer cómodos em nós mesmos, para que Ele mesmo possa entrar no mundo.

Depois da palavra sobre o pôr-se a caminho, Jesus continua: dai fruto, um fruto que permaneça! Que fruto espera Ele de nós? Qual é o fruto que permanece? Sabemos que o fruto da videira São as uvas, com as quais depois se prepara o vinho. Por agora detenhamo-nos sobre esta imagem. Para que as uvas possam amadurecer e tornar-se boas, é preciso o sol mas também a chuva, o dia e a noite. Para que dêem um vinho de qualidade, precisam de ser pisadas, há que aguardar com paciência a fermentação, tem-se de seguir com cuidadosa atenção os processos de maturação. Características do vinho de qualidade São não só a suavidade, mas também a riqueza das tonalidades, o variegado aroma que se desenvolveu nos processos da maturação e da fermentação. E por acaso não constitui já tudo isto uma imagem da vida humana e, de modo muito particular, da nossa vida de sacerdotes? Precisamos do sol e da chuva, da serenidade e da dificuldade, das fases de purificação e de prova mas também dos tempos de caminho radioso com o Evangelho. Num olhar de retrospectiva, podemos agradecer a Deus por ambas as coisas: pelas dificuldades e pelas alegrias, pela horas escuras e pelas horas felizes. Em ambas reconhecemos a presença contínua do seu amor, que incessantemente nos conduz e sustenta.

Agora, porém, devemos interrogar-nos: de que género é o fruto que o Senhor espera de nós? O vinho é imagem do amor: este é o verdadeiro fruto que permanece, aquele que Deus quer de nós. Mas não esqueçamos que, no Antigo Testamento, o vinho que se espera das uvas boas é sobretudo imagem da justiça, que se desenvolve numa vida segundo a lei de Deus. E não digamos que esta é uma visão veterotestamentária, já superada. Não!

Isto permanece sempre verdadeiro. O autêntico conteúdo da Lei, a sua *summa*, é o amor a Deus e ao próximo. Este duplo amor, porém, não é qualquer coisa simplesmente doce; traz consigo o peso da paciência, da humildade, da maturação na educação e assimilação da nossa vontade à vontade de Deus, à vontade de Jesus Cristo, o Amigo. Só deste modo, tornando verdadeiro e recto todo o nosso ser, é que o amor se torna também verdadeiro, só assim é um fruto maduro. A sua exigência intrínseca, ou seja, a fidelidade a Cristo e à sua Igreja, requer sempre que se realize também no sofrimento. É precisamente assim que cresce a verdadeira alegria. No fundo, a essência do amor, do verdadeiro fruto, corresponde à palavra relativa ao pôr-se a caminho, ao ir: amor significa abandonar-se, dar-se; leva consigo o sinal da cruz. Neste contexto, disse uma vez Gregório Magno: Se tendeis para Deus, tende cuidado que não O alcanceis sozinhos (cf. *H Ev* 1, 6, 6: *PL* 76, 1097s). Trata-se de uma advertência que nós, sacerdotes, devemos ter intimamente presente cada dia.

Queridos amigos, talvez me tenha demorado demasiado com a recordação interior dos sessenta anos do meu ministério sacerdotal. Agora é tempo de pensar àquilo que é próprio deste momento.

Na solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, antes de mais nada dirijo a minha mais cordial saudação ao Patriarca Ecuménico Bartolomeu I e à Delegação por ele enviada, cuja aprazível visita na ocasião feliz da festa dos Santos Apóstolos Padroeiros de Roma, vivamente agradeço. Saúdo também os Senhores Cardeais, os Irmãos no Episcopado, os Senhores Embaixadores e as autoridades civis, como também os sacerdotes, os colegas da minha Missa Nova, os religiosos e os fiéis leigos. A todos agradeço a presença e a oração.

Aos Arcebispos Metropolitanos nomeados depois da última festa dos grandes Apóstolos, será agora imposto o pálio. Este, que significa? Pode recordar-nos em primeiro lugar o jugo suave de Cristo que nos é colocado aos ombros (cf. *Mt* 11, 29-30). O jugo de Cristo coincide com a sua amizade. É um jugo de amizade e, conseqüentemente, um «jugo suave», mas por isso mesmo também um jugo que exige e plasma. É o jugo da sua vontade, que é uma vontade de verdade e de amor. Assim, para nós, é sobretudo o jugo de introduzir outros na amizade com Cristo e de estar à

disposição dos outros, de cuidarmos deles como Pastores. E assim chegamos a um novo significado do pália: este é tecido com a lã de cordeiros, que São benzidos na festa de Santa Inês. Deste modo recorda-nos o Pastor que Se tornou, Ele mesmo, Cordeiro por nosso amor. Recorda-nos Cristo que Se pôs a caminho pelos montes e descampados, aonde o seu cordeiro – a humanidade – se extraviara. Recorda-nos como Ele pôs o cordeiro, ou seja, a humanidade – a mim – aos seus ombros, para me trazer de regresso a casa. E assim nos recorda que, como Pastores ao seu serviço, devemos também nós carregar os outros, pô-los por assim dizer aos nossos ombros e levá-los a Cristo. Recorda-nos que podemos ser Pastores do seu rebanho, que continua sempre a ser d’Ele e não se torna nosso. Por fim, o pália significa também, de modo muito concreto, a comunhão dos Pastores da Igreja com Pedro e com os seus sucessores: significa que devemos ser Pastores para a unidade e na unidade, e que só na unidade, de que Pedro é símbolo, guiamos verdadeiramente para Cristo.

Sessenta anos de ministério sacerdotal! Queridos amigos, talvez me tenha demorado demais nos pormenores. Mas, nesta hora, senti-me impelido a olhar para aquilo que caracterizou estes decênios. Senti-me impelido a dizer-vos – a todos os presbíteros e Bispos, mas também aos fiéis da Igreja – uma palavra de esperança e encorajamento; uma palavra, amadurecida na experiência, sobre o facto que o Senhor é bom. Mas esta é sobretudo uma hora de gratidão: gratidão ao Senhor pela amizade que me concedeu e que deseja conceder a todos nós. Gratidão às pessoas que me formaram e acompanharam. E, subjacente a tudo isto, a oração para que um dia o Senhor na sua bondade nos acolha e faça contemplar a sua glória. Amen.

SANTA MISSA DA SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM  
MARIA

*Paróquia de São Tomás de Vilanova, Castel Gandolfo*

**Segunda-feira, 15 de Agosto de 2011**

*Estimados irmãos e irmãs!*

Encontramo-nos reunidos, mais uma vez, para celebrar uma das mais antigas e amadas festividades dedicadas a Maria Santíssima: a solenidade da sua Assunção na glória do Céu de corpo e alma, ou seja, com todo o seu ser humano, na integridade da sua pessoa. Deste modo, recebemos a graça de renovar o nosso amor a Maria, de a admirar e de a louvar pelas «maravilhas» que o Todo-Poderoso realizou por Ela, e que nela levou a cabo.

Ao contemplarmos a Virgem Maria, recebemos mais uma graça: a de poder ver em profundidade também a nossa vida. Sim, porque inclusive a nossa existência quotidiana, com os seus problemas e as suas esperanças, recebe luz da Mãe de Deus, do seu percurso espiritual, do seu destino de glória: um caminho e uma meta que podem e devem tornar-se, de certo modo, o nosso próprio caminho e a nossa própria meta. Deixemo-nos orientar pelos trechos da Sagrada Escritura que a liturgia hodierna nos propõe. Gostaria de meditar, em particular, sobre uma imagem que encontramos na primeira leitura, tirada do Apocalipse, e à qual faz eco o Evangelho de Lucas: ou seja, o da arca.

Na primeira leitura, ouvimos: «Abriu-se o templo de Deus no céu e apareceu, no seu templo, a arca da sua aliança» (Ap 11, 19). Qual é o significado da arca? O que aparece? Para o Antigo Testamento, ela é o símbolo da presença de Deus no meio do seu povo. Mas o símbolo já cedeu o lugar à realidade. Assim, o Novo Testamento diz-nos que a verdadeira arca da aliança é uma pessoa viva e concreta: é a Virgem Maria. Deus não habita num móvel, mas sim numa pessoa, num coração: Maria, Aquela que trouxe no seu ventre o Filho eterno de Deus que se fez homem, Jesus, nosso Senhor e Salvador. Na arca — como sabemos — estavam conservadas as duas tábuas da lei de Moisés, que manifestavam a vontade de Deus, de

conservar a aliança com o seu povo, indicando as suas condições para ser fiel ao pacto de Deus, para se conformar com a vontade de Deus e assim também com a nossa profunda verdade. Maria é a arca da aliança, porque acolheu em si mesma Jesus; recebeu em si a Palavra viva, todo o conteúdo da vontade de Deus, da verdade de Deus; acolheu em si Aquele que constitui a nova e eterna aliança, culminada com a oferenda do seu corpo e do seu sangue: corpo e sangue recebidos de Maria. Portanto, justamente, a piedade cristã, nas ladainhas em honra de Nossa Senhora, dirige-se a Ela, invocando-a como Foederis Arca, ou seja, «arca da aliança», arca da presença de Deus, arca da aliança do amor que Deus quis estreitar de maneira definitiva com a humanidade inteira em Cristo.

O trecho do Apocalipse deseja indicar outro aspecto importante da realidade em Maria. Ela, arca viva da aliança, tem um destino de glória extraordinária, porque está tão intimamente unida ao Filho, que acolheu na fé e gerou na carne, a ponto de compartilhar plenamente a sua glória celestial. É quanto nos sugerem as palavras que ouvimos: «Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas. Estava grávida... Ela deu à luz um Filho, um Menino, Aquele que deve reger todas as nações...» (12, 1-2.5). A grandeza de Maria, Mãe de Deus, cheia de graça, plenamente dócil à acção do Espírito Santo, já vive no Céu de Deus com toda si mesma, alma e corpo. São João Damasceno, referindo-se a este mistério numa sua famosa *Homilia*, afirma: «Hoje, a santa e única Virgem é conduzida para o templo celeste... Hoje, a arca sagrada e animada do Deus Vivo, [a arca] que trouxe no seu seio o próprio Artífice, descansa no templo do Senhor, não construído por mãos humanas» (*Homilia II sobre a Dormição*, 2, PG 96, 723), e continua: «Era necessário que Aquela que tinha hospedado no seu ventre o Logos divino, se transferisse para os tabernáculos do seu Filho... Era preciso que a Esposa escolhida pelo Pai, habitasse no quarto nupcial do Céu» (*Ibid.*, 14, PG 96, 742). Hoje, a Igreja canta o amor imenso de Deus por esta sua criatura: escolheu-a como verdadeira «arca da aliança», como Aquela que continua a gerar e a oferecer Cristo Salvador à humanidade, como Aquela que no Céu compartilha a plenitude da glória e goza da mesma felicidade de Deus e, ao mesmo tempo, convida-nos a tornar-nos, também a nós do nosso modo modesto, «arca» em que está presente a Palavra de Deus, que é transformada e vivificada pela sua presença, lugar

da presença de Deus, a fim de que os homens possam encontrar nos outros homens a proximidade de Deus e, desta forma, viver em comunhão com Deus e conhecer a realidade do Céu.

O Evangelho de Lucas que acabamos de ouvir (cf. *Lc* 1, 39-56), mostra-nos esta arca viva, que é Maria, em movimento: deixando a sua casa de Nazaré, Maria põe-se em viagem rumo à montanha, para ir às pressas a uma cidade de Judá e chegar à casa de Zacarias e Isabel. Parece-me importante ressaltar a expressão «às pressas»: as coisas de Deus merecem pressa, aliás, as únicas coisas do mundo que merecem pressa São precisamente aquelas de Deus, que têm a mesma urgência para a nossa vida. Então Maria entra nesta casa de Zacarias e Isabel, mas não entra sozinha. Entra, levando no seu ventre o Filho, que é Deus feito homem. Sem dúvida, estavam à espera dela e da sua ajuda naquela casa, mas o evangelista orienta-nos a compreender que esta expectativa remete para outra, mais profunda. Zacarias, Isabel e o pequeno João Baptista São, efectivamente, o símbolo de todos os justos de Israel, cujo coração, rico de esperança, espera a vinda do Messias Salvador. E é o Espírito Santo que abre os olhos de Isabel e que a leva a reconhecer em Maria a verdadeira arca da aliança, a Mãe de Deus, que vem para a visitar. E assim, a idosa parente recebe-a, dizendo «em voz alta»: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe de meu Senhor?» (*Lc* 1, 42-43). E é o próprio Espírito Santo que, diante daquela que traz em si Deus que se fez homem, abre o coração de João Baptista no seio de Isabel. Isabel exclama: « Pois assim que a voz de tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu seio» (v. 44). Aqui, o evangelista Lucas recorre ao termo «skirtan», ou seja, «saltitar», o mesmo vocábulo que encontramos numa das antigas traduções gregas do Antigo Testamento para descrever a dança do rei David diante da arca sagrada, que finalmente voltou para a pátria (cf. *2 Sm* 6, 16). João Baptista, no ventre da mãe, dança diante da arca da Aliança, como David; e reconhece deste modo: Maria é a nova arca da aliança, perante a qual o coração exulta de alegria, a Mãe de Deus presente no mundo, que não conserva para si esta presença divina, mas oferece-a compartilhando a graça de Deus. E assim — como recita a oração — Maria realmente é «causa nostrae laetitiae», a «arca» em que realmente o Salvador está presente entre nós.

Caros irmãos! Estamos a falar de Maria, mas num certo sentido estamos a falar também de nós, de cada um de nós: também nós somos destinatários daquele amor imenso que Deus nos reservou — sem dúvida, de uma maneira absolutamente singular e irrepetível — a Maria. Nesta solenidade da Assunção, olhemos para Maria: Ela abre-nos à esperança, a um futuro cheio de alegria e ensina-nos o caminho para o alcançar: acolher o seu Filho na fé; nunca perder a amizade com Ele, mas deixar-nos iluminar e orientar pela sua palavra; segui-lo todos os dias, mesmo nos momentos em que sentimos que as nossas cruces se tornam pesadas. Maria, a arca da aliança que se encontra no santuário do Céu, indica-nos com clareza resplandecente que estamos a caminho rumo à nossa verdadeira Casa, a comunhão de alegria e de paz com Deus. Amém!

VIAGEM APOSTÓLICA A MADRID POR OCASIÃO DA XXVI JORNADA MUNDIAL DA  
JUVENTUDE  
18-21 DE AGOSTO DE 2011

SANTA MISSA COM OS SEMINARISTAS

*Catedral de Santa Maria la Real de la Almudena di Madrid*

**Sábado, 20 de Agosto de 2011**

*Senhor Cardeal Arcebispo de Madrid,  
Queridos Irmãos no Episcopado,  
Queridos sacerdotes e religiosos,  
Queridos reitores e formadores,  
Queridos seminaristas,  
Meus amigos!*

Sinto uma profunda alegria ao celebrar a Santa Missa para todos vós, que aspirais a ser sacerdotes de Cristo para o serviço da Igreja e dos homens, e agradeço as amáveis palavras de saudação com que me acolhestes. Hoje esta Catedral de Santa Maria a Real da Almudena lembra um imenso cenáculo onde o Senhor desejou ardentemente celebrar a Sua Pascoa com todos vós que um dia desejais presidir em seu nome os mistérios da salvação. Vendo-vos, comprovo de novo como Cristo continua chamando jovens discípulos para fazer deles seus apóstolos, permanecendo assim viva a missão da Igreja e a oferta do evangelho ao mundo. Como seminaristas, estais a caminho para uma meta santa: ser continuadores da missão que Cristo recebeu do Pai. Chamados por Ele, seguistes a sua voz; e, atraídos pelo seu olhar amoroso, avançais para o ministério sagrado. Ponde os vossos olhos n'Ele, que, pela sua encarnação, é o revelador supremo de Deus ao mundo e, pela sua ressurreição, é a fiel realização da sua promessa. Dai-Lhe graças por este sinal de predilecção que reserva para cada um de vós.

A primeira leitura que escutámos mostra-nos Cristo como o novo e definitivo sacerdote, que fez uma oferta total da sua existência. A antífona do salmo aplica-se perfeitamente a Ele, quando, ao entrar no mundo, Se dirigiu a seu Pai dizendo: «Eis-me aqui para fazer a tua vontade» (cf. *Sal*

39, 8-9). Procurava agradar-Lhe em tudo: ao falar e ao agir, percorrendo os caminhos ou acolhendo os pecadores. A sua vida foi um serviço, e a sua dedicação abnegada uma intercessão perene, colocando-Se em nome de todos diante do Pai com Primogénito de muitos irmãos. O autor da Carta aos Hebreus afirma que, através desta entrega, nos tornou perfeitos para sempre, a nós que estávamos chamados a participar da sua filiação (cf. *Heb* 10, 14).

A Eucaristia, de cuja instituição nos fala o evangelho proclamado (cf. *Lc* 22, 14-20), é a expressão real dessa entrega incondicional de Jesus por todos, incluindo aqueles que O entregavam: entrega do seu corpo e sangue para a vida dos homens e para a remissão dos pecados. O sangue, sinal da vida, foi-nos dado por Deus como aliança, a fim de podermos inserir a força da sua vida onde reina a morte por causa do nosso pecado, e assim destruí-lo. O corpo rasgado e o sangue derramado de Cristo, isto é, a sua liberdade sacrificada, converteram-se, através dos sinais eucarísticos, na nova fonte da liberdade redimida dos homens. N'Ele temos a promessa duma redenção definitiva e a esperança segura dos bens futuros. Por Cristo, sabemos que não estamos caminhando para o abismo, para o silêncio do nada ou da morte, mas seguindo para a terra prometida, para Ele que é nossa meta e também nosso princípio.

Queridos amigos, vos preparais para ser apóstolos com Cristo e como Cristo, para ser companheiros de viagem e servidores dos homens.

Como haveis de viver estes anos de preparação? Em primeiro lugar, devem ser anos de silêncio interior, de oração permanente, de estudo constante e de progressiva inserção nas actividades e estruturas pastorais da Igreja. Igreja, que é comunidade e instituição, família e missão, criação de Cristo pelo seu Espírito Santo e simultaneamente resultado de quanto a configuramos com a nossa santidade e com os nossos pecados. Assim o quis Deus, que não se incomoda de tomar pobres e pecadores para fazer deles seus amigos e instrumentos para redenção do género humano. A santidade da Igreja é, antes de mais nada, a santidade objectiva da própria pessoa de Cristo, do seu evangelho e dos seus sacramentos, a santidade daquela força do alto que a anima e impele. Nós devemos ser santos para

não gerar uma contradição entre o sinal que somos e a realidade que queremos significar.

Meditai bem este mistério da Igreja, vivendo os anos da vossa formação com profunda alegria, em atitude de docilidade, de lucidez e de radical fidelidade evangélica, bem como numa amorosa relação com o tempo e as pessoas no meio de quem viveis. É que ninguém escolhe o contexto nem os destinatários da sua missão. Cada época tem os seus problemas, mas Deus dá em cada tempo a graça oportuna para os assumir e superar com amor e realismo. Por isso, em toda e qualquer circunstância em que se encontre e por mais dura que esta seja, o sacerdote tem de frutificar em toda a espécie de boas obras, conservando sempre vivas no seu íntimo aquelas palavras do dia da sua Ordenação com que se lhe exortava a configurar a sua vida com o mistério da cruz do Senhor.

Configurar-se com Cristo comporta, queridos seminaristas, identificar-se sempre mais com Aquele que por nós Se fez servo, sacerdote e vítima. Na realidade, configurar-se com Ele é a tarefa em que o sacerdote há-de gastar toda a sua vida. Já sabemos que nos ultrapassa e não a conseguiremos cumprir plenamente, mas, como diz São Paulo, corremos para a meta esperando alcançá-la (cf. *Flp* 3, 12-14).

Mas Cristo, Sumo Sacerdote, é igualmente o Bom Pastor, que cuida das suas ovelhas até ao ponto de dar a vida por elas (cf. *Jo* 10, 11). Para imitar nisto também o Senhor, o vosso corações tem de ir amadurecendo no Seminário, colocando-se totalmente à disposição do Mestre. Dom do Espírito Santo, esta disponibilidade é que inspira a decisão de viver o celibato pelo Reino dos céus, o desprendimento dos bens da terra, a austeridade de vida e a obediência sincera e sem dissimulação.

Pedi-Lhe, pois, que vos conceda imitá-Lo na sua caridade até ao fim para com todos, sem excluir os afastados e pecadores, de tal forma que, com a vossa ajuda, se convertam e voltem ao bom caminho. Pedi-Lhe que vos ensine a aproximar-vos dos enfermos e dos pobres, com simplicidade e generosidade. Afrontai este desafio sem complexos nem mediocridade, mas antes como uma forma estupenda de realizar a vida humana na gratuidade e no serviço, sendo testemunhas de Deus feito homem, mensageiros da dignidade altíssima da pessoa humana e, conseqüentemente, seus

defensores incondicionais. Apoiados no seu amor, não vos deixeis amedrontar por um ambiente onde se pretende excluir Deus e no qual os principais critérios por que se rege a existência São, frequentemente, o poder, o ter ou o prazer. Pode acontecer que vos desprezem, como se costuma fazer com quem aponta metas mais altas ou desmascara os ídolos diante dos quais muito se prostram hoje. Será então que uma vida profundamente radicada em Cristo se revele realmente como uma novidade, atraindo com vigor a quantos verdadeiramente procuram Deus, a verdade e a justiça.

Animados pelos vossos formadores, abri a vossa alma à luz do Senhor para ver se este caminho, que requer coragem e autenticidade, é o vosso, avançando para o sacerdócio só se estiverdes firmemente persuadidos de que Deus vos chama para ser seus ministros e plenamente decididos a exercê-lo obedecendo às disposições da Igreja.

Com esta confiança, aprendei d'Aquele que Se definiu a Si mesmo como manso e humilde de coração, despojando-vos para isso de todo o desejo mundano, de modo que não busqueis o vosso próprio interesse, mas edifiqueis, com a vossa conduta, aos vossos irmãos, como fez o santo padroeiro do clero secular espanhol São João de Ávila. Animados pelo seu exemplo, olhai sobretudo para a Virgem Maria, Mãe dos sacerdotes. Ela saberá forjar a vossa alma segundo o modelo de Cristo, seu divino Filho, e vos ensinará incessantemente a guardar os bens que Ele adquiriu no Calvário para a salvação do mundo. Amen.

---

***Anúncio da próxima declaração de São João de Ávila, presbítero, Padroeiro do Clero secular espanhol, como Doutor da Igreja Universal***

Queridos amigos:

Com grande alegria, no marco da santa igreja Catedral de Santa Maria a Real da Almudena, quero anunciar agora ao povo de Deus que, acolhendo os pedidos do Senhor Presidente da Conferência Episcopal Espanhola, o Eminentíssimo Cardeal António Maria Rouco Varela, Arcebispo de Madrid, dos outros Irmãos no Episcopado da Espanha, bem como de um grande número de Arcebispos e Bispos de outras partes do mundo, e de muitos

fiéis, declararei, proximamente, São João de Ávila, presbítero, Doutor da Igreja Universal.

Ao fazer pública aqui esta notícia, desejo que a palavra e o exemplo deste exímio pastor possa iluminar os sacerdotes e aqueles que se preparam, com alegria e esperança, para receber um dia a Sagrada Ordenação.

Convido todos a dirigirem o olhar para ele, e confio à sua intercessão os Bispos da Espanha e de todo o mundo, bem como os presbíteros e seminaristas para que, perseverando na mesma fé que ele ensinou, possam modelar seu coração conforme os sentimentos de Jesus Cristo, o Bom Pastor, a quem seja dada toda glória e honra por todos os séculos dos séculos. Amém.

VIAGEM APOSTÓLICA A MADRID POR OCASIÃO DA XXVI JORNADA MUNDIAL DA  
JUVENTUDE  
18-21 DE AGOSTO DE 2011

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA CONCLUSIVA

*Base Aérea de Quatro Ventos, Madrid*

**Domingo, 21 de Agosto de 2011**

*Queridos Jovens,*

Pensei muito em vós, nestas horas em que não foi possível ver-nos. Espero que tenhais podido dormir um pouco, apesar dos rigores do clima. Tenho certeza que, nesta madrugada, tereis levantando, mais de uma vez, os olhos para céu, e não só os olhos, também o coração, e isso vos terá permitido rezar. Deus tira o bem em tudo. Com esta confiança, e sabendo que o Senhor nunca nos abandona, começemos a nossa celebração eucarística cheios de entusiasmo e firmes na fé.

\* \* \*

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

*Queridos jovens,*

Com a celebração da Eucaristia, chegamos ao momento culminante desta Jornada Mundial da Juventude. Ao ver-vos aqui, vindos em grande número de todas as partes, o meu coração enche-se de alegria, pensando no afecto especial com que Jesus vos olha. Sim, o Senhor vos quer bem e vos chama seus amigos (cf. *Jo* 15, 15). Ele vem ter convosco e deseja acompanhar-vos no vosso caminho, para vos abrir as portas duma vida plena e tornar-vos participantes da sua relação íntima com o Pai. Pela nossa parte, conscientes da grandeza do seu amor, desejamos corresponder, com toda a generosidade, a esta manifestação de predilecção com o propósito de partilhar também com os demais a alegria que recebemos. Na actualidade, São certamente muitos os que se sentem atraídos pela figura de Cristo e desejam conhecê-Lo melhor. Pressentem que Ele é a resposta a muitas das

suas inquietações pessoais. Mas quem é Ele realmente? Como é possível que alguém que viveu na terra há tantos anos tenha algo a ver comigo hoje?

No evangelho que ouvimos (cf. *Mt* 16, 13-20), vemos representadas, de certo modo, duas formas diferentes de conhecer Cristo. O primeiro consistiria num conhecimento externo, caracterizado pela opinião corrente. À pergunta de Jesus: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?», os discípulos respondem: «Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas». Isto é, considera-se Cristo como mais um personagem religioso junto aos que já São conhecidos. Depois, dirigindo-se pessoalmente aos discípulos, Jesus pergunta-lhes: «E vós, quem dizeis que Eu sou?». Pedro responde formulando a primeira confissão de fé: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo». A fé vai mais longe que os simples dados empíricos ou históricos, e é capaz de apreender o mistério da pessoa de Cristo na sua profundidade.

A fé, porém, não é fruto do esforço do homem, da sua razão, mas é um dom de Deus: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu». Tem a sua origem na iniciativa de Deus, que nos desvenda a sua intimidade e nos convida a participar da sua própria vida divina. A fé não se limita a proporcionar alguma informação sobre a identidade de Cristo, mas supõe uma relação pessoal com Ele, a adesão de toda a pessoa, com a sua inteligência, vontade e sentimentos, à manifestação que Deus faz de Si mesmo. Deste modo, a pergunta de Jesus: «E vós, quem dizeis que Eu sou?», no fundo está impelindo os discípulos a tomarem uma decisão pessoal em relação a Ele. Fé e seguimento de Cristo estão intimamente relacionados.

E, dado que supõe seguir o Mestre, a fé tem que se consolidar e crescer, tornar-se mais profunda e madura, à medida que se intensifica e fortalece a relação com Jesus, a intimidade com Ele. Também Pedro e os outros apóstolos tiveram que avançar por este caminho, até que o encontro com o Senhor ressuscitado lhes abriu os olhos para uma fé plena.

Queridos jovens, Cristo hoje também se dirige a vós com a mesma pergunta que fez aos apóstolos: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» Respondei-Lhe com generosidade e coragem, como corresponde a um

coração jovem como o vosso. Dizei-Lhe: Jesus, eu sei que Tu és o Filho de Deus que deste a tua vida por mim. Quero seguir-Te fielmente e deixar-me guiar pela tua palavra. Tu conheces-me e amas-me. Eu confio em Ti e coloco nas tuas mãos a minha vida inteira. Quero que sejas a força que me sustente, a alegria que nunca me abandone.

Na sua resposta à confissão de Pedro, Jesus fala da sua Igreja: «Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja». Que significa isto? Jesus constrói a Igreja sobre a rocha da fé de Pedro, que confessa a divindade de Cristo.

Sim, a Igreja não é uma simples instituição humana, como outra qualquer, mas está intimamente unida a Deus. O próprio Cristo Se refere a ela como a «sua» Igreja. Não se pode separar Cristo da Igreja, tal como não se pode separar a cabeça do corpo (cf. *1 Cor 12, 12*). A Igreja não vive de si mesma, mas do Senhor. Ele está presente no meio dela e dá-lhe vida, alimento e fortaleza.

Queridos jovens, permiti que, como Sucessor de Pedro, vos convide a fortalecer esta fé que nos tem sido transmitida desde os apóstolos, a colocar Cristo, Filho de Deus, no centro da vossa vida. Mas permiti também que vos recorde que seguir Jesus na fé é caminhar com Ele na comunhão da Igreja. Não se pode, sozinho, seguir Jesus. Quem cede à tentação de seguir «por conta sua» ou de viver a fé segundo a mentalidade individualista, que predomina na sociedade, corre o risco de nunca encontrar Jesus Cristo, ou de acabar seguindo uma imagem falsa d'Ele.

Ter fé é apoiar-se na fé dos teus irmãos, e fazer com que a tua fé sirva também de apoio para a fé de outros. Peço-vos, queridos amigos, que ameis a Igreja, que vos gerou na fé, que vos ajudou a conhecer melhor Cristo, que vos fez descobrir a beleza do Seu amor. Para o crescimento da vossa amizade com Cristo é fundamental reconhecer a importância da vossa feliz inserção nas paróquias, comunidades e movimentos, bem como a participação na Eucaristia de cada domingo, a recepção frequente do sacramento do perdão e o cultivo da oração e a meditação da Palavra de Deus.

E, desta amizade com Jesus, nascerá também o impulso que leva a dar testemunho da fé nos mais diversos ambientes, incluindo nos lugares onde prevalece a rejeição ou a indiferença. É impossível encontrar Cristo, e não O dar a conhecer aos outros. Por isso, não guardeis Cristo para vós mesmos. Comunicai aos outros a alegria da vossa fé. O mundo necessita do testemunho da vossa fé; necessita, sem dúvida, de Deus. Penso que a vossa presença aqui, jovens vindos dos cinco continentes, é uma prova maravilhosa da fecundidade do mandato de Cristo à Igreja: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura» (*Mc 16, 15*). Incumbe sobre vós também a tarefa extraordinária de ser discípulos e missionários de Cristo noutras terras e países onde há multidões de jovens que aspiram a coisas maiores e, vislumbrando em seus corações a possibilidade de valores mais autênticos, não se deixam seduzir pelas falsas promessas dum estilo de vida sem Deus.

Queridos jovens, rezo por vós com todo o afecto do meu coração. Encomendo-vos à Virgem Maria, para que Ela sempre vos acompanhe com a sua intercessão materna e vos ensine a fidelidade à Palavra de Deus. Peço-vos também que rezeis pelo Papa, para que, como Sucessor de Pedro, possa continuar confirmando na fé os seus irmãos. Que todos na Igreja, pastores e fiéis, nos aproximemos de dia para dia sempre mais do Senhor, para crescermos em santidade de vida e darmos assim um testemunho eficaz de que Jesus Cristo é verdadeiramente o Filho de Deus, o Salvador de todos os homens e a fonte viva da sua esperança. Amen.

VISITA PASTORAL A ANCONA

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA CONCLUSÃO DO XXV CONGRESSO EUCARÍSTICO  
NACIONAL ITALIANO

*Canteiro Naval de Ancona*

**Domingo, 11 de Setembro de 2011**

*Caríssimos irmãos e irmãs!*

Há seis anos, a primeira viagem apostólica do meu pontificado na Itália levou-me a Bari, para o XXIV Congresso Eucarístico Nacional. Hoje, vim para encerrar solenemente o XXV Congresso, aqui em Ancona. Dou graças ao Senhor por estes intensos momentos eclesiais, que fortalecem o nosso amor pela Eucaristia e nos vêm unidos ao redor da Eucaristia! Bari e Ancona, duas cidades debruçadas sobre o mar Adriático; duas cidades ricas de história e de vida cristã; duas cidades abertas para o Oriente, para a cultura e a sua espiritualidade, duas cidades que os temas dos Congressos Eucarísticos contribuíram para aproximar: em Bari fizemos memória do modo como «*não podemos viver sem o Domingo*»; hoje, o nosso encontro realiza-se no sinal da «*Eucaristia para a vida quotidiana*».

Antes de vos oferecer alguns pensamentos, gostaria de vos agradecer esta vossa participação coral: em vós, abraço espiritualmente toda a Igreja que está na Itália. Dirijo uma saudação reconhecida ao Presidente da Conferência Episcopal, Cardeal Angelo Bagnasco, pelas cordiais palavras que me dirigiu, também em nome de todos vós; ao meu Legado para este Congresso, Cardeal Giovanni Battista Re; ao Arcebispo de Ancona-Osimo, D. Edoardo Menichelli; aos Bispos da Sede Metropolitana, das Marcas e a quantos vieram numerosos de todas as regiões do país. Juntamente com eles, saúdo os sacerdotes, os diáconos, os consagrados e os fiéis leigos, entre os quais vejo muitas famílias e numerosos jovens. Manifesto a minha gratidão inclusive às Autoridades civis e militares e a quantos, de vários modos, contribuíram para o bom êxito deste encontro.

«Duras São estas palavras! Quem pode escutá-las?» (*Jo 6, 60*). Diante do discurso de Jesus sobre o pão da vida, pronunciado na sinagoga de

Cafarnaum, a reacção dos discípulos — muitos dos quais abandonaram Jesus — não está tão distante das nossas resistências perante o dom total que Ele faz de Si mesmo. Pois receber verdadeiramente esta dádiva quer dizer perder-se, deixar-se envolver e transformar, a ponto de viver d'Ele, como nos recordou o apóstolo Paulo na segunda Leitura: «Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor» (*Rm 14, 8*).

«Duras São estas palavras!»; elas São duras, porque muitas vezes nós confundimos a liberdade com a ausência de vínculos, com a convicção de poder agir sozinhos, sem Deus, visto como um limite para a liberdade. Trata-se de uma ilusão, que não tarda a transformar-se em decepção, gerando inquietude e medo e levando, paradoxalmente, a ter saudades das cadeias do passado: «Oxalá tivéssemos sido mortos pela mão do Senhor no Egito...» — diziam os judeus no deserto (*Êx 16, 3*), como pudemos ouvir. Na realidade, só na abertura a Deus, no acolhimento do seu dom, é que nos tornamos verdadeiramente livres, livres da escravidão do pecado que desfigura o rosto do homem e capazes de servir o bem genuíno dos irmãos.

«Duras São estas palavras!»; São duras, porque o homem cai frequentemente na ilusão de poder «transformar pedras em pão». Depois de ter abandonado Deus, ou de O ter tolerado como uma escolha particular que não deve interferir na vida pública, determinadas ideologias apostaram na organização da sociedade mediante a força do poder e da economia. A história demonstra-nos, dramaticamente, que a finalidade de assegurar a todos o desenvolvimento, o bem-estar material e a paz, prescindindo de Deus e da sua Revelação, acabou por dar aos homens pedras em vez de pão. Queridos irmãos e irmãs, o pão é «fruto do trabalho do homem», e nesta verdade está encerrada toda a responsabilidade confiada às nossas mãos e ao nosso talento; mas o pão é inclusive, e antes ainda, «fruto da terra», que do alto recebe sol e chuva: é um dom a pedir, que nos priva de toda a soberba e nos faz invocar com a confiança dos humildes: «Pai (...) o pão nosso de cada dia nos dai hoje» (*Mt 6, 11*).

O homem é incapaz de dar a vida a si mesmo, pois só se compreende a si próprio a partir de Deus: é a relação com Ele que confere consistência à nossa humanidade e que torna boa e justa a nossa vida. No Pai-Nosso,

pedimos que seja santificado o Seu nome, que venha a nós o *Seu* reino e que seja feita a Sua vontade. É antes de tudo a primazia de Deus que devemos recuperar no nosso mundo e na nossa vida, porque é esta mesma primazia que nos permite reencontrar a verdade daquilo que nós somos, e é no gesto de conhecer e seguir a vontade de Deus, que encontramos o nosso verdadeiro bem. Reservar tempo e espaço para Deus, a fim de que Ele seja o centro vital da nossa existência.

De onde partir, como de uma fonte, para recuperar e confirmar a primazia de Deus? Da Eucaristia: aqui Deus torna-se tão próximo que se faz nosso alimento; aqui Ele faz-se força no caminho muitas vezes difícil; aqui torna-se presença amiga que transforma. Já a Lei conferida por meio de Moisés era considerada como «pão do céu», graças ao qual Israel se tornou o povo de Deus, mas em Jesus a palavra última e definitiva de Deus faz-se carne, vem ao nosso encontro como Pessoa. Ele, Palavra eterna, é o verdadeiro maná, é o Pão da vida (cf. *Jo* 6, 32-35) e realizar as obras de Deus significa crer nele (cf. *Jo* 6, 28-29). Na última Ceia, Jesus resume toda a sua existência num gesto que se inscreve na grande Bênção pascal a Deus, gesto que Ele vive como Filho, como acção de graças ao Pai pelo seu amor imenso. Jesus parte o pão e distribui-o, mas com uma nova profundidade, porque Ele se doa a Si mesmo. Toma o cálice e compartilha-o, para que todos possam beber dele, mas com este gesto Ele estabelece a «nova Aliança no seu sangue», entrega-se a Si mesmo. Jesus antecipa o gesto de amor supremo, em obediência à vontade do Pai: o sacrifício da Cruz. A vida ser-lhe-á tirada na Cruz, mas já agora Ele a oferece por Si mesmo. Assim, a morte de Cristo não se reduz a uma execução violenta, mas é transformada por Ele num livre gesto de amor, de autodoação, que atravessa vitoriosamente a própria morte e confirma a bondade da criação que saiu das mãos de Deus, humilhada pelo pecado e finalmente redimida. Este dom imenso torna-se-nos acessível no Sacramento da Eucaristia: Deus doa-se-nos, para abrir a nossa existência a Ele, para a envolver no mistério de amor da Cruz, para a tornar partícipe do mistério eterno do qual nascemos e para antecipar a nova condição da vida plena em Deus, à espera da qual nós vivemos.

Mas o que comporta para a nossa vida quotidiana este começar a partir da Eucaristia, para confirmar a primazia de Deus? Caros amigos, a

Comunhão eucarística arrebatá-nos do nosso individualismo, comunica-nos o Espírito de Cristo morto e ressuscitado, conforma-nos com Ele; une-nos intimamente aos irmãos naquele mistério de comunhão que é a Igreja, onde o único Pão faz de muitos um só corpo (cf. *1 Cor* 10, 17), realizando a oração da comunidade cristã das origens, citada no livro da Didaqué: «Como este pão partido foi espalhado pelas colinas e, reunido, se tornou um só, assim a tua Igreja, dos confins da terra, seja congregada no teu Reino» (IX, 4). A Eucaristia sustém e transforma toda a vida quotidiana. Como eu recordava na minha primeira Encíclica, «na comunhão eucarística, está contido o ser amado e o amar, por sua vez, os outros», pelo que «uma Eucaristia que não se traduza em amor concretamente vivido, é em si mesma fragmentária» (*Deus caritas est*, 14).

A história bimilenária da Igreja está constelada de santos e de santas, cuja existência é sinal eloquente de que precisamente da comunhão com o Senhor, da Eucaristia nasce uma nova e intensa assunção de responsabilidade a todos os níveis da vida comunitária, nasce portanto um desenvolvimento social positivo, que tem no seu centro a pessoa, particularmente a pobre, doente ou necessitada. Alimentar-se de Cristo é o modo para não permanecermos alheios nem indiferentes à sorte dos irmãos, mas para entrar na mesma lógica de amor e de dom do sacrifício da Cruz; quem sabe ajoelhar-se diante da Eucaristia, quem recebe o Corpo do Senhor, não pode deixar de estar atento, no enredo ordinário dos dias, às situações indignas do homem, e sabe debruçar-se pessoalmente sobre o necessitado, sabe repartir o próprio pão com o faminto, compartilhar a água com o sedento, vestir quem está nu e visitar o enfermo e o encarcerado (cf. *Mt* 25, 34-36). Em cada pessoa, saberá ver o mesmo Senhor que não hesitou em entregar-se inteiramente por nós e para a nossa salvação. Então, uma espiritualidade eucarística é o autêntico antídoto contra o individualismo e o egoísmo — que muitas vezes caracterizam a vida quotidiana — leva à redescoberta da gratuidade, da centralidade dos relacionamentos, a partir da família, com particular atenção a cuidar das feridas daquelas que estão desagregadas. Uma espiritualidade eucarística é a alma de uma comunidade eclesial que ultrapassa divisões e oposições, e valoriza as diversidades de carismas e ministérios, colocando-os ao serviço da unidade da Igreja, da sua vitalidade e da sua missão. Uma espiritualidade eucarística é uma maneira de restituir a dignidade aos dias do homem e, portanto, ao seu trabalho, na

busca da sua reconciliação com os tempos da festa e da família, e no compromisso a superar a incerteza da precariedade no mundo do trabalho e o problema do desemprego. Uma espiritualidade eucarística ajudar-nos-á também a abordar as várias formas de fragilidade humana, conscientes de que elas não ofuscam o valor da pessoa, mas exigem proximidade, acolhimento e ajuda. Do Pão da vida tirará vigor uma renovada capacidade educativa, atenta a dar testemunho dos valores fundamentais da existência, do saber e do património espiritual e cultural; a sua vitalidade far-nos-á habitar a cidade dos homens, com a disponibilidade a prodigalizar-nos no horizonte do bem-comum, em vista da construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Estimados amigos, recomeçamos a partir desta terra das Marcas, com a força da Eucaristia, numa osmose constante entre o mistério que celebramos e os âmbitos da nossa vida quotidiana. Nada existe de autenticamente humano, que não encontre na Eucaristia a forma adequada para ser vivido em plenitude: por conseguinte, que a vida quotidiana se torne lugar do culto espiritual, para viver em todas as circunstâncias a primazia de Deus, no interior da relação com Cristo e como oferenda ao Pai (cf. Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 71). Sim, «não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4, 4): nós vivemos da obediência a esta palavra, que é pão vivo, até nos entregarmos, como Pedro, com a inteligência do amor: «Senhor, para quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna. E nós acreditamos e sabemos que Tu és o Santo de Deus!» (Jo 6, 68-69).

Como a Virgem Maria, tornemo-nos também nós «ventre» disponível para oferecer Jesus ao homem do nosso tempo, despertando o desejo profundo daquela salvação que vem unicamente dele. Bom caminho, com Cristo Pão de vida, a toda a Igreja que está na Itália! Amém.

VIAGEM APOSTÓLICA À ALEMANHA  
22-25 DE SETEMBRO DE 2011

*Estádio Olímpico de Berlim*

**Quinta-feira, 22 de Setembro de 2011**

*Amados irmãos no Episcopado e no Sacerdócio,  
Amados irmãos e irmãs!*

A contemplação deste amplo estádio olímpico, cheio hoje com a vossa presença em grande número, gera em mim imensa alegria e confiança. Com afecto saúdo a todos vós: os fiéis da arquidiocese de Berlim e das outras dioceses alemãs, bem como os numerosos peregrinos vindos dos países vizinhos. Há quinze anos, pela primeira vez, veio um Papa à capital federal de Berlim. Todos – incluindo eu pessoalmente – guardam bem viva a recordação da visita do meu venerado Predecessor, o Beato João Paulo II, e da beatificação do Pároco da Catedral de Berlim, Bernhard Lichtenberg – juntamente com a de Karl Leisner – que se deu precisamente aqui, neste lugar.

Pensando nestes Beatos e na multidão inteira dos Santos e Beatos, podemos compreender o que significa viver como ramos da videira verdadeira, que é Cristo, e dar fruto. O Evangelho de hoje trouxe-nos à mente a imagem desta planta, que se alcandora frondosa no oriente e é símbolo de força vital, uma metáfora da beleza e dinamismo da comunhão de Jesus com os seus discípulos e amigos, connosco.

Na parábola da videira, Jesus não diz: «Vós sois a videira»; mas: «Eu sou a videira, vós os ramos» (Jo 15, 5). Isto significa: «Assim como os ramos estão ligados à videira, assim também vós pertenceis a Mim! Mas, pertencendo a Mim, pertenceis também uns aos outros». E, neste pertencer um ao outro e a Ele, não se trata de qualquer relação ideal, imaginária, simbólica, mas é – apetece-me quase dizer – um pertencer a Jesus Cristo em sentido biológico, plenamente vital. É a Igreja, esta comunidade de vida com Jesus Cristo e de um para o outro, que está fundada no baptismo e se vai aprofundando cada vez mais na Eucaristia. «Eu sou a videira

verdadeira»: isto na realidade, porém, significa: «Eu sou vós, e vós sois Eu» – uma identificação inaudita do Senhor conosco, com a sua Igreja.

Uma vez, às portas de Damasco, o próprio Cristo perguntou a Saulo, o perseguidor da Igreja: «Porque Me persegues?» (*Act 9, 4*). Deste modo, o Senhor exprime a comunhão de destino que deriva da íntima comunhão de vida da sua Igreja com Ele, o Ressuscitado. Ele continua a viver na sua Igreja neste mundo. Ele está conosco, e nós estamos com Ele. «Porque Me persegues?»: em última análise, é a Jesus que querem ferir os perseguidores da sua Igreja; e, ao mesmo tempo, isto significa que não estamos sozinhos quando somos oprimidos por causa da nossa fé. Jesus Cristo está ao nosso lado e conosco.

Na parábola, o Senhor Jesus começa dizendo: «Eu sou a videira verdadeira, e o meu Pai é o agricultor» (*Jo 15, 1*), explicando que o vinhateiro toma a tesoura, corta os ramos secos e poda aqueles que produzem fruto para que dêem mais fruto. Dizendo isto mesmo com a imagem do profeta Ezequiel, que escutámos na primeira leitura, Deus quer tirar do nosso peito o coração morto, de pedra, e dar-nos um coração vivo, de carne (cf. *Ez 36, 26*). Quer dar-nos uma vida nova, pujante de força, um coração cheio de amor, de bondade e de paz. Cristo veio chamar os pecadores; São estes que precisam do médico, não os Sãos (cf. *Lc 5, 31-32*). Deste modo, como diz o Concílio Vaticano II, a Igreja é o «universal sacramento de salvação» (*LG 48*), que existe para os pecadores, para nós, a fim de nos abrir o caminho da conversão, da cura e da vida. Esta é a contínua e grande missão da Igreja, que Cristo lhe conferiu.

Alguns olham para Igreja, detendo-se no seu aspecto exterior. Então ela aparece-lhes apenas como uma das muitas organizações presentes numa sociedade democrática; e, segundo as normas e leis desta, se deve depois avaliar e tratar inclusive uma figura tão difícil de compreender como é a «Igreja». Se depois se vem juntar ainda a experiência dolorosa de que, na Igreja, há peixes bons e maus, trigo e joio, e se o olhar se fixa nas realidades negativas, então nunca mais se desvenda o mistério grande e belo da Igreja.

Consequentemente deixa de assomar qualquer alegria pelo facto de se pertencer a uma tal videira que é «Igreja». Crescem insatisfação e descontentamento, se não virem realizadas as próprias ideias superficiais e

erróneas de «Igreja» e os próprios «sonhos de Igreja»! Então cessa também aquele jubiloso cântico «Agradeço ao Senhor que por graça me chamou à sua Igreja» que gerações de católicos cantaram com convicção».

Mas voltemos ao Evangelho. O Senhor continua deste modo: «Permanecei em Mim, que Eu permaneço em vós. Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em Mim (...), pois, sem Mim – poder-se-ia traduzir também: fora de Mim –, nada podeis fazer» (*Jo 15, 4-5*).

Cada um de nós vê-se aqui confrontado com tal decisão. E o Senhor, na sua parábola, insiste na seriedade da mesma: «Se alguém não permanecer em Mim, é lançado fora, como um ramo, e seca; depois apanham os ramos deitados fora, lançam-nos ao fogo e queimam-nos» (cf. *Jo 15, 6*). A este respeito, comenta Santo Agostinho: «Ao ramo toca uma coisa ou outra: ou a videira ou o fogo; se [o ramo] não estiver na videira, estará no fogo; por conseguinte, para que não esteja no fogo, fique na videira» (*In Joan. Ev. tract. 81, 3: PL 35, 1842*).

A escolha aqui pedida faz-nos compreender, de modo insistente, o significado fundamental da nossa opção de vida. Mas, ao mesmo tempo, a imagem da videira é um sinal de esperança e confiança. Ao encarnar-Se, o próprio Cristo veio a este mundo para ser o nosso fundamento. Em cada necessidade e aridez, Ele é a fonte que dá a água da vida que nos sacia e fortalece. Ele mesmo carrega sobre Si todo o pecado, medo e sofrimento e, por fim, nos purifica e transforma misteriosamente em ramos bons que dão vinho bom. Em tais momentos de necessidade, às vezes sentimo-nos como que sob uma prensa, à semelhança dos cachos de uva que São completamente esmagados. Mas sabemos que, unidos a Cristo, nos tornamos vinho generoso. Deus sabe transformar em amor mesmos as coisas pesadas e acabrunhadoras da nossa vida. Importante é «permanecer» na videira, em Cristo. Neste breve trecho, o evangelista usa uma dúzia de vezes a palavra «permanecer». Este «permanecer-em-Cristo» caracteriza o discurso inteiro. No nosso tempo de inquietação e indiferença, em que tanta gente perde a orientação e o apoio; em que a fidelidade do amor no matrimónio e na amizade se tornou tão frágil e de

breve duração; em que nos apetece gritar, em nossa necessidade, como os discípulos de Emaús: «Senhor, fica connosco, porque anoitece (cf. *Lc* 24, 29), sim, é escuro ao nosso redor!»; neste tempo, o Senhor ressuscitado oferece-nos um refúgio, um lugar de luz, de esperança e confiança, de paz e segurança. Onde a secura e a morte ameaçam os ramos, aí, em Cristo, há futuro, vida e alegria; aí há sempre perdão e novo início, transformação ao entrar no seu amor.

Permanecer em Cristo significa, como já vimos, permanecer na Igreja. A comunidade inteira dos crentes está firmemente unida em Cristo, a videira. Em Cristo, todos nós estamos conjuntamente unidos. Nesta comunidade, Ele sustenta-nos e, ao mesmo tempo, todos os membros se sustentam uns aos outros. Juntos resistimos às tempestades e oferecemos protecção uns aos outros. Não cremos sozinhos, cremos com toda a Igreja, de todo o lugar e de todo o tempo, com a Igreja que está no Céu e na terra.

Como anunciadora da Palavra de Deus e dispensadora dos sacramentos, a Igreja une-nos com Cristo, a videira verdadeira. A Igreja, como «plenitude e completamento do Redentor» – como a chamava Pio XII [*Mystici corporis*, AAS 35 (1943), p. 230: «*plenitudo et complementum Redemptoris*»] –, é para nós penhor da vida divina e medianeira dos frutos de que fala a parábola da videira. Deste modo, a Igreja é o dom mais belo de Deus. Por isso, Agostinho podia dizer: «Cada um possui o Espírito Santo na medida em que ama a Igreja» (*In Ioan. Ev. tract.* 32, 8: *PL* 35, 1646). Com a Igreja e na Igreja, podemos anunciar a todos os homens que Cristo é a fonte da vida, que Ele está presente, que é a realidade grande que procuramos e pela qual anelamos. Ele dá-Se a Si mesmo, e assim dá-nos Deus, a felicidade, o amor. Quem crê em Cristo, tem um futuro. Porque Deus não quer aquilo que é árido, morto, artificial, e que no fim é deitado fora, mas quer o que é fecundo e vivo, a vida em abundância; e é Ele que nos dá a vida em abundância.

Amados irmãos e irmãs! Desejo a todos vós e a nós todos que possamos descobrir cada vez mais profundamente a alegria de estar unidos com Cristo na Igreja – com todas as suas tribulações e sombras –, que possais encontrar nas vossas necessidades conforto e redenção e que todos nós possamos

tornar-nos para este mundo o delicioso vinho da alegria e do amor de Cristo. Amen.

VIAGEM APOSTÓLICA À ALEMANHA  
22-25 DE SETEMBRO DE 2011

*Praça da Catedral de Erfurt,*

**Sábado, 24 de Setembro de 2011**

*Amados irmãos e irmãs!*

«Louvai o Senhor em todo o tempo, porque Ele é bom»: assim cantámos antes do Evangelho. Sim, temos verdadeiramente motivos para agradecer a Deus com todo o coração. Nesta cidade, se recuarmos com o pensamento até 1981, o ano jubilar de Santa Isabel, há trinta anos – eram os tempos da República Democrática Alemã –, quem teria imaginado que o muro e o arame farpado nas fronteiras cairiam poucos anos depois? E, se recuarmos ainda mais – cerca de setenta anos – até 1941, até ao tempo do nacional-socialismo, durante a Grande Guerra, quem seria capaz de predizer que o chamado «Reich milenário» ficaria reduzido a cinzas apenas quatro anos mais tarde?

Amados irmãos e irmãs, aqui na Turíngia, na República Democrática Alemã de então, tivestes de suportar uma ditadura «pardacenta» [nazista] e uma «vermelha» [comunista], cujo efeito sobre a fé era parecido com o que tem a chuva ácida. Desse tempo, há ainda muitas consequências tardias a debelar, sobretudo no âmbito intelectual e no religioso! Hoje, a maioria das pessoas nesta terra vive longe da fé em Cristo e da comunhão da Igreja. Mas as últimas duas décadas mostram também experiências positivas: um horizonte mais largo, um intercâmbio para além das fronteiras, uma certeza confiante de que Deus não nos abandona e nos guia por caminhos novos. «Onde há Deus, há futuro».

Todos nós estamos convencidos de que a nova liberdade ajudou a dar ao homem uma dignidade maior e a abrir novas e variadas possibilidades. Do ponto de vista da Igreja podemos assinalar, com gratidão, muitas facilitações: novas possibilidades para as actividades paroquiais, a restauração e o alargamento de igrejas e centros paroquiais, iniciativas diocesanas de carácter pastoral ou cultural. Mas diante de nós surge, naturalmente, a pergunta: estas possibilidades trouxeram-nos também um

crescimento na fé? Não será talvez preciso procurar o fundamento da fé e da vida cristã a um nível mais profundo que o da liberdade social? Houve muitos católicos resolutos que permaneceram fiéis a Cristo e à Igreja, precisamente na difícil situação de uma opressão exterior. E nós, onde estamos hoje? Aquelas pessoas aceitaram arcar com desvantagens pessoais, para viverem a própria fé. Quero aqui agradecer aos sacerdotes e aos seus colaboradores e colaboradoras de então. De modo particular, quero recordar a pastoral dos refugiados imediatamente depois da II Guerra Mundial: então muitos clérigos e leigos realizaram grandes coisas para atenuar a penosa situação dos prófugos e dar-lhes uma nova Pátria. Por fim, dirijo um sincero agradecimento aos pais que, no meio da diáspora e num ambiente político hostil à Igreja, educaram os seus filhos na fé católica. Queria recordar, com gratidão, as Semanas Religiosas para as crianças durante as férias, e também o trabalho frutuoso das Casas para a juventude católica Sankt Sebastian, em Erfurt, e Marcel Callo, em Heiligenstadt. Especialmente em Eichsfeld, houve muitos cristãos católicos que resistiram à ideologia comunista. Queira Deus recompensar a todos abundantemente pela perseverança na fé. O corajoso testemunho e o viver pacientemente com Ele, a paciente confiança na providência de Deus São como uma semente preciosa que promete fruto abundante para o futuro.

A presença de Deus manifesta-se sempre, de maneira particularmente clara, nos Santos. O seu testemunho de fé pode, também hoje, dar-nos a coragem para um novo despertar. Aqui pensemos sobretudo nos Santos Padroeiros da diocese de Erfurt: Isabel da Turíngia, Bonifácio e Kilian. Isabel veio de um país estrangeiro, da Hungria, para Wartburg na Turíngia. Levou uma vida de intensa oração, associada com a penitência e a pobreza evangélica. Regularmente, descia do seu castelo até à cidade de Eisenach para lá cuidar pessoalmente dos pobres e dos doentes. Foi breve a sua vida nesta terra – chegou apenas à idade de vinte e quatro anos –, mas o fruto da sua santidade dura pelos séculos. Santa Isabel goza de grande estima também entre os cristãos evangélicos; pode ajudar-nos a todos a descobrir a plenitude da fé, a sua beleza e a sua profundidade e a sua força transformadora e purificante, e a traduzi-la na nossa vida diária.

Para as raízes cristãs do nosso país, remete também a fundação da diocese de Erfurt, no ano 742, por São Bonifácio. Este facto constitui

simultaneamente a primeira menção escrita que há da cidade de Erfurt. O Bispo missionário Bonifácio viera da Inglaterra e fazia parte do seu estilo de trabalho agir em unidade essencial e estreita ligação com o Bispo de Roma, o Sucessor de São Pedro. Sabia que a Igreja deve estar unida ao redor de Pedro. Veneramo-lo como o «Apóstolo da Alemanha»; morreu mártir. Dois dos seus companheiros, que partilharam com ele o testemunho do sangue pela fé cristã, estão aqui sepultados na catedral de Erfurt: São os Santos Eoban e Adelar.

Antes dos missionários anglo-saxões, tinha já trabalhado na Turíngia São Kilian, um missionário itinerante que provinha da Irlanda. Juntamente com dois companheiros, morreu mártir em Würzburg, porque criticara o comportamento moralmente transviado do duque da Turíngia, lá residente. E, por fim, não quero esquecer São Severo, o Padroeiro da Severikirche, aqui na Praça da Catedral: no século IV, era Bispo de Ravena; no ano 836, os seus restos mortais foram trazidos para Erfurt, para enraizar mais profundamente a fé cristã nesta região. Com efeito, a partir destes mortos partia o testemunho vivo da Igreja que perdura no tempo, da fé que fecunda cada época e nos indica o caminho da vida.

Perguntemo-nos: que têm em comum estes Santos? Como podemos descrever a faceta particular da sua vida e compreender que nos diz respeito e que pode influir na nossa vida? Os Santos mostram-nos, em primeiro lugar, que é possível e que é bom viver em relação com Deus e viver esta relação de modo radical, colocando-O em primeiro lugar e não reservando para Ele apenas qualquer canto. Os Santos põem em evidência o facto de que foi Deus que tomou a iniciativa de Se dirigir a nós. Nós não poderíamos chegar a Ele e nem tender, de qualquer forma, para aquilo que é desconhecido, se Ele não nos tivesse amado primeiro, se não tivesse vindo ao nosso encontro primeiro. Depois de ter vindo já ao encontro dos Patriarcas com as palavras do chamamento, Ele mesmo Se mostrou a nós em Jesus Cristo, e n'Ele continua a mostrar-se a nós. Também hoje, Cristo vem ao nosso encontro, fala a cada um, como acaba de fazer no Evangelho, e convida cada um de nós a escutá-Lo, a aprender a compreendê-Lo e a segui-Lo. Este convite e esta possibilidade foram valorizados pelos Santos: reconheceram o Deus concreto, viram-No e escutaram-No, foram ao seu encontro e caminharam com Ele; deixaram-se, por assim dizer, contagiar

por Ele e, a partir do íntimo de si mesmos, propenderam para Ele - no diálogo contínuo da oração - e d'Ele receberam a luz que lhes desvendou a vida verdadeira.

Essencialmente, a fé é sempre também um acreditar junto com os outros. Ninguém pode crer sozinho. Recebemos a fé, diz-nos Paulo, através da escuta. E a escuta é um processo que requer o estar juntos de modo espiritual e físico. Somente na grande comunhão dos fiéis de todos os tempos que encontraram a Cristo e foram encontrados por Ele, posso crer. O facto de poder crer devo-o, antes de mais nada, a Deus que Se dirige a mim e, por assim dizer, «acende» a minha fé. Mas, de um modo muito concreto, devo a minha fé àqueles que vivem ao meu redor e que acreditaram antes de mim e acreditam juntamente comigo. Este grande «com», sem o qual não pode haver qualquer fé pessoal, é a Igreja. E esta Igreja não se detém diante das fronteiras dos países; demonstra-o as nacionalidades dos Santos que mencionei: Hungria, Inglaterra, Irlanda e Itália. Daqui se vê como é importante a permuta espiritual, que se dilata através da Igreja inteira. Sim, para o desenvolvimento da Igreja no nosso País foi, e continua a ser, fundamental que acreditemos juntos em todos os Continentes e aprendamos uns dos outros a acreditar. Se nos abirmos à fé integral ao longo de toda a história e nos seus testemunhos em toda a Igreja, então a fé católica tem um futuro, mesmo como força pública na Alemanha. Ao mesmo tempo as figuras dos Santos, de que falei, mostram-nos a grande fecundidade de uma vida com Deus, a fecundidade deste amor radical a Deus e ao próximo. Os Santos, mesmo onde São poucos, mudam o mundo. E os grandes Santos continuam a ser forças transformadoras em cada tempo.

Assim as mudanças políticas do ano 1989, no nosso país, não foram motivadas apenas pelo desejo de bem-estar e liberdade de ir e vir, mas, e de modo decisivo, pelo anseio de veracidade. Este anseio foi mantido desperto, para além do mais, por pessoas que se devotaram totalmente ao serviço de Deus e do próximo e estavam dispostas a sacrificar a própria vida. Tais pessoas e os Santos recordados dão-nos a coragem para tirarmos proveito da nova situação. Não queremos esconder-nos numa fé apenas privada, mas queremos administrar responsabilmente a liberdade alcançada. À semelhança dos Santos Kilian, Bonifácio, Adelar, Eoban e Isabel da

Turíngia, queremos ir, como cristãos, ao encontro dos nossos concidadãos e convidá-los a descobrirem connosco a plenitude da Boa Nova, a sua presença, a sua força vital e beleza. Então seremos semelhantes ao famoso sino da catedral de Erfurt que se chama «Glorioso». É considerado o maior sino medieval do mundo que oscila livremente. É um sinal palpável do nosso profundo enraizamento na tradição cristã, mas também um sinal para nos pormos a caminho empenhando-nos na missão. O referido sino tocará também hoje no fim da Missa solene. Possa servir-nos de estímulo para, a exemplo dos Santos, tornarmos visível e audível o testemunho de Cristo no mundo; para tornarmos visível e audível a glória de Deus e, desse modo, viver num mundo onde Deus está presente e torna a vida bela e rica de significado. Amen.

VIAGEM APOSTÓLICA À ALEMANHA  
22-25 DE SETEMBRO DE 2011

*Esplanada do Aeroporto de Friburgo*

**Domingo, 25 de Setembro de 2011**

*Amados irmãos e irmãs!*

É com particular emoção que celebro aqui a Eucaristia, a Acção de Graças, com tanta gente vinda de diversas partes da Alemanha e dos países limítrofes. A nossa acção de graças, queremos dirigi-la sobretudo a Deus, em Quem vivemos, nos movemos e existimos (cf. Act 17, 28); mas quero agradecer também a todos vós pela vossa oração em favor do Sucessor de Pedro, para que ele possa continuar a desempenhar o seu ministério com alegria e segura esperança, confirmando os irmãos na fé.

«Ó Deus, que manifestais a vossa onnipotência sobretudo com a misericórdia e o perdão...»: rezamos na colecta de hoje. Na primeira leitura, ouvimos dizer como Deus manifestou o poder da sua misericórdia, na história de Israel. A experiência do exílio babilonense fizera o povo cair numa profunda crise de fé: Por que sucedera aquela desgraça? Seria Deus verdadeiramente poderoso?

Há teólogos que, à vista de todas as coisas terríveis que acontecem hoje no mundo, põem em dúvida se Deus não possa ser realmente onnipotente. Diversamente, nós professamos Deus, o Onnipotente, o Criador do céu e da terra. E sentimo-nos felizes e agradecidos por Ele ser onnipotente; mas devemos, ao mesmo tempo, dar-nos conta de que Ele exerce o seu poder de maneira diferente de como costumamos fazer nós, os homens. Ele próprio impôs um limite ao seu poder, ao reconhecer a liberdade das suas criaturas. Sentimo-nos felizes e agradecidos pelo dom da liberdade; mas, quando vemos as coisas tremendas que sucedem por causa dela, assustamo-nos. Mantenhamos a confiança em Deus, cujo poder se manifesta sobretudo na misericórdia e no perdão. E estejamos certos, amados fiéis, de que Deus deseja a salvação do seu povo. Deseja a nossa salvação, a minha salvação, a salvação de cada um. Sempre, mas sobretudo em tempos de perigo e transtorno, Ele está perto de nós, e o seu coração comove-se por nós,

inclina-se sobre nós. Para que o poder da sua misericórdia possa tocar os nossos corações, requer-se a abertura a Ele, é necessária a disponibilidade para abandonar livremente o mal, levantar-se da indiferença e dar espaço à sua Palavra. Deus respeita a nossa liberdade; não nos constrange. Ele aguarda o nosso «sim» e, por assim dizer, mendiga-o.

No Evangelho, Jesus retoma este tema fundamental da pregação profética. Narra a parábola dos dois filhos que São convidados pelo pai para irem trabalhar na vinha. O primeiro filho respondeu: «“Não quero”. Depois, porém, arrependeu-se e foi» (*Mt 21, 29*). O outro, ao contrário, disse ao pai: «“Eu vou, senhor.” Mas, de facto, não foi» (*Mt 21, 30*). À pergunta de Jesus sobre qual dos dois cumprira a vontade do pai, os ouvintes justamente respondem: «O primeiro» (*Mt 21, 31*). A mensagem da parábola é clara: Não São as palavras que contam, mas o agir, os actos de conversão e de fé. Jesus, como ouvimos, dirige esta mensagem aos sumos sacerdotes e aos anciãos do povo de Israel, isto é, aos peritos de religião do seu povo. Estes começam por dizer «sim» à vontade de Deus; mas a sua religiosidade torna-se rotineira, e Deus já não os inquieta. Por isso sentem a mensagem de João Baptista e a de Jesus como um incómodo. E assim o Senhor conclui a sua parábola com estas palavras drásticas: «Os publicanos e as mulheres de má vida vão antes de vós para o Reino de Deus. João Baptista veio ao vosso encontro pelo caminho que leva à justiça, e não lhe destes crédito, mas os publicanos e as mulheres de má vida acreditaram nele. E vós, que bem o vistes, nem depois vos arrependestes, acreditando nele» (*Mt 21, 31-32*). Traduzida em linguagem de hoje, a frase poderia soar mais ou menos assim: agnósticos que, por causa da questão de Deus, não encontram paz e pessoas que sofrem por causa dos seus pecados e sentem desejo dum coração puro estão mais perto do Reino de Deus de quanto o estejam os fiéis rotineiros, que na Igreja já só conseguem ver o aparato sem que o seu coração seja tocado por isto: pela fé.

Assim, a palavra deve fazer-nos reflectir seriamente; antes, deve abalar a todos nós. Isto, porém, não significa de modo algum que todos quantos vivem na Igreja e trabalham para ela se devam considerar distantes de Jesus e do Reino de Deus. Absolutamente, não! Antes, este é o momento bom para dizer um palavra de profunda gratidão a tantos colaboradores, contratados ou voluntários, sem os quais a vida nas paróquias e na Igreja

inteira seria impensável. A Igreja na Alemanha possui muitas instituições sociais e caritativas, onde se cumpre o amor do próximo de forma eficaz, mesmo socialmente e até aos confins da terra. Quero exprimir, neste momento, a minha gratidão e o meu apreço a todos quantos estão empenhados na Cáritas alemã ou noutras organizações, ou então que disponibilizam generosamente o seu tempo e as suas forças para tarefas de voluntariado na Igreja. Tal serviço requer, primariamente, uma competência objectiva e profissional; mas, no espírito do ensinamento de Jesus, exige-se algo mais, ou seja, o coração aberto, que se deixa tocar pelo amor de Cristo, e deste modo é prestado ao próximo, que precisa de nós, mais do que um serviço técnico: o amor, no qual se torna visível ao outro o Deus que ama, Cristo. Neste sentido e a partir do Evangelho de hoje, interroguemo-nos: Como é a minha relação pessoal com Deus na oração, na participação na Missa dominical, no aprofundamento da fé por meio da meditação da Sagrada Escritura e do estudo do Catecismo da Igreja Católica? Queridos amigos, em última análise, a renovação da Igreja só poderá realizar-se através da disponibilidade à conversão e duma fé renovada.

No Evangelho deste domingo, como vimos, fala-se de dois filhos, mas misteriosamente por detrás deles há um terceiro. O primeiro filho diz «não», mas depois cumpre a vontade do pai. O segundo filho diz «sim», mas não faz o que lhe foi ordenado. O terceiro filho diz «sim» e faz também o que lhe foi ordenado. Este terceiro filho é o Filho Unigénito de Deus, Jesus Cristo, que aqui nos reuniu a todos. Ao entrar no mundo, Ele disse: «Eis que venho (...) para fazer, ó Deus, a vossa vontade» (*Heb 10, 7*). Este «sim», Ele não se limitou a pronunciar-lo, mas cumpriu-o e sofreu até a morte. Diz-se no hino cristológico da segunda leitura: «Ele, que era de condição divina, não quis ter a exigência de ser posto ao nível de Deus. Antes, a Si próprio Se despojou, tomando a condição de escravo, ficando semelhante aos homens. Tido no aspecto como simples homem, ainda mais Se humilhou a Si mesmo, obedecendo até à morte e morte na cruz» (*Flp 2, 6-8*). Em humildade e obediência, Jesus cumpriu a vontade do Pai, morreu na cruz pelos seus irmãos e irmãs – por nós – e redimiu-nos da nossa soberba e obstinação. Agradecemos-Lhe pelo seu sacrifício, ajoelhem-se diante do seu Nome e, juntamente com os discípulos da primeira geração, proclamemos: «Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai» (*Flp 2, 11*).

A vida cristã deve medir-se continuamente pela de Cristo: «Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus» (*Flp 2, 5*) – escreve São Paulo ao introduzir o hino cristológico. E, alguns versículos antes, já nos exorta: «Se há em Cristo alguma consolação, algum conforto na caridade; se existe alguma participação nos dons do Espírito Santo, alguns sentimentos de ternura e misericórdia, então completai a minha alegria, mantendo-vos unidos nos mesmos sentimentos: conservai a mesma caridade, uma alma comum, um mesmo e único sentir» (*Flp 2, 1-2*). Assim como Cristo estava totalmente unido ao Pai e era-Lhe obediente, assim também os seus discípulos devem obedecer a Deus e manter entre si um mesmo sentir. Queridos amigos, com Paulo ouse exortar-vos: Tornai plena a minha alegria, permanecendo firmemente unidos em Cristo! A Igreja na Alemanha vencerá os grandes desafios do presente e do futuro e continuará a ser fermento na sociedade, se os sacerdotes, as pessoas consagradas e os leigos que acreditam em Cristo, na fidelidade à vocação específica de cada um, colaborarem em unidade; se as paróquias, as comunidades e os movimentos se apoiarem e enriquecerem mutuamente; se os batizados e os crismados, em união com o Bispo, mantiverem alta a chama de uma fé intacta e, por ela, deixarem iluminar a riqueza dos seus conhecimentos e capacidades. A Igreja na Alemanha continuará a ser uma bênção para a comunidade católica mundial, se permanecer fielmente unida aos Sucessores de São Pedro e dos Apóstolos, se tiver a peito de variados modos a cooperação com os países de missão e se nisto se deixar «contagiar» pela alegria na fé das jovens Igrejas.

Com a exortação da unidade, Paulo associa o apelo à humildade. Diz: «Não façais nada por rivalidade, nem por vanglória; mas, por humildade, considerai os outros superiores a vós mesmos, sem olhar cada um aos seus próprios interesses, mas aos interesses dos outros» (*Flp 2, 3-4*). A vida cristã é uma «existência-para»: um viver para o outro, um compromisso humilde a favor do próximo e do bem comum. Amados fiéis, a humildade é uma virtude que no mundo de hoje e, de modo geral, de todos os tempos, não goza de grande estima. Mas os discípulos do Senhor sabem que esta virtude é, por assim dizer, o óleo que torna fecundos os processos de diálogo, possível a colaboração e cordial a unidade. Humilitas, a palavra latina donde deriva «humildade», tem a ver com humus, isto é, com a aderência à terra, à realidade. As pessoas humildes vivem com ambos os

pés na terra; mas sobretudo escutam Cristo, a Palavra de Deus, que ininterruptamente renova a Igreja e cada um dos seus membros.

Peçamos a Deus a coragem e a humildade de prosseguirmos pelo caminho da fé, de nos saciarmos na riqueza da sua misericórdia e de mantermos o olhar fixo em Cristo, a Palavra que faz novas todas as coisas, que é para nós «o caminho, a verdade e a vida» (*Jo 14, 6*), que é o nosso futuro. Amen.

VISITA PASTORAL A LAMEZIA TERME E A SERRA SAN BRUNO

CELEBRAÇÃO DAS VÉSPERAS

*Igreja da Cartuxa de Serra San Bruno*

**Domingo, 9 de Outubro de 2011**

*Venerados Irmãos no Episcopado*

*Amados Irmãos Cartuxos*

*Irmãos e Irmãs!*

Dou graças ao Senhor que me conduziu a este lugar de fé e de oração, a Cartuxa da Serra San Bruno. Ao renovar a minha saudação reconhecida a D. Vincenzo Bertolone, Arcebispo de Catanzaro-Squillace, dirijo-me com profundo afecto a esta Comunidade Cartuxa, a cada um dos seus membros, a começar pelo Prior, Pe. Jacques Dupont, a quem agradeço de coração as palavras pronunciadas, pedindo-lhe que transmita o meu pensamento de gratidão e bênção ao Ministro-Geral e às Monjas da Ordem.

É-me grato sublinhar, antes de tudo, que esta minha Visita se insere em continuidade com alguns sinais de comunhão vigorosa entre a Sé Apostólica e a Ordem dos Cartuxos, ocorridos ao longo do século passado. Em 1924 o Papa Pio XI emanou uma Constituição Apostólica com a qual aprovou os Estatutos da Ordem, revistos à luz do Código de Direito Canónico. Em Maio de 1984, o beato João Paulo II dirigiu ao Ministro-Geral uma Carta especial, por ocasião do nono centenário da fundação, por parte de São Bruno, da primeira comunidade da Cartuxa, nos arredores de Grenoble. No dia 5 de Outubro daquele mesmo ano, o meu amado Predecessor veio aqui, e a recordação da sua passagem entre estas paredes ainda está viva. No sulco destes acontecimentos passados, mas sempre actuais, venho visitar-vos hoje, e gostaria que este nosso encontro salientasse o vínculo profundo que existe entre Pedro e Bruno, entre o serviço pastoral à unidade da Igreja e a vocação contemplativa na Igreja. Com efeito, a comunhão eclesial tem necessidade de uma força interior, daquele vigor que há pouco o Padre Prior recordava, citando a expressão «*captus ab Uno*», referida a São Bruno: «Capturado por Um», por Deus, «*Unus potens per omnia*», como cantámos no Hino das Vésperas. O

ministério dos Pastores haure das comunidades contemplativas uma linfa espiritual que provém de Deus.

«*Fugitiva relinquere et aeterna captare*»: abandonar as realidades fugazes e procurar capturar o eterno. Nesta expressão da carta que o vosso Fundador dirigiu ao Abade de Reims, Rodolfo, está encerrado o núcleo da vossa espiritualidade (cf. *Carta a Rodolfo*, 13): o forte desejo de entrar em união de vida com Deus, abandonando tudo o resto, tudo aquilo que impede esta comunhão, e deixando-se capturar pelo amor imenso de Deus, para viver só deste amor. Caros irmãos, vós encontrastes o tesouro escondido, a pérola de grande valor (cf. *Mt 13*, 44-46); respondestes com radicalidade ao convite de Jesus: «Se quiseres ser perfeito, vai, vende os teus bens, distribui-os aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me!» (*Mt 19*, 21). Cada mosteiro — masculino ou feminino — é um oásis em que, com a oração e a meditação, se cava incessantemente o poço profundo do qual haurir a «água viva» para a nossa sede mais profunda. Mas a Cartuxa é um oásis especial, onde o silêncio e a solidão São conservados com cuidado particular, segundo a forma de vida iniciada por São Bruno e que permaneceu inalterada ao longo dos séculos. «Habitó no deserto com irmãos», é a frase sintética que escrevia o vosso Fundador (*Carta a Rodolfo*, 4). A visita do Sucessor de Pedro a esta Cartuxa histórica tenciona confirmar-vos não só a vós, que viveis aqui, mas toda a Ordem na sua missão, mais actual e significativa do que nunca no mundo de hoje.

O progresso técnico, nomeadamente no campo dos transportes e das comunicações, tornou a vida do homem mais confortável, mas também mais agitada, às vezes até desordenada. As cidades São quase sempre ruidosas: nelas raramente há silêncio, porque um barulho de fundo permanece sempre, nalgumas áreas até de noite. Além disso, nas últimas décadas o desenvolvimento dos mass media difundiu e amplificou um fenómeno que já se perfilava nos anos 60: a virtualidade, que corre o risco de dominar a realidade. Cada vez mais, mesmo sem se dar conta, as pessoas vivem imersas numa dimensão virtual, por causa de mensagens audiovisuais que acompanham a sua vida, desde a manhã até à noite. Os mais jovens, que já nasceram nesta condição, parecem desejar encher com músicas e imagens cada momento vazio, como se tivessem medo de sentir, precisamente, este vazio. Trata-se de uma tendência que sempre existiu,

especialmente entre os jovens e nos contextos urbanos mais desenvolvidos, mas hoje ela alcançou um nível tal, que se chega a falar de mutação antropológica. Algumas pessoas já não são capazes de permanecer por muito tempo em silêncio e solidão.

Quis referir-me a esta condição sociocultural, porque ela põe em relevo o carisma específico da Cartuxa, como um dom precioso para a Igreja e para o mundo, um dom que contém uma mensagem profunda para a nossa vida e para a humanidade inteira. Eu resumi-lo-ia assim: retirando-se no silêncio e na solidão o homem, por assim dizer, «expõe-se» à realidade na sua nudez, expõe-se àquele aparente «vazio» ao qual me referia antes, para experimentar ao contrário a Plenitude, a presença de Deus, da Realidade mais real que existe, e que se encontra para além da dimensão sensível. Trata-se de uma presença perceptível em cada criatura: no ar que respiramos, na luz que vemos e que nos aquece, na relva, nas pedras... Deus, *Creator omnium*, atravessa tudo, mas vai mais além e, precisamente por isso, é o fundamento de tudo. Deixando tudo, o monge por assim dizer «arrisca»: expõe-se à solidão e ao silêncio para não viver a não ser do que é essencial, e precisamente ao viver do essencial encontra também uma profunda comunhão com os irmãos, com cada homem.

Alguém poderia pensar que é suficiente vir aqui, para fazer este «salto». Mas não é assim. Esta vocação, como cada vocação, encontra resposta num caminho, na busca de uma vida inteira. Com efeito, não é suficiente retirar-se num lugar como este para aprender a estar na presença de Deus. Assim como no matrimónio não basta celebrar o Sacramento para se tornar efectivamente um só, mas é necessário deixar que a graça de Deus aja e percorrer juntos a quotidianidade da vida conjugal, também o tornar-se monge exige tempo, exercício e paciência, «numa vigilância divina perseverante — como afirmava São Bruno — à espera da volta do Senhor, para lhe abrir imediatamente a porta» (*Carta a Rodolfo*, 4); e precisamente nisto consiste a beleza de cada vocação no seio da Igreja: dar tempo a Deus, para agir com o seu Espírito, e à própria humanidade para se formar, para crescer em conformidade com a medida da maturidade de Cristo, naquela particular condição de vida. Em Cristo encontra-se tudo, a plenitude; quanto a nós, temos necessidade de tempo para fazer nossa uma das dimensões do seu mistério. Poderíamos dizer que se trata de um caminho de

transformação, em que se realiza e se manifesta o mistério da Ressurreição de Cristo em nós, mistério para o qual nos interpelou esta tarde a Palavra de Deus, na Leitura bíblica tirada da Carta aos Romanos: o Espírito Santo, que ressuscitou Jesus dos mortos, e que dará vida também aos nossos corpos mortais (cf. *Rm* 8, 11), é Aquele que realiza também a nossa configuração com Cristo, segundo a vocação de cada indivíduo, um caminho que vai desde a pia baptismal até à morte, passagem para a Casa do Pai. Às vezes, aos olhos do mundo, parece impossível permanecer durante a vida inteira num mosteiro, mas na verdade toda uma vida é apenas suficiente para entrar nesta união com Deus, naquela Realidade essencial e profunda, que é Jesus Cristo.

Estimados Irmãos que formais a Comunidade Cartuxa de Serra San Bruno, foi por isto que vim aqui! Para vos dizer que a Igreja tem necessidade de vós, e que vós precisais da Igreja. O vosso lugar não é marginal: nenhuma vocação é marginal no Povo de Deus: somos um único corpo, em que cada membro é importante e tem a mesma dignidade, e é inseparável do todo. Também vós, que viveis em isolamento voluntário, estais realmente no coração da Igreja, e fazeis correr nas suas veias o sangue puro da contemplação e do amor de Deus.

*Stat Crux dum volvitur orbis* — assim recita o vosso lema. A Cruz de Cristo é o ponto firme, no meio das mudanças e dos transtornos do mundo. A vida numa Cartuxa participa da estabilidade da Cruz, que é a de Deus, do seu amor fiel. Permanecendo solidamente unidos a Cristo, como ramos à Videira, também vós, Irmãos Cartuxos, estais associados ao seu mistério de salvação, como a Virgem Maria, que junto da Cruz *stabat*, unida ao Filho na mesma oblação de amor. Assim, como Maria e juntamente com Ela, também vós estais profundamente inseridos no mistério da Igreja, Sacramento de união dos homens com Deus e entre si. Nisto vós estais também singularmente próximos do meu ministério. Por conseguinte, vele sobre nós a Santíssima Mãe da Igreja, e o santo Padre Bruno abençoe sempre do Céu a vossa Comunidade.

VISITA PASTORAL A LAMEZIA TERME E A SERRA SAN BRUNO

*Periferia industrial de Lamezia Terme*

**Domingo, 9 de Outubro de 2011**

*Amados irmãos e irmãs!*

É grande a minha alegria por poder partir convosco o pão da Palavra de Deus e da Eucaristia. Sinto-me feliz por estar pela primeira vez aqui na Calábria e por me encontrar nesta Cidade de Lamezia Terme. Apresento a minha cordial saudação a todos vós que acorrestes tão numerosos e agradeço-vos o vosso caloroso acolhimento! Saúdo em particular o vosso Pastor, D. Luigi Antonio Cantafora, e agradeço-lhe as gentis expressões de boas-vindas que me dirigiu em nome de todos. Saúdo também os Arcebispos e Bispos presentes, os Sacerdotes, os Religiosos e as Religiosas, os representantes das Associações e dos Movimentos eclesiais. Dirijo um deferente pensamento ao Presidente da Câmara Municipal, Prof. Gianni Speranza, grato pela gentil saudação, ao Representante do Governo e às Autoridades civis e militares, que com a sua presença quiseram honrar este nosso encontro. Um agradecimento especial a quantos colaboraram generosamente na realização da minha Visita Pastoral.

A liturgia deste domingo propõe-nos uma parábola que fala de um banquete de núpcias para o qual muitos São convidados. A primeira leitura, tirada do livro de Isaías, prepara este tema, porque fala do banquete de Deus. É uma imagem — do banquete — usada com frequência nas Escrituras para indicar a alegria na comunhão e na abundância dos dons do Senhor, e deixa intuir algo da festa de Deus com a humanidade, como descreve Isaías: «O Senhor dos Exércitos prepara para todos os povos sobre este monte um banquete de manjares suculentos, um festim de vinhos velhos... de vinhos velhos purificados» (Is 25, 6). O profeta acrescenta que a intenção de Deus é pôr fim à tristeza e à vergonha; quer que todos os homens vivam felizes no amor para com Ele e na comunhão recíproca; o seu projecto é, então, eliminar a morte para sempre, enxugar as lágrimas de cada rosto, fazer desaparecer a condição de desonra do seu povo, como

ouvimos (cf. vv. 7-8). Tudo isto suscita profunda gratidão e esperança: «Eis o nosso Deus, de quem esperávamos a salvação» (v. 9).

No Evangelho Jesus fala-nos da resposta que é dada ao convite de Deus — representado por um rei — a participar neste seu banquete (cf. *Mt* 22, 1-14). Os convidados São muitos, mas algo de inesperado se verifica: recusam-se a participar na festa, têm outras coisas a fazer; aliás, alguns mostram desprezo pelo convite. Deus é generoso para conosco, oferecendo-nos a sua amizade, os seus dons, a sua alegria, mas muitas vezes nós não aceitamos as suas palavras, mostramos mais interesse por outras coisas, pomos no primeiro lugar as nossas preocupações materiais, os nossos interesses. O convite do rei encontra inclusive reacções hostis, agressivas. Mas isto não faz diminuir a sua generosidade. Ele não desanima, e envia os seus servos a convidar muitas outras pessoas, A recusa dos primeiros convidados tem como efeito a extensão do convite a todos, até aos mais pobres, abandonados e deserdados. Os servos reúnem todos os que encontram, e a sala enche-se: a bondade do rei não tem confins e a todos é dada a possibilidade de responder à sua chamada. Mas há uma condição para permanecer neste banquete de núpcias: vestir o hábito nupcial. E ao entrar na sala, o rei distingue alguém que não o quis vestir e, por esse motivo, é excluído da festa. Gostaria de meditar um momento sobre este aspecto com uma pergunta: como é que este comensal aceitou o convite do rei, entrou na sala do banquete, lhe foi aberta a porta, mas não vestiu o hábito nupcial? O que é este hábito nupcial? *Na Missa in Coena Domini deste ano fiz referência a um bonito comentário de São Gregório Magno a esta parábola.* Ele explica que aquele hóspede respondeu ao convite do Senhor para participar no seu banquete, de certa forma, tem a fé que lhe abriu a porta da sala, mas falta-lhe algo essencial: a veste nupcial, que é a caridade, o amor. E São Gregório acrescenta: «Portanto, cada um de vós que na Igreja tem fé em Deus já participou no banquete de núpcias, mas não pode dizer que vestiu o hábito nupcial se não conserva a graça da Caridade» (*Homilia* 38, 9; *PL* 76, 1287). E este hábito está ligado simbolicamente por dois madeiros, um em cima e o outro em baixo: o amor a Deus e o amor ao próximo (cf. *ibid.*, 10: *PL* 76, 1288). Todos nós somos convidados a ser comensais do Senhor, a entrar com a fé no seu banquete, mas devemos vestir e guardar o hábito nupcial, a caridade, viver um profundo amor a Deus e ao próximo.

Queridos irmãos e irmãs! Vim para partilhar convosco alegrias e esperanças, canseiras e compromissos, ideais e aspirações desta comunidade diocesana. Sei que vos preparastes para esta Visita com um intenso caminho espiritual, adoptando como mote um versículo dos Actos dos Apóstolos: «Em nome de Jesus Cristo Nazareno, anda!» (3, 6). Sei que também em Lamezia Terme, como em toda a Calábria, não faltam dificuldades, problemas e preocupações. Se observamos esta bonita região, reconhecemos nela uma terra sísmica não só sob o ponto de vista geológico, mas também de um ponto de vista estrutural, comportamental e social; isto é, uma terra onde os problemas se apresentam de formas agudas e desestabilizadoras; uma terra na qual o desemprego é preocupante, onde uma criminalidade muitas vezes cruel, fere o tecido social, uma terra na qual se tem continuamente a sensação de estar em emergência. À emergência, vós calabreses soubestes responder com rapidez e disponibilidade surpreendentes, com uma extraordinária capacidade de adaptação às privações. Tenho certeza de que sabereis superar as dificuldades de hoje para preparar um futuro melhor. Nunca cedais à tentação do pessimismo e do fechamento em vós mesmos. Fazei apelo aos recursos da vossa fé e das vossas capacidades humanas; esforçai-vos por crescer na capacidade de colaborar, de ocupar-se do próximo e de todos os bens públicos, conservai o hábito nupcial do amor; perseverai no testemunho dos valores humanos e cristãos tão profundamente radicados na fé e na história deste território e da sua população.

Queridos amigos! a minha visita realiza-se quase no final do caminho iniciado por esta Igreja local com a redacção do projecto pastoral quinquenal. Desejo agradecer convosco ao Senhor o proveitoso caminho percorrido e os numerosos gérmens de bem semeados, que deixam ter esperança no futuro. Para enfrentar a nova realidade social e religiosa, diversa do passado, talvez mais sobrecarregada de dificuldades, mas também mais rica de potencialidades, é necessário um trabalho pastoral moderno e orgânico que comprometa em redor do Bispo todas as forças cristãs: sacerdotes, religiosos e leigos, animados pelo comum compromisso de evangelização. A este respeito, tomei conhecimento de bom grado do esforço que está a ser feito para se pôr à escuta atenta e perseverante da Palavra de Deus, através da promoção de encontros mensais em diversos centros da Diocese e da difusão da prática da *Lectio divina*. De igual modo

oportuna é também a Escola de Doutrina Social da Igreja, quer pela qualidade estruturada da proposta, quer pela sua minuciosa divulgação. Desejo profundamente que destas iniciativas surja uma nova geração de homens e mulheres capazes de promover não tanto interesses individuais, mas o bem comum. Desejo também encorajar e abençoar os esforços de quantos, sacerdotes e leigos, se ocupam da preparação dos casais cristãos para o matrimónio e a família, a fim de dar uma resposta evangélica e competente aos numerosos desafios contemporâneos no campo da família e da vida.

Depois, conheço o zelo e a dedicação com a qual os sacerdotes desempenham o seu serviço pastoral, assim como o metódico e incisivo trabalho de formação a eles destinado, em particular aos mais jovens. Queridos sacerdotes, exorto-vos a radicar cada vez mais a vossa vida espiritual no Evangelho, cultivando a vida interior, uma intensa relação com Deus e afastando-vos decididamente de uma certa mentalidade consumista e mundana, que é uma tentação frequente na realidade na qual vivemos. Aprendei a crescer na comunhão entre vós e com o Bispo, entre vós e os fiéis leigos, favorecendo a estima e a colaboração recíprocas: isto proporcionará certamente muitíssimos benefícios, quer para a vida das paróquias quer para a própria sociedade civil. Sabei valorizar, com discernimento, segundo os conhecidos critérios de eclesialidade, os grupos e movimentos: eles devem ser bem integrados no âmbito da pastoral ordinária da diocese e das paróquias, num profundo espírito de comunhão.

A vós fiéis leigos, jovens e famílias, digo: não tenhais medo de viver e testemunhar a fé nos vários âmbitos da sociedade, nas múltiplas situações da existência humana! Tendes todos os motivos para vos mostrardes fortes, confiantes e corajosos, e isto graças à luz da fé e à força da caridade. E se encontrardes a oposição do mundo, fazei vossas as palavras do Apóstolo: «Tudo posso naquele que me dá a força» (*Fl* 4, 13). Assim se comportaram os Santos e as Santas, florescidos, ao longo dos séculos, em toda a Calábria. Que eles vos conservem sempre unidos e alimentem em cada um o desejo de proclamar, com as palavras e as obras, a presença e o amor de Cristo. A Mãe de Deus, por vós tão venerada, vos assista e conduza ao conhecimento profundo do seu Filho. Amém!

SANTA MISSA PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO

*Basílica Vaticana*

**Domingo, 16 de Outubro de 2011**

*Venerados Irmãos*

*Estimados irmãos e irmãs*

É com alegria que celebro hoje a Santa Missa para vós, que estais comprometidos em muitas partes do mundo, nas fronteiras da nova evangelização. Esta Liturgia é o encerramento do encontro que ontem vos chamou a confrontar-vos nos âmbitos de tal missão e a ouvir alguns testemunhos significativos. Eu mesmo quis apresentar-vos alguns pensamentos, enquanto hoje parto para vós o pão da Palavra e da Eucaristia, na certeza — compartilhada por todos nós — que sem Cristo, Palavra e Pão de vida, nada podemos fazer (cf. Jo 15, 5). Estou feliz por este encontro se inserir no contexto do mês de Outubro, precisamente uma semana antes do Dia Missionário Mundial: isto evoca a justa dimensão universal da nova evangelização, em harmonia com a da missão *ad gentes*.

Dirijo uma saudação cordial a todos vós, que aceitastes o convite do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. Em particular, saúdo e agradeço ao Presidente deste Dicastério, de recente instituição, D. Salvatore Fisichella, bem como aos seus colaboradores.

Comentemos agora as Leituras bíblicas, nas quais hoje o Senhor nos fala. A primeira, tirada do Livro de Isaías, diz-nos que Deus é um só, é único; não existem outros deuses fora do Senhor, e até o poderoso Ciro, imperador dos persas, faz parte de um desígnio maior, que só Deus conhece e faz progredir. Esta Leitura apresenta-nos o sentido teológico da história: as revoluções epocais, o suceder-se das grandes potências encontram-se sob o domínio supremo de Deus; nenhum poder terreno pode colocar-se no seu lugar. A teologia da história é um aspecto importante, essencial da nova evangelização, porque os homens do nosso tempo, depois da nefasta época dos impérios totalitários do século XX, têm necessidade de reencontrar um olhar abrangente sobre o mundo e o tempo, um olhar verdadeiramente livre,

pacífico, aquele olhar que o Concílio Vaticano II transmitiu nos seus Documentos, e que os meus Predecessores, o Servo de Deus Paulo VI e o Beato João Paulo II, explicaram com o seu Magistério.

A segunda Leitura é o início da *Primeira Carta aos Tessalonicenses*, e já isto é muito sugestivo, porque se trata da carta mais antiga que chegou até nós do maior evangelizador de todos os tempos, o apóstolo Paulo. Ele diz-nos, antes de tudo, que não se evangeliza de maneira isolada: com efeito, também ele tinha como colaboradores Silvano e Timóteo (cf. *1 Ts* 1, 1), além de muitos outros. E imediatamente acrescenta outro elemento muito importante: que o anúncio deve ser precedido, acompanhado e seguido pela oração. Com efeito, escreve: «Damos graças a Deus por todos vós, lembrando-nos sem cessar de vós nas nossas orações» (v. 2). Depois, o apóstolo diz que está bem consciente de que os membros da comunidade não foram escolhidos por ele, mas por Deus: «fostes escolhidos por Ele» — afirma (cf. v. 4). Cada missionário do Evangelho deve ter sempre presente esta verdade: é o Senhor que sensibiliza os corações com a sua Palavra e com o seu Espírito, chamando as pessoas à fé e à comunhão na Igreja. Enfim, Paulo deixa-nos um ensinamento muito precioso, tirado da sua própria experiência: Ele escreve: «O nosso Evangelho não vos foi pregado somente com palavras, mas também com poder, com o Espírito Santo e com convicção» (v. 5). Para ser eficaz, a evangelização tem necessidade da força do Espírito, que anime o anúncio e infunda em quem o traz, aquela «plena convicção» de que o apóstolo fala. Este termo «convicção», «plena convicção», no original grego, é *pleroforia*: uma palavra que não exprime tanto o aspecto subjectivo, psicológico, quanto sobretudo a plenitude, a fidelidade, a integridade — neste caso, do anúncio de Cristo. Anúncio que, para ser completo e fiel, deve ser acompanhado por sinais e gestos, como a pregação de Jesus. Portanto, Palavra, Espírito e convicção — assim entendida — São inseparáveis e concorrem para fazer com que a mensagem evangélica se difunda com eficácia.

Meditemos agora sobre o trecho do Evangelho. Trata-se do texto sobre a legitimidade do tributo a pagar a César, que contém a célebre resposta de Jesus: «Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (*Mt* 22, 21). Mas antes de chegar a este ponto há uma passagem que se pode referir a quantos têm a missão de evangelizar. Com efeito, os interlocutores

de Jesus — discípulos dos fariseus e herodianos — dirigem-se a Ele com uma apreciação, dizendo: «Sabemos que és sincero e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade, sem te preocupares com ninguém» (v. 16). É precisamente esta afirmação, embora suscitada pela hipocrisia, que deve chamar a nossa atenção. Os discípulos dos fariseus e os herodianos não acreditam naquilo que dizem. Afirmam-no como uma *captatio benevolentiae*, para se fazerem ouvir, mas o seu coração está muito distante daquela verdade; aliás, eles querem fazer cair Jesus numa armadilha, para O poder acusar. Para nós, ao contrário, aquela expressão é preciosa e verdadeira: com efeito, Jesus é sincero e ensina o caminho de Deus segundo a verdade, sem se preocupar com ninguém. Ele mesmo é aquele «caminho de Deus», que nós somos chamados a percorrer. Aqui podemos evocar as palavras do próprio Jesus, no Evangelho de João: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (14, 6). A este propósito, é iluminador o comentário de santo Agostinho: «Era necessário que Jesus dissesse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” porque, uma vez que se conhecia o caminho, ainda era preciso conhecer a meta. O caminho conduzia para a verdade, levava para a vida... E nós, para onde vamos, senão para Ele, e por que via caminhamos, senão através dele?» (*In Ioh* 69, 2). Os novos evangelizadores São os primeiros que São chamados a percorrer este Caminho, que é Cristo, para fazer conhecer aos outros a beleza do Evangelho que dá a vida. E por esta senda nunca caminhamos sozinhos, mas em companhia: uma experiência de comunhão e de fraternidade é oferecida a quantos encontramos, para lhes comunicar a nossa experiência de Cristo e da sua Igreja. Assim, o testemunho unido ao anúncio pode abrir o coração de quantos procuram a verdade, a fim de que possam alcançar o sentido da própria vida.

Uma breve reflexão também sobre a questão central do tributo a César. Jesus responde com um surpreendente realismo político, vinculado ao teocentrismo da tradição profética. O tributo a César deve ser pago, porque a efígie na moeda é sua; mas o homem, cada homem, traz em si mesmo outra imagem, a de Deus, e portanto é a Ele, e somente a Ele que cada um é devedor da própria existência. Os Padres da Igreja, inspirando-se no facto de que Jesus faz referência à efígie do imperador, gravada na moeda do tributo, interpretaram este trecho à luz do conceito fundamental de homem-imagem de Deus, contido no primeiro capítulo do Livro do Génesis. Um autor anónimo escreve: «A imagem de Deus não está gravada no ouro, mas

no género humano. A moeda de César é ouro, a de Deus é a humanidade... Portanto, concede a tua riqueza material a César, mas conserva para Deus a inocência singular da tua consciência, onde Deus é contemplado... Com efeito, César pediu que a sua imagem fosse gravada em cada moeda, mas Deus escolheu o homem, que Ele mesmo criou, para reflectir a sua glória» (Anónimo, *Obra incompleta sobre Mateus*, Homilia 42). E santo Agostinho recorreu várias vezes a esta referência nas suas homilias: «Se César reclama a própria imagem impressa na moeda — afirma — não exigirá Deus do homem a imagem divina esculpida nele?» (*En. in Ps.*, Salmo 94, 2). E ainda: «Do mesmo modo que se devolve a moeda a César, assim se restitui a Deus a alma iluminada e impressa pela luz do seu rosto... Com efeito, Cristo habita no homem interior» (*Ibid.*, Salmo 4, 8).

Esta palavra de Jesus é rica de conteúdo antropológico, e não pode ser reduzida unicamente ao âmbito político. Portanto, a Igreja não se limita a recordar aos homens a justa distinção entre a esfera da autoridade de César e a de Deus, entre o âmbito político e o religioso. A missão da Igreja, como também a de Cristo, consiste essencialmente em falar de Deus, fazer memória da sua soberania, recordando a todos, especialmente aos cristãos que perderam a própria identidade, o direito de Deus sobre aquilo que lhe pertence, ou seja, a nossa vida.

Precisamente para dar um renovado impulso à missão de toda a Igreja, de conduzir os homens para fora do deserto em que muitas vezes se encontram, rumo ao lugar da vida, da amizade com Cristo que nos dá a vida em plenitude, gostaria de anunciar nesta Celebração eucarística que decidi proclamar um «Ano da Fé», que poderei explicar mediante uma especial Carta apostólica. Este «Ano da Fé» começará no dia 11 de Outubro de 2012, no 50º aniversário da inauguração do Concílio Vaticano II, e terminará a 24 de Novembro de 2013, Solenidade de Cristo Rei do Universo. Será um momento de graça e de compromisso para uma conversão a Deus cada vez mais completa, para fortalecer a nossa fé n'Ele e para O anunciar com alegria ao homem do nosso tempo.

Amados irmãos e irmãs, vós estais entre os protagonistas da nova evangelização, que a Igreja empreendeu e faz progredir, não sem dificuldades, mas com o mesmo entusiasmo dos primeiros cristãos. Em

conclusão, faço minhas as expressões do apóstolo Paulo, que ouvimos: dou graças a Deus por todos vós, e asseguro-vos que vos conservo nas minhas orações, recordando o vosso compromisso na fé, a vossa diligência na caridade e a vossa esperança constante em nosso Senhor Jesus Cristo. A Virgem Maria, que não teve medo de responder «sim» à Palavra do Senhor e, depois de a ter concebido no seu seio, se pôs a caminho cheia de alegria e de esperança, seja sempre o vosso modelo e a vossa guia. Aprendei da Mãe do Senhor e nossa Mãe, a ser humildes e ao mesmo tempo corajosos; simples e prudentes; mansos e fortes, não com o vigor do mundo, mas com a força da verdade. Amém!

CAPELA PAPAL PARA A CANONIZAÇÃO DOS BEATOS:  
GUIDO MARIA CONFORTI (1865-1931)  
LUÍS GUANELLA (1842-1915)  
BONIFÁCIA RODRÍGUEZ DE CASTRO (1837-1905)

*Praça de São Pedro*

**Domingo, 23 de Outubro de 2011**

*Venerados Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio  
Prezados irmãos e irmãs*

A nossa Liturgia dominical enriquece-se hoje com vários motivos de acção de graças e de súplica a Deus. Com efeito, enquanto celebramos com toda a Igreja o Dia Missionário Mundial — encontro anual que tenciona despertar o impulso e o compromisso pela missão — louvamos o Senhor por três novos Santos: o Bispo Guido Maria Conforti, o sacerdote Luís Guanella e a religiosa Bonifácia Rodríguez de Castro. Com alegria dirijo a minha saudação a todos os presentes, em particular às Delegações oficiais e aos numerosos peregrinos vindos para festejar estes três discípulos exemplares de Cristo.

A Palavra do Senhor, que ouvimos há pouco no Evangelho, recordou-nos que toda a Lei divina se resume no amor. O Evangelista Mateus narra que os fariseus, depois de Jesus ter respondido aos saduceus fazendo-os calar, se reuniram para O pôr à prova (cf. 22, 34-35). Um destes interlocutores, um doutor da Lei, perguntou-lhe: «Mestre, qual é o maior mandamento da lei?» (v. 36). À pergunta, voluntariamente insidiosa, Jesus responde com simplicidade absoluta: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, toda a tua alma e todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento» (vv. 37-38). Com efeito, a exigência principal para cada um de nós é que Deus esteja presente na nossa vida. Como diz a Escritura, Ele deve imbuir todas as camadas do nosso ser e enchê-las completamente: o coração deve conhecê-lo e deixar-se tocar por Ele; e assim também a alma, as energias do nosso querer e decidir, bem como a inteligência e o pensamento. É poder dizer como São Paulo: «Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 20).

Imediatamente depois, Jesus acrescenta algo que, na verdade, não tinha sido perguntado pelo doutor da Lei: «E o segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Mt 22, 39). Declarando que o segundo mandamento é semelhante ao primeiro, Jesus deixa entender que a caridade para com o próximo é tão importante quanto o amor a Deus. Com efeito, o sinal visível que o cristão pode mostrar para testemunhar ao mundo o amor a Deus é o amor aos irmãos. Então, como é providencial que precisamente hoje a Igreja indique a todos os seus membros três novos Santos que se deixaram transformar pela caridade divina, modelando nela toda a sua existência. Em várias situações e com diversos carismas, eles amaram o Senhor com todo o coração e o próximo como a si mesmos, «de tal modo que vos tornastes modelo para todos os fiéis» (1 Ts 1, 7).

O Salmo 17, há pouco proclamado, convida a abandonar-se com confiança nas mãos do Senhor, que «tem misericórdia pelo seu ungido» (v. 51). Esta atitude interior orientou a vida e o ministério de São Guido Maria Conforti. Desde quando, ainda menino, teve que superar a oposição do pai para entrar no Seminário, deu prova de uma índole firme para seguir a vontade de Deus e corresponder em tudo àquela *caritas Christi* que, na contemplação do Crucificado, o atraía a Si. Ele sentiu com força a urgência de anunciar este amor a quantos ainda não tinham recebido tal anúncio, e o lema «*Caritas Christi urget nos*» (cf. 2 Cor 5, 14) resume o programa do Instituto missionário ao qual ele, com apenas trinta anos, deu vida: uma família religiosa posta inteiramente ao serviço da evangelização, sob o patrocínio do grande apóstolo do Oriente, São Francisco Xavier. São Guido Maria foi chamado a viver este impulso apostólico no ministério episcopal, primeiro em Ravena e depois em Parma: com todas as suas forças, dedicou-se ao bem das almas que lhe eram dedicadas, sobretudo daquelas que se tinham afastado do caminho do Senhor. A sua vida foi marcada por numerosas provações, até graves. Ele soube aceitar todas as situações com docilidade, acolhendo-as como indicação do caminho traçado para ele pela Providência divina; em cada circunstância, mesmo nas derrotas mais mortificantes, soube reconhecer o desígnio de Deus, que o levava a edificar o seu Reino, sobretudo na renúncia pessoal e na aceitação diária da sua vontade, com um abandono confiante cada vez mais completo. E foi o primeiro a experimentar e testemunhar aquilo que ensinava aos seus missionários, ou seja, que a perfeição consiste em cumprir a vontade de

Deus, segundo o modelo de Jesus Crucificado. São Guido Maria Conforti manteve o seu olhar interior fixo na Cruz, que docilmente o atraía a Si; ao contemplá-la, ele via abrir-se de par em par o horizonte do mundo inteiro, vislumbra o desejo «urgente», escondido no coração de cada homem, de receber e acolher o anúncio do único amor que salva.

O testemunho humano e espiritual de São Luís Guanella é para toda a Igreja um dom de graça particular. Durante a sua existência terrena ele viveu com coragem e determinação o Evangelho da Caridade, o «grande mandamento» que também hoje a Palavra de Deus nos recordou. Graças à união profunda e incessante com Cristo, na contemplação do seu amor, pe. Guanella, orientado pela Providência divina, tornou-se companheiro e mestre, conforto e alívio dos mais pobres e dos mais frágeis. O amor de Deus animava nele o desejo de bem para as pessoas que lhe eram confiadas, na realidade da vida quotidiana. Dedicava uma atenção cuidadosa ao caminho de cada um, respeitando os seus tempos de crescimento e cultivando no coração a esperança de que cada ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, saboreando a alegria de ser amado por Ele — Pai de todos — pode tirar e doar aos outros o melhor de si mesmo. Hoje, queremos louvar e dar graças ao Senhor porque em São Luís Guanella nos ofereceu um profeta e um apóstolo da caridade. No seu testemunho, tão cheio de humanidade e de atenção aos últimos, reconhecemos um sinal luminoso da presença e da obra benéfica de Deus: o Deus — como ressoou na primeira Leitura — que defende o forasteiro, a viúva, o órfão e o pobre que deve ceder como penhor o seu próprio manto, o único cobertor de que dispõe para se cobrir à noite (cf. Êx 22, 20-26). Este novo santo da caridade seja para todos, de modo particular para os membros das Congregações por ele fundadas, modelo de síntese profunda e fecunda entre contemplação e acção, como ele mesmo a viveu e pôs em acção. Podemos resumir toda a sua vicissitude humana e espiritual com as últimas palavras que ele pronunciou, no leito da morte: «*In caritate Christi*». É o amor de Cristo que ilumina a vida de cada homem, revelando como no dom de si ao próximo nada perdemos, mas realizamos plenamente a nossa verdadeira felicidade. São Luís Guanella faça com que cresçamos na amizade com o Senhor, para sermos no nosso tempo portadores da plenitude do amor de Deus, para promovermos a vida em todas as suas manifestações e condições, e faça

com que a sociedade humana se torne cada vez mais a família dos filhos de Deus.

Na segunda Leitura ouvimos um trecho da *Primeira Carta aos Tessalonicenses*, um texto que recorre à metáfora do trabalho manual para descrever a labuta evangelizadora e que, de certo modo, pode aplicar-se também às virtudes de santa Bonifácia Rodríguez de Castro. Quando São Paulo escreve esta carta, trabalha para ganhar o pão; parece evidente, pelo tom e pelos exemplos utilizados, que é na oficina que ele prega a encontra os seus primeiros discípulos. Esta mesma intuição moveu santa Bonifácia, que desde o início soube unir o seu seguimento de Jesus Cristo ao trabalho esmerado de todos os dias. Trabalhar, como fazia desde pequena, não era apenas um modo para não ser um peso para ninguém, mas supunha também ter a liberdade para realizar a sua própria vocação, e oferecia-lhe ao mesmo tempo a possibilidade de atrair e formar outras mulheres, que no lugar de trabalho podem encontrar Deus e ouvir a sua chamada amorosa, discernindo o seu próprio projecto de vida e capacitando-se para o levar a cabo. Assim nascem as Servas de São José, no meio da humildade e simplicidade evangélica, que no lar de Nazaré se apresenta como uma escola de vida cristã. O apóstolo continua a dizer na sua carta que o amor que sente pela comunidade é um esforço, um cansaço, dado que supõe sempre imitar a entrega de Cristo pelos homens, sem esperar nada nem procurar outra coisa, a não ser agradar a Deus. Madre Bonifácia, que se consagra com ímpeto ao apostolado e começa a alcançar os primeiros frutos dos seus afãs, vive também esta experiência de abandono, de rejeição, precisamente da parte das suas discípulas, e nisto aprende uma nova dimensão do seguimento de Cristo: a Cruz. Ela assume-a com a firmeza que vem da esperança, oferecendo a sua vida pela unidade da obra nascida das suas mãos. A nova santa apresenta-se-nos como um modelo completo, no qual ressoa a obra de Deus, um eco que interpela as suas filhas, as Servas de São José, e também todos nós, a acolher o seu testemunho com a alegria do Espírito Santo, sem temer a contrariedade, difundindo em toda a parte a Boa Nova do Reino dos Céus. Confiemo-nos à sua intercessão e peçamos a Deus por todos os trabalhadores, sobretudo por quantos desempenham as profissões mais modestas e às vezes não suficientemente valorizadas, a fim de que, no meio dos afazeres diários, descubram a mão amiga de Deus e dêem testemunho

do seu amor, transformando o seu cansaço num cântico de louvor ao Criador.

«Amo-te, Senhor, minha força!». Caros irmãos e irmãs, assim pudemos aclamar com o Salmo responsorial. Estes três novos santos São um sinal eloquente deste amor apaixonado por Deus. Deixemo-nos atrair pelos seus exemplos, deixemo-nos orientar pelos seus ensinamentos, a fim de que toda a nossa existência se torne testemunho de amor autêntico a Deus e ao próximo.

Obtenha-nos esta graça a Virgem Maria, Rainha dos Santos, e também a intercessão de São Guido Maria Conforti, de São Luís Guanella e de santa Bonifácia Rodríguez de Castro. Amém!

CAPELA PAPAL EM SUFRÁGIO DOS CARDEAIS E BISPOS FALECIDOS DURANTE O ANO

*Basílica Vaticana, Altar da Cátedra*

**Quinta-feira, 3 de Novembro de 2011**

*Venerados Irmãos*

*Prezados irmãos e irmãs*

No dia seguinte à Comemoração litúrgica de todos os fiéis defuntos, reunimo-nos ao redor do altar do Senhor para oferecer o seu Sacrifício em sufrágio pelos Cardeais e Bispos que, ao longo do último ano, concluíram a sua peregrinação terrena. Recordamos, com profundo afecto, os venerados membros do Colégio cardinalício que nos deixaram: Urbano Navarrete, S.J., Michele Giordano, Varkey Vithayathil, C.S.S.R., Giovanni Saldarini, Agustín García-Gasco Vicente, Georg Maximilian Sterzinsky, Kazimierz Świątek, Virgilio Noè, Aloysius Matthew Ambrozic e Andrzej Maria Deskur. Juntamente com eles, apresentemos ao trono do Altíssimo as almas dos saudosos Irmãos no Episcopado. Para todos e para cada um, elevemos a nossa oração, animados pela fé na vida eterna e no mistério da comunhão dos santos. Uma fé cheia de esperança, iluminada também pela Palavra de Deus que ouvimos.

O trecho tirado do *Livro do profeta Oseias* faz-nos pensar imediatamente na ressurreição de Jesus, no mistério da sua morte e do seu despertar para a vida imortal. Este trecho de Oseias — a primeira metade do capítulo VI — estava profundamente gravado no coração e na mente de Jesus. Com efeito — nos Evangelhos — ele cita várias vezes o versículo 6: «porque eu quero o amor, mais que os sacrifícios / e o conhecimento de Deus, mais que os holocaustos». Entretanto, Jesus não cita o versículo 2, mas fá-lo seu e realiza-o no mistério pascal: «Dar-nos-á de novo a vida em dois dias; ao terceiro dia levantar-nos-á, e nós viveremos na sua presença». À luz desta palavra, o Senhor Jesus foi ao encontro da paixão, empreendendo com determinação o caminho da Cruz; Ele falava abertamente aos seus discípulos sobre aquilo que devia acontecer-lhe em Jerusalém, e o oráculo do profeta Oseias ressoava nas suas próprias

palavras: «O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, e matá-lo-ão; mas Ele ressuscitará três dias depois da sua morte» (*Mc 9, 31*).

O evangelista observa que os discípulos «não entendiam estas palavras, e tinham medo de lho perguntar» (v. 32). Também nós, diante da morte, não podemos deixar de experimentar os sentimentos e os pensamentos ditados pela nossa condição humana. E sempre nos surpreende e nos supera um Deus que se faz tão próximo de nós, que não se detém sequer diante do abismo da morte, aliás atravessa-o, permanecendo por dois dias no sepulcro. Mas é precisamente aqui que se concretiza o mistério do «terceiro dia». Cristo assume até ao fundo a nossa carne mortal, a fim de que ela seja investida pelo poder glorioso de Deus, pelo vento do Espírito vivificador, que o transforma e regenera. É o baptismo da paixão (cf. *Lc 12, 50*), que Jesus recebeu por nós, e sobre o qual São Paulo escreve na *Carta aos Romanos*. A expressão que o Apóstolo utiliza — «baptizados na sua morte» (*Rm 6, 3*) — nunca cessa de nos surpreender, tal é a concisão com que resume o mistério vertiginoso. A morte de Cristo é fonte de vida, porque nela Deus derramou todo o seu amor, como numa cascata imensa, que faz pensar na imagem contida no Salmo 41: «Uma vaga traz a outra / no fragor das águas revoltas, todos os vagalhões das vossas torrentes / passaram sobre mim» (v. 8). O abismo da morte é preenchido por outro abismo, ainda maior, que é aquele do amor de Deus, de tal forma que a morte já não tem qualquer poder sobre Jesus Cristo (cf. *Rm 8, 9*), nem sobre quantos, pela fé e pelo Baptismo, estão associados a Ele: «Se morremos com Cristo — diz São Paulo — cremos que viveremos também com Ele» (*Rm 6, 8*). Este «viver com Jesus» é o cumprimento da esperança profetizada por Oseias: «...e nós viveremos na sua presença» (6, 2).

Na realidade, é unicamente em Cristo que tal esperança encontra o seu fundamento real. Antes, ela corria o risco de se reduzir a uma ilusão, a um símbolo inspirado pelo ritmo das estações: «Como a chuva do Outono, como a chuva da Primavera» (*Os 6, 3*). Na época do profeta Oseias, a fé dos israelitas ameaçava de ser contaminada com as religiões naturalistas da terra de Canaã, mas esta fé não é capaz de salvar ninguém da morte. Pelo contrário, a intervenção de Deus no drama da história humana não obedece a qualquer ciclo natural, pois obedece unicamente à sua graça e à sua fidelidade. A vida nova e eterna é fruto da árvore da Cruz, uma árvore que

floresce e frutifica pela luz e pela força que provêm do sol de Deus. Sem a Cruz de Cristo, toda a energia da natureza permanece impotente diante do vigor negativo do pecado. Era necessária uma força benéfica maior do que aquela que faz progredir os ciclos da natureza, um Bem maior do que o da própria criação: um Amor que procede do próprio «Coração» de Deus e que, enquanto revela o sentido último da criação, o renova e orienta para a sua meta originária e derradeira.

Tudo isto teve lugar naqueles «três dias», quando o «grão de trigo» caiu na terra, e ali permaneceu durante o tempo necessário para cumular a medida da justiça e da misericórdia de Deus, e finalmente produziu «muito fruto», não permanecendo só, mas como primícias de uma multidão de irmãos (cf. *Jo* 12, 24; *Rm* 8, 29). Pois bem, graças a Cristo, graças à obra levada a cabo nele pela Santíssima Trindade, as imagens tiradas da natureza já não são símbolos, mitos ilusórios, mas falam-nos de uma realidade. Como fundamento da esperança encontra-se a vontade do Pai e do Filho, que ouvimos no Evangelho desta Liturgia: «Pai, quero que aqueles que Me deste, onde Eu estiver, também eles estejam comigo» (*Jo* 17, 24). E entre aqueles que o Pai concedeu a Jesus, encontram-se inclusive os venerados Irmãos pelos quais nós oferecemos esta Eucaristia: eles «conheceram» Deus mediante Jesus, conheceram o seu Nome, e o amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo permaneceu neles (cf. *Jo* 12, 25-26), abrindo a sua vida para o Céu, para a eternidade. Demos graças a Deus por esta dádiva inestimável. E, por intercessão de Maria Santíssima, oremos a fim de que este mistério de comunhão, que preencheu toda a sua existência, se realize plenamente em cada um deles.

CELEBRAÇÃO DAS VÉSPERAS PARA A INAUGURAÇÃO DO ANO ACADÉMICO NAS  
PONTIFÍCIAS UNIVERSIDADES ROMANAS

*Basílica Vaticana, Altar da Cátedra*

**Sexta-feira, 4 de Novembro de 2011**

*Venerados Irmãos*

*Prezados irmãos e irmãs*

É uma alegria para mim, celebrar estas Vésperas convosco, que formais a grande comunidade das Pontifícias Universidades romanas. Saúdo o Cardeal Zenon Grocholewski, e agradeço-lhe as amáveis palavras que me dirigiu e sobretudo o serviço que desempenha como Prefeito da Congregação para a Educação Católica, coadjuvado pelo Secretário e pelos demais Colaboradores. A eles e a todos os Reitores, Professores e Estudantes, dirijo a minha mais cordial saudação.

Há setenta anos, o Venerável Pio XII, com o Motu proprio «*Cum nobis*» (cf. AAS 33 [1941], 479-481) instituía a Pontifícia Obra para as Vocações Sacerdotais, com as finalidades de promover as vocações presbiterais, difundir o conhecimento da dignidade e da necessidade do ministério ordenado e encorajar a oração dos fiéis, para obter do Senhor numerosos e dignos sacerdotes. Por ocasião de tal aniversário, esta tarde gostaria de vos propor algumas reflexões precisamente a respeito do ministério sacerdotal. O Motu proprio «*Cum nobis*» representou o início de um vasto movimento de iniciativas de oração e de actividades pastorais. Foi uma resposta clara e generosa ao apelo do Senhor: «A messe é grande, mas os trabalhadores São poucos! Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe» (*Mt* 9, 37-38). Depois da instituição da Pontifícia Obra, outras desenvolveram-se em toda a parte. Entre elas, gostaria de recordar o «*Serra International*», fundado por alguns empresários dos Estados Unidos e intitulado a Padre Junípero Serra, Frei franciscano espanhol, que tem por finalidade animar e sustentar as vocações para o sacerdócio e assistir economicamente os seminaristas. Aos membros do *Serra*, que celebram o sexagésimo aniversário do reconhecimento por parte da Santa Sé, dirijo um pensamento cordial. A Pontifícia Obra para as Vocações Sacerdotais foi

instituída na celebração litúrgica de São Carlos Borromeu, venerado padroeiro dos Seminários. A ele peçamos também nesta celebração que interceda pelo despertar, pela boa formação e pelo crescimento das vocações para o sacerdócio.

Também a Palavra de Deus, que ouvimos no trecho da *Primeira Carta de Pedro*, convida a meditar sobre a missão dos Pastores na comunidade cristã. Desde os alvares da Igreja era evidente o relevo conferido aos guias das primeiras comunidades, estabelecidas pelos Apóstolos para o anúncio da Palavra de Deus através da pregação e para celebrar o sacrifício de Cristo, a Eucaristia. Pedro dirige um encorajamento apaixonado: «Eis a exortação que dirijo aos anciãos que estão entre vós; porque também eu sou ancião como eles, fui testemunha dos sofrimentos de Cristo e com eles participarei daquela glória que se há-de manifestar» (1 Pd 5, 1). São Pedro dirige este apelo em virtude da sua relação pessoal com Cristo, culminada nas vicissitudes dramáticas da Paixão e na experiência do encontro com Ele, Ressuscitado dos mortos. Além disso, Pedro conta com a solidariedade recíproca dos Pastores no ministério, ressaltando a sua pertença e a deles à única ordem apostólica: com efeito, diz que é «ancião como eles»; o termo grego é *sumpresbyteros*. Apascentar o rebanho de Cristo constitui vocação e tarefa que lhes é comum e que os torna particularmente ligados entre si, porque estão unidos a Cristo mediante um vínculo especial. Com efeito, o Senhor Jesus comparou-se várias vezes com um pastor solícito, atento a cada uma das suas ovelhas. Ele disse de si mesmo: «Eu sou o Bom Pastor» (Jo 10, 11). E S. Tomás de Aquino comenta: «Não obstante os chefes da Igreja sejam todos pastores, todavia Ele diz que o é de maneira singular: “Eu sou o Bom Pastor”, com a finalidade de introduzir com docilidade a virtude da caridade. De facto, não podemos ser bons pastores, se não nos tornamos um só com Cristo e com os seus membros mediante a caridade. A caridade é o primeiro dever do bom pastor» — assim diz S. Tomás de Aquino no seu Comentário ao Evangelho de São João (*Exposição sobre João*, cap. 10, lect. 3).

É grande a visão que o apóstolo Pedro tem da chamada ao ministério de guia da comunidade, concebida em continuidade com a eleição singular recebida pelos Doze. A vocação apostólica vive graças à relação pessoal com Cristo, alimentada pela oração assídua e animada pela paixão de

comunicar a mensagem recebida e a mesma experiência de fé dos Apóstolos. Jesus chamou os Doze a fim de que permanecessem com Ele e para os enviar a anunciar a sua mensagem (cf. *Mc* 3, 14). Existem algumas condições para que na vida do presbítero haja uma consonância crescente com Cristo. Gostaria de ressaltar três delas, que sobressaem da Leitura que há pouco ouvimos: a *aspiração a colaborar com Jesus* na propagação do Reino de Deus, a *gratuidade* do compromisso pastoral e a atitude do serviço.

Antes de tudo, na chamada ao ministério sacerdotal há o encontro com Jesus e o facto de nos sentirmos fascinados, impressionados pelas suas palavras, pelos seus gestos e pela sua Pessoa. É o facto de distinguirmos, no meio de muitas vozes, a sua voz, respondendo como Pedro: «Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus!» (*Jo* 6, 68-69). É como se fôssemos alcançados pela irradiação de Bem e de Amor que promana dele, sentindo-nos envolvidos e partícipes na mesma, a ponto de desejarmos permanecer com Ele como os dois discípulos de Emaús — «Fica connosco, já é tarde» (*Lc* 24, 29) e de transmitirmos ao mundo o anúncio do Evangelho. Deus Pai enviou o Filho eterno ao mundo para realizar o seu plano de salvação. Jesus Cristo constituiu a Igreja para que se ampliassem no tempo os efeitos benéficos da redenção. A vocação dos sacerdotes tem a sua raiz nesta obra do Pai, levada a cabo em Cristo, através do Espírito Santo. Então, o ministro do Evangelho é aquele que se deixa arrebatado por Cristo, que sabe «permanecer» com Ele, que entra em sintonia, em íntima amizade com Ele, a fim de que tudo se realize «como agrada a Deus» (*1 Pd* 5, 2), segundo a sua vontade de amor, com grande liberdade interior e com profunda alegria do coração.

Em segundo lugar, somos chamados a ser administradores dos Mistérios de Deus, «não por interesse sórdido, mas com dedicação», diz São Pedro na Leitura destas Vésperas (*Ibidem*). Nunca podemos esquecer que entramos no sacerdócio através do Sacramento, da Ordenação, e isto significa precisamente abrir-nos à obra de Deus, escolhendo quotidianamente doar-nos a nós mesmos por Ele e pelos irmãos, segundo a máxima evangélica: «Recebestes de graça, dai também de graça!» (*Mt* 10, 8). A chamada do Senhor ao ministério não é fruto de méritos particulares, mas sim dádiva a acolher e a ser correspondida, dedicando-nos não tanto a um programa

peçoal, mas ao desígnio de Deus, de modo generoso e abnegado, a fim de que Ele disponha de nós em conformidade com a sua vontade, mesmo que ela não corresponda às nossas aspirações de auto-realização. Amar juntamente com Aquele que nos amou primeiro e que se entregou inteiramente. É o facto de estarmos disponíveis a deixar-nos envolver no seu acto de amor pleno e total ao Pai e a cada homem, consumado no Calvário. Nunca podemos esquecer — como sacerdotes — que a única ascensão legítima rumo ao ministério de Pastor não é a do sucesso, mas a da Cruz.

Nesta lógica, ser sacerdote quer dizer ser servo, também com a exemplaridade da própria vida. «Fazei-vos modelos do vosso rebanho», é o convite do apóstolo Pedro (1 Pd 5, 3). Os presbíteros São dispensadores dos meios de salvação, dos sacramentos, de maneira especial da Eucaristia e da Penitência, e não dispõem deles a seu próprio arbítrio, mas São seus servos humildes para o bem do Povo de Deus. Então, é uma vida profundamente marcada por este serviço: pelo cuidado atento do rebanho, pela celebração fiel da liturgia e pela solicitude imediata por todos os irmãos, especialmente pelos mais pobres e necessitados. Ao viver esta «caridade pastoral», segundo o modelo de Cristo e com Cristo, onde quer que o Senhor o chame, cada sacerdote poderá realizar-se plenamente a si mesmo e a própria vocação.

Caros irmãos e irmãs, ofereci algumas reflexões sobre o ministério sacerdotal. Mas também as pessoas consagradas e os leigos — penso de maneira particular nas numerosas religiosas e leigas que estudam nas Universidades Eclesiásticas de Roma, assim como em quantos prestam o seu serviço como docentes ou funcionários nos mencionados Ateneus — poderão encontrar elementos úteis para viver mais intensamente o período que transcorrem na Cidade Eterna. Com efeito, é importante para todos, aprender cada vez mais a «permanecer» com o Senhor diariamente, no encontro pessoal com Ele para nos deixarmos fascinar e arrebatado pelo seu amor e sermos anunciadores do seu Evangelho; é importante procurar seguir na vida, com generosidade, não o nosso próprio projecto, mas aquele que Deus tem para cada um, conformando a própria vontade com a do Senhor; é importante preparar-se, também através de um estudo sério e comprometido, a servir o Povo de Deus nas tarefas que forem confiadas.

Estimados amigos, vivei bem, nesta íntima comunhão com o Senhor, este tempo de formação: é um dom precioso que Deus vos oferece, especialmente aqui em Roma, onde se respira, de modo totalmente singular, a catolicidade da Igreja. São Carlos Borromeu obtenha a graça da fidelidade a todos aqueles que frequentam as Faculdades Eclesiásticas romanas. A todos vós, por intercessão da Virgem Maria, *Sedes Sapientiae*, o Senhor conceda um ano académico proveitoso.

Amém!

VIAGEM APOSTÓLICA AO BENIM  
18-20 DE NOVEMBRO DE 2011

SANTA MISSA  
E ENTREGA DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL AOS BISPOS DA ÁFRICA

*"Stade de l'amitié" - Cotonou*

**Domingo, 20 de Novembro de 2011**

*Amados Irmãos no episcopado e no sacerdócio,  
Queridos Irmãos e Irmãs!*

Seguindo os passos do meu predecessor, o Beato João Paulo II, é uma grande alegria para mim visitar pela segunda vez este querido continente africano, vindo ter convosco ao Benim para vos dirigir uma mensagem de esperança e de paz. Quero, antes de mais nada, agradecer de todo o coração a D. Antoine Ganyé, Arcebispo de Cotonou, pelas suas palavras de boas-vindas e saudar os bispos do Benim, bem como todos os cardeais e bispos vindos de vários países da África e doutros continentes. E a todos vós, irmãos e irmãs bem amados, que viestes participar nesta Missa celebrada pelo Sucessor de Pedro, dirijo a minha saudação mais calorosa. Penso naturalmente nos habitantes do Benim, mas também nos fiéis dos países francófonos vizinhos: Togo, Burquina-Faso, Níger e outros. A nossa celebração eucarística nesta solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo dá-nos ocasião de agradecer a Deus pelos cento e cinquenta anos passados do início da evangelização do Benim e também pela segunda Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos que teve lugar em Roma há diversos meses.

O texto evangélico, que acabamos de ouvir, diz-nos que Jesus, o Filho do Homem, o juiz supremo das nossas vidas, quis assumir o rosto daqueles que têm fome e sede, dos estrangeiros, dos que estão nus, doentes ou presos... enfim, de todas as pessoas que sofrem ou são marginalizadas. E, por conseguinte, o comportamento que tivermos com eles será considerado o modo como nos comportamos com o próprio Jesus. Não vejamos nisto uma mera fórmula literária, nem uma simples imagem; toda a vida de Jesus é uma ilustração disso mesmo. Ele, o Filho de Deus, tornou-Se homem,

partilhou a nossa vida mesmo nos detalhes mais concretos, fazendo-Se servo do mais pequenino dos seus irmãos. Ele que não tinha onde repousar a cabeça, seria condenado a morrer numa cruz. Este é o Rei que celebramos!

Isto pode, sem dúvida, parecer-nos desconcertante! Ainda hoje, como há 2000 anos, habituados a ver os sinais da realeza no sucesso, na força, no dinheiro ou no poder, temos dificuldade em aceitar um tal rei, um rei que Se faz servo dos mais pequeninos, dos mais humildes; um rei cujo trono é uma cruz. E todavia – como ensinam as Escrituras – é assim que se manifesta a glória de Cristo; é na humildade da sua vida terrena que Ele encontra o poder de julgar o mundo. Para Ele, reinar é servir! E aquilo que nos pede é segui-Lo por este caminho: servir, estar atento ao clamor do pobre, do fraco, do marginalizado. A pessoa baptizada sabe que a sua decisão de seguir Cristo pode acarretar-lhe grandes sacrifícios, às vezes até mesmo o da própria vida. Mas, como nos recordou São Paulo, Cristo venceu a morte e arrasta-nos atrás de Si na sua ressurreição; introduz-nos num mundo novo, um mundo de liberdade e felicidade. Ainda hoje temos muitos vínculos com o mundo velho, muitos medos que nos mantêm prisioneiros, impedindo-nos de viver livres e felizes. Deixemos que Cristo nos liberte deste mundo velho. A nossa fé n’Ele, vencedor de todos os nossos medos e misérias, faz-nos entrar num mundo novo: um mundo onde a justiça e a verdade não São objecto de burla, um mundo de liberdade interior e de paz connosco, com os outros e com Deus. Tal é o dom que Deus nos fez no nosso Baptismo.

«Vinde, benditos de meu Pai, recebei como herança o Reino, que vos está preparado desde a criação do mundo» (*Mt 25, 34*). Acolhamos esta palavra de bênção que o Filho do Homem, no dia do Juízo, há-de dirigir aos homens e mulheres que tiverem reconhecido a sua presença nos mais humildes dos seus irmãos, com um coração livre e repleto do amor do Senhor. Amados irmãos e irmãs, esta passagem do Evangelho é verdadeiramente uma palavra de esperança, porque o Rei do universo Se fez solidário connosco, servo dos mais pequeninos e dos mais humildes. Daqui queria fazer chegar uma palavra amiga a todas as pessoas que sofrem, aos doentes, a quantos estão infectados pela sida ou por outras doenças, a todos os esquecidos da sociedade: Tende coragem! O Papa pensa em vós e recorda-vos na oração. Tende coragem! Jesus quis identificar-Se

com os pequeninos, com os doentes; quis partilhar o vosso sofrimento e, em vós, reconhecer irmãos e irmãs para os libertar de todo o mal, de todo o sofrimento! Cada doente, cada pobre merece o nosso respeito e o nosso amor, porque, através dele, Deus indica-nos o caminho para o céu.

Hoje convido-vos também a alegrar-vos comigo. Com efeito, há 150 anos que a cruz de Cristo foi implantada na vossa terra, que o Evangelho foi anunciado nela pela primeira vez. Neste dia, damos graças a Deus pela obra realizada pelos missionários, pelos «obreiros apostólicos» originários da nação ou vindos doutros lugares: bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas, catequistas... todos aqueles que, ontem como hoje, permitiram a difusão da fé em Jesus Cristo no continente africano. Queria aqui fazer memória do venerado Cardeal Bernardin Gantin, exemplo de fé e de sabedoria para o Benim e para o continente africano inteiro.

Amados irmãos e irmãs, todos aqueles que receberam o dom maravilhoso da fé, este dom do encontro com o Senhor ressuscitado, sentem também a necessidade de o anunciar aos demais. A Igreja existe para anunciar esta Boa Nova. E este dever permanece urgente. Depois de 150 anos, São numerosos aqueles que ainda não ouviram a mensagem da salvação de Cristo; aqueles que se mostram reticentes em abrir o próprio coração à Palavra de Deus; aqueles cuja fé é débil, e cuja mentalidade, costumes, estilo de vida ignoram a realidade do Evangelho, pensando que a busca dum bem-estar egoísta, do lucro fácil ou do poder seja o fim último da vida humana. Com entusiasmo, sede testemunhas ardorosas da fé que recebestes! Fazei brilhar por todo lado o rosto amável do Salvador, em particular diante dos jovens que, num mundo difícil, andam à procura de razões de viver e de esperar.

A Igreja no Benim recebeu muito dos missionários; deve, por sua vez, levar esta mensagem de esperança aos povos que não conhecem, ou deixaram de conhecer, o Senhor Jesus. Amados irmãos e irmãs, convido-vos a sentir esta ânsia pela evangelização, no vosso país e no meio dos povos do vosso continente e do mundo inteiro. Isto mesmo no-lo recorda, com insistência, o recente Sínodo dos Bispos para a África! Sendo um homem de esperança, o cristão não pode desinteressar-se dos seus irmãos e irmãs. Isto estaria claramente em contradição com o comportamento de

Jesus. O cristão é um construtor incansável de comunhão, de paz e de solidariedade – dons estes, que nos foram concedidos pelo próprio Jesus. Permanecendo fiéis a isto, colaboramos na realização do plano de salvação que Deus tem para a humanidade.

Por isso, amados irmãos e irmãs, convido-vos a reforçar a vossa fé em Jesus Cristo, com uma autêntica conversão à sua pessoa. Só Ele nos dá a vida verdadeira, e pode libertar-nos de todos os nossos medos e entorpecimentos, de todas as nossas angústias. Reencontrai as raízes da vossa vida no Baptismo que recebestes e que faz de vós filhos de Deus. Que Jesus Cristo vos conceda a todos a força de viver como cristãos, procurando transmitir generosamente às novas gerações aquilo que vós mesmos recebestes dos vossos Pais na fé. AKLUNO NI KON FENU TON LE DO MI JI [O Senhor vos cumule das suas graças]!

Neste dia de festa, compartilhamos a nossa alegria pelo domínio de Cristo Rei sobre toda a terra. É Ele que remove tudo o que dificulta a reconciliação, a justiça e a paz. Sabemos que a verdadeira realeza não consiste numa demonstração de força, mas na humildade do serviço; nem na opressão dos fracos, mas na capacidade de os proteger e conduzir à vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Cristo reina a partir da Cruz e, com os seus braços abertos, abraça todos os povos da terra, atraindo-os para a unidade. Pela Cruz, abate os muros da divisão, reconcilia-nos uns com os outros e com o Pai. Hoje rezamos pelos povos da África, para que todos sejam capazes de viver na justiça, na paz e na alegria do Reino de Deus (cf. Rm 14, 17). Com estes sentimentos, saúdo afectuosamente todos os fiéis de língua inglesa vindos do Gana, da Nigéria e dos países limítrofes. Que Deus vos abençoe a todos!

Queridos irmãos e irmãs da África lusófona que me ouvís, a todos dirijo a minha saudação e convido a renovar a vossa decisão de pertencer a Cristo e de servir o seu Reino de reconciliação, de justiça e de paz. O seu Reino pode ser posto em perigo no nosso coração. Aqui Deus cruza-se com a nossa liberdade. Nós – e só nós – podemos impedi-Lo de reinar sobre nós mesmos e, em consequência, tornar difícil a sua realeza sobre a família, a sociedade e a história. Por causa de Cristo, tantos homens e mulheres se opuseram, vitoriosamente, às tentações do mundo para viver fielmente a sua

fé, às vezes mesmo até ao martírio. A seu exemplo, amados pastores e fiéis, sede sal e luz de Cristo na terra africana! Amen.

### **III Domingo de Advento "Gaudete", 11 de Dezembro de 2011**

*Prezados irmãos e irmãs  
da Paróquia de Santa Maria das Graças*

Ouvimos a profecia de Isaías: «O espírito do Senhor aos humildes... a proclamar um ano de graça da parte do Senhor» (*Is 61, 1-2*). Estas palavras, pronunciadas há muitos séculos, ressoam como nunca actuais também para nós, hoje, enquanto nos encontramos no meio do Advento e já em vista da grandiosa solenidade do Natal. São palavras que reanimam a esperança, preparam para acolher a salvação do Senhor e anunciam a inauguração de um tempo de graça e de libertação.

O Advento é precisamente um tempo de expectativa, de esperança e de preparação para a visita do Senhor. Para este compromisso convidam-nos também a figura e a pregação de João Baptista, como ouvimos no Evangelho há pouco proclamado (cf. *Jo 1, 6-8.19-28*). João retirou-se no deserto para levar uma vida muito austera e para convidar, inclusive com a sua vida, as pessoas à conversão; ele confere um baptismo de água, um rito de penitência singular, que o distingue dos múltiplos ritos de purificação exterior das seitas dessa época. Portanto, quem é este homem, quem é João Baptista? A sua resposta é de uma humildade surpreendente. Não é o Messias, não é a luz. Não é Elias que voltou para a terra, nem o grande profeta esperado. É o precursor, simples testemunha, totalmente subordinado Àquele que ele anuncia; uma voz no deserto, como também hoje, no deserto das grandes cidades deste mundo, de profunda ausência de Deus, temos necessidade de vozes que simplesmente nos anunciem: «Deus existe, está sempre próximo, embora pareça ausente». É uma voz no deserto e uma testemunha da luz; e isto toca o nosso coração, porque neste mundo, com tantas trevas e obscuridades, todos somos chamados a tornar-nos testemunhas da luz. Esta é precisamente a missão do tempo de Advento: ser testemunhas da luz, e somente o podemos ser, se tivermos a luz em nós, se tivermos a certeza não só de que a luz existe, mas de que vimos um pouco de luz. Na Igreja, na Palavra de Deus, na celebração dos Sacramentos, no Sacramento da Confissão, com o perdão que recebemos, na celebração da

Sagrada Eucaristia, onde o Senhor se entrega nas nossas mãos e corações, tocamos a luz e recebemos esta missão: ser hoje testemunhas de que a luz existe, transmitir a luz ao nosso tempo.

Caros irmãos e irmãs! Estou muito feliz por me encontrar no meio de vós neste domingo bonito, «Gaudete», domingo da alegria, que nos diz: «Mesmo no meio de tantas dúvidas e dificuldades, a alegria existe porque Deus existe e está connosco». Saúdo cordialmente o Cardeal Vigário, o Bispo Auxiliar do Sector, o vosso Pároco, Pe. Domenico Monteforte, a quem agradeço as amáveis palavras que me dirigiu em nome de todos vós, e também o bonito dom da história da Paróquia. E saúdo inclusive o Vigário paroquial. Saúdo também as comunidades religiosas: as Irmãs Apóstolas da Consolata, as Mestras Pias «Venerini» e os Guanellianos; constituem uma das presenças mais preciosas na vossa Paróquia, e um grande recurso espiritual e pastoral para a vida da comunidade, testemunhas da luz! Além disso, saúdo quantos estão comprometidos no âmbito paroquial: refiro-me aos catequistas — agradeço-lhes o seu trabalho — aos membros do grupo de oração, inspirado na Renovação no Espírito Santo, aos jovens do Movimento Juventude Ardente Mariana. Depois, gostaria de dirigir o meu pensamento a todos os habitantes do bairro, especialmente aos idosos, aos doentes, às pessoas sozinhas e em dificuldade, sem esquecer a numerosa comunidade filipina, bem inserida e activamente partícipe nos momentos fundamentais da vida comunitária.

A vossa Paróquia nasceu numa das típicas regiões do campo romano, foi erigida canonicamente em 1985 com este bonito título de Santa Maria das Graças, começou a dar os seus primeiros passos por volta dos anos 60 quando, por iniciativa de um grupo de Padres Dominicanos, orientados pelo inesquecível Pe. Gerard Reed, foi construída numa habitação familiar uma capelinha, sucessivamente transferida para um local maior, que desempenhou a função de igreja paroquial até 2010, no ano passado. Com efeito, naquele ano, como sabeis, e precisamente no dia 1 de Maio, foi dedicado o edifício em que agora celebramos a Eucaristia. Esta nova igreja é um espaço privilegiado para crescer no conhecimento e no amor por Aquele que, daqui a poucos dias, receberemos na alegria do seu Natal. Enquanto vejo esta igreja e os edifícios paroquiais, vejo o fruto de paciência, de dedicação e de amor, e com a minha presença desejo animar-

vos a realizar cada vez melhor aquela Igreja de pedras vivas que sois vós mesmos; cada um de vós deve sentir-se como um elemento deste edifício vivo; a comunidade edifica-se com a contribuição que cada um oferece, com o compromisso de todos; e penso de modo particular nos campos da catequese, da liturgia e da caridade, pilares principais da vida cristã.

A vossa comunidade é jovem, como vi ao saudar os vossos filhos. É jovem porque está constituída, sobretudo no que diz respeito aos novos povoados, por famílias jovens, e também porque São numerosas as crianças e os adolescentes que a povoam, graças a Deus! Desejo profundamente que, inclusive através da contribuição de pessoas competentes e generosas, o vosso compromisso educativo se desenvolva cada vez mais e que a vossa Paróquia, também com a ajuda do Vicariato de Roma, possa dispor quanto antes de um oratório bem estruturado, com espaços adequados para a diversão e o encontro, de modo a satisfazer a necessidade de crescimento na fé e numa socialidade sadia para as jovens gerações. Alegro-me por aquilo que realizais pela preparação dos adolescentes e dos jovens para os Sacramentos. O desafio que temos à nossa frente consiste em delinear e propor um verdadeiro percurso de formação na fé, que empenhe quantos se aproximam da iniciação cristã, ajudando-os não só a receber os Sacramentos, mas a vivê-los, para ser verdadeiros cristãos. Esta finalidade, receber, deve ser viver, como ouvimos na primeira Leitura: a justiça deve germinar como a semente na terra. Viver os Sacramentos, assim germina a justiça e também o direito e o amor.

A este propósito, a averiguação pastoral diocesana em curso, que diz respeito precisamente à iniciação cristã, é uma ocasião propícia para aprofundar e viver os Sacramentos que recebemos, como o Baptismo e a Confirmação, e aqueles dos quais nos aproximamos para alimentar o caminho de fé, a Penitência e a Eucaristia. Por isso é necessária, em primeiro lugar, a atenção à relação com Deus, mediante a escuta da sua Palavra, a resposta à Palavra da oração e o dom da Eucaristia. Sei que na Paróquia estão inseridos encontros de oração, de lectio divina, e que se realiza a adoração eucarística: São iniciativas preciosas para o crescimento espiritual nos planos pessoal e comunitário. Exorto-vos intensamente a participar neles em grande número. De modo especial, desejo evocar a importância e a centralidade da Eucaristia. A Santa Missa esteja no centro

do vosso Domingo, que deve ser redescoberto e vivido como dia de Deus e da comunidade, dia em que louvar e celebrar Aquele que nasceu por nós, que morreu e ressuscitou pela nossa salvação, e que nos pede para vivermos juntos na alegria e de sermos uma comunidade aberta e pronta a acolher cada pessoa sozinha ou em dificuldade. Não percais o sentido do Domingo e sede fiéis ao encontro eucarístico. Os primeiros cristãos estavam prontos a entregar a vida por isto. Sabiam que esta é a vida, e faz viver.

Ao vir até vós, não posso ignorar que no vosso território um grande desafio é constituído por grupos religiosos que se apresentam como depositários da verdade do Evangelho. A este propósito, tenho o dever de vos recomendar que sejais vigilantes e aprofundeis as razões da Fé e da Mensagem cristã, do modo como nos São transmitidas com a garantia da autenticidade pela tradição milenária da Igreja. Dai continuidade à obra de evangelização com a catequese e a informação correcta a respeito daquilo que a Igreja católica crê e anuncia; propõe com clarividência as verdades da fé cristã; estai — como diz São Pedro — prontos «a responder, para a vossa defesa, a todo aquele que vos perguntar a razão da vossa esperança» (1 Pd 3, 15); vivei a linguagem do amor e da fraternidade compreensível para todos, mas sem esquecer o compromisso de purificar e fortalecer a própria fé perante os perigos e as insídias que podem ameaçá-la nestes tempos. Superai os limites do individualismo, do fechamento em vós mesmos e o fascínio do relativismo, pelo que se considera lícito qualquer comportamento, a atracção exercida por formas de sentimento religioso que exploram as necessidades e as aspirações mais profundas da alma humana, propondo perspectivas de satisfação fáceis, mas ilusórias. A fé é uma dádiva de Deus, mas que deseja a nossa resposta, a decisão de seguir Cristo não só quando cura e alivia, mas também quando fala de amor até ao dom de nós mesmos.

Outro ponto sobre o qual gostaria de insistir é o testemunho da caridade, que deve caracterizar a vossa vida de comunidade. Nestes anos, vós vistes crescer rapidamente também no número dos seus membros, mas vistes também chegar muitas pessoas em dificuldade e em situações de dificuldade, que têm necessidade de vós, da vossa ajuda material, mas também e sobretudo da vossa fé e do vosso testemunho de fiéis. Fazei com que o semblante da vossa comunidade possa manifestar sempre

concretamente o amor de Deus, rico em misericórdia, e convida a aproximar-se d'Ele com confiança.

Quero dirigir uma especial palavra de carinho e de amizade a vós, caríssimos meninos, meninas e jovens que me ouvis, assim como aos vossos coetâneos que vivem nesta Paróquia. O hoje e o amanhã da história, bem como o futuro da fé, São confiados de modo particular a vós, que sois as novas gerações. A Igreja espera muito do vosso entusiasmo, da vossa capacidade de olhar para a frente, de ser animados por ideais, e pelo vosso desejo de radicalidade nas escolhas de vida. A Paróquia acompanha-vos, e gostaria que vós sentísseis também o meu encorajamento.

«Irmãos, vivei sempre felizes» (1 Ts 5, 16). Este convite à alegria, dirigido por São Paulo aos cristãos de Tessalonica naquela época, caracteriza também o domingo de hoje, tradicionalmente chamado «*Gaudete*». Ele ressoa desde as primeiras palavras da Antífona de Entrada: «Alegrai-vos sempre no Senhor: repito-vos, alegrai-vos, o Senhor está próximo!»; assim escreveu São Paulo, da prisão, aos cristãos de Filipos (cf. Fl 4, 4-5), e di-lo inclusive a nós. Sim, alegremo-nos, porque o Senhor está próximo de nós e, daqui a poucos dias, na noite de Natal, celebraremos o mistério do seu Nascimento. Maria, Aquela que foi a primeira a ouvir do Anjo o convite: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo» (Lc 1, 28), indica-nos o caminho para alcançar a verdadeira alegria, aquela que provém de Deus. Santa Maria das Graças, Mãe do Amor Divino, intercede por todos nós. Amém!

SANTA MISSA PARA A AMÉRICA LATINA POR OCASIÃO DAS CELEBRAÇÕES DO  
BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES LATINO-AMERICANOS E DO CARIBE

Solenidade de Nossa Senhora de Guadalupe

*Basílica Vaticana,*

**12 de Dezembro de 2011**

*Amados irmãos e irmãs!*

«A terra deu o seu fruto» (Sl 66, 7). Nesta imagem do salmo que ouvimos, o qual convida todos os povos e nações a louvar com júbilo o Senhor que nos salva, os Padres da Igreja souberam reconhecer a Virgem Maria e Cristo, seu Filho: «A terra é Santa Maria, a qual vive da nossa terra, da nossa linhagem, deste barro, desta argila, de Adão [...]. A terra deu o seu fruto: primeiro produziu uma flor [...]; em seguida essa flor transformou-se em fruto, para que o pudéssemos comer, para que comêssemos a sua carne. Quereis saber qual é esse fruto? É o Virgem que provém da Virgem; o Senhor, da escrava; Deus, do homem; o Filho, da Mãe; o fruto, da terra» (São Jerónimo, *Breviarum in Psalm. 66: PL 26, 1010-1011*). Também nós hoje, exultando pelo fruto desta terra, dizemos: «Louvem-vos, ó Senhor, os povos, todos os povos» (Sl 66, 4.6). Proclamamos o dom da redenção alcançada por Cristo, e em Cristo, reconhecemos o seu poder e a sua majestade divina.

Animados por estes sentimentos, saúdo com afecto fraterno os senhores cardeais e bispos que nos acompanham, as diversas representações diplomáticas, os sacerdotes, religiosos e religiosas, assim como os grupos de fiéis congregados nesta Basílica de São Pedro para celebrar com alegria a solenidade de Nossa Senhora de Guadalupe, Mãe e Estrela da Evangelização da América. Tenho também presentes todos os que se unem espiritualmente e rezam a Deus connosco pelos diversos países latino-americanos e do Caribe, muitos dos quais durante este tempo festejam o Bicentenário da sua independência, e que, para além dos aspectos históricos, sociais e políticos dos acontecimentos, renovam ao Altíssimo a gratidão pelo grande dom da fé recebida, uma fé que anuncia o Mistério redentor da morte e ressurreição de Jesus Cristo, para que n'Ele todos os

povos da terra tenham vida. O Sucessor de Pedro não podia deixar passar esta efeméride sem fazer presente a alegria da Igreja pelos abundantes dons que Deus na sua bondade infinita derramou durante estes anos sobre essas amadíssimas nações, que tão profundamente invocam Maria Santíssima.

A venerada imagem da Moreninha de Tepeyac, de rosto doce e sereno, gravada no manto do índio São João Diego, apresenta-se como «a sempre Virgem Maria, Mãe do verdadeiro Deus pelo qual se vive» Da leitura do Ofício, Nicán Mopohua, 12ª ed., México, d.f., 1971, 3-19). Ela evoca a «mulher revestida de sol, tendo a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. Estava grávida» (Ap 12, 1-2) e assinala a presença do Salvador à sua população indígena e mestiça. Ela conduz-nos sempre ao seu Filho divino, o qual se revela como fundamento da dignidade de todos os seres humanos, como um amor mais forte do que os poderes do mal e da morte, sendo também fonte de alegria, confiança filial, conforto e esperança].

O *Magnificat*, que proclamamos no Evangelho, é «o cântico da Mãe de Deus e o da Igreja, cântico da Filha de Sião e do novo Povo de Deus, cântico de ação de graças pela plenitude de graças distribuídas na Economia da salvação, cântico dos “pobres”, cuja esperança é satisfeita pela realização das promessas feitas a nossos pais» (*Catecismo da Igreja Católica*, 2619). Em um gesto de reconhecimento ao seu Senhor e de humildade da sua serva, a Virgem Maria eleva a Deus o louvor por tudo o que Ele fez em favor do seu povo Israel. Deus é Aquele que merece toda a honra e glória, o Poderoso que fez maravilhas por sua fiel servidora e que hoje continua mostrando o seu amor por todos os homens, particularmente aqueles que enfrentam duras provas.

«Eis que o teu rei vem a ti; ele é justo e vitorioso, humilde, montado num jumento» (Zc 9, 9), ouvimos na primeira leitura. Desde a encarnação do Verbo, o Mistério divino revela-se no acontecimento de Jesus Cristo, que é contemporâneo de todas as pessoas humanas em qualquer tempo e lugar por meio da Igreja, da qual Maria é Mãe e modelo. Por isso, nós podemos continuar hoje a louvar a Deus pelas maravilhas que realizou na vida dos povos latino-americanos e do mundo inteiro, manifestando a sua presença no Filho e a efusão do seu Espírito como novidade de vida pessoal e

comunitária. Deus escondeu estas coisas «aos sábios e doutos» e revelou-as aos pequeninos, aos humildes, aos simples de coração (cf. *Mt* 11, 25).

Pelo seu «sim» à chamada de Deus, a Virgem Maria manifesta entre os homens o amor divino. Neste sentido, Ela, com simplicidade e com um coração de mãe, continua a indicar a única Luz e a única Verdade: o seu Filho Jesus Cristo, que «é a resposta definitiva à pergunta sobre o sentido da vida e às questões fundamentais que assediam também hoje tantos homens e mulheres do continente americano» (Exort. apost. pós-sinodal *Ecclesia in America*, 10). De igual modo, ela «continua a obter-nos os dons da salvação eterna. Com o seu amor de Mãe, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz» (*Lumen gentium*, 62).

Actualmente, enquanto se comemora em diversos lugares da América Latina o Bicentenário da sua independência, o caminho da integração nesse querido continente progride, enquanto se sente o seu novo protagonismo emergente no concerto mundial. Nestas circunstâncias, é importante que os seus diversos povos salvaguardem o seu rico tesouro de fé e o seu dinamismo histórico-cultural, sendo sempre defensores da vida humana desde a sua concepção até ao seu ocaso natural e promotores da paz; devem tutelar igualmente a família na sua natureza e missão genuínas, intensificando ao mesmo tempo uma vasta e minuciosa tarefa educativa que prepare rectamente as pessoas e as torne conscientes das suas capacidades, de modo que enfrentem digna e responsabilmente o seu destino. De igual modo estão chamados a incrementar cada vez mais iniciativas concretas e programas efectivos que propiciem a reconciliação e a fraternidade, incrementem a solidariedade e o cuidado do meio ambiente, fortalecendo ao mesmo tempo os esforços para superar a miséria, o analfabetismo e a corrupção e erradicar qualquer injustiça, violência, criminalidade, insegurança urbana, narcotráfico e extorsão.

Quando a Igreja se preparava para comemorar o quinto centenário da plantatio da Cruz de Cristo na boa terra do continente americano, o beato João Paulo II formulou no seu solo, pela primeira vez, o programa de uma nova evangelização, nova «no seu ardor, nos seus métodos, na sua expressão» (cf. *Discurso à Assembleia do CELAM*, 9 de Março de 1983, III:

AAS 75, 1983, 778). Na minha responsabilidade de confirmar na fé, também eu desejo animar o afã apostólico que actualmente estimula e pretende a «missão continental» promovida em Aparecida, para que «a fé cristã se arraigue mais profundamente no coração das pessoas e dos povos latino-americanos como acontecimento fundante e encontro vivificador com Cristo» (V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, *Documento final*, 13). Assim se multiplicarão os discípulos e missionários do Senhor e se renovará a vocação da América Latina e do Caribe para a esperança. Que a luz de Deus brilhe, portanto, cada vez mais na face de cada um dos filhos dessa amada terra e que a sua graça redentora oriente as suas decisões, para que continuem a progredir sem desanimar na construção de uma sociedade cimentada no progresso do bem, no triunfo do amor e na difusão da justiça. Com estes profundos desejos, e amparado pelo auxílio da Providência divina, tenho a intenção de empreender uma Viagem apostólica antes da santa Páscoa ao México e a Cuba, para ali proclamar a Palavra de Cristo e para garantir a convicção de que este é um tempo precioso para evangelizar com fé firme, esperança viva e caridade fervorosa.

Recomendo todos estes propósitos à amorosa mediação de Santa Maria de Guadalupe, nossa Mãe do céu, assim como o actual destino das nações latino-americanas e caribenhas e o caminho que estão a percorrer rumo a um amanhecer melhor. Invoco igualmente sobre elas a intercessão de tantos santos e beatos que o Espírito suscitou ao longo da história desse continente, oferecendo modelos heróicos de virtudes na diversidade de estados de vida e de ambientes sociais, para que o seu exemplo favoreça cada vez mais uma nova evangelização sob o olhar de Cristo, Salvador do homem e força da sua vida. Amém!

## CELEBRAÇÃO DAS VÉSPERAS COM OS UNIVERSITÁRIOS

*Basílica Vaticana*

**Quinta-feira, 15 de Dezembro de 2011**

*«Irmãos, sede constantes até à vinda do Senhor» (Tg 5, 7).*

Com estas palavras o Apóstolo Tiago indica-nos a atitude interior para nos prepararmos para ouvir e acolher de novo o anúncio do Nascimento do Redentor na gruta de Belém, mistério inefável de luz, de amor e de graça. Caros universitários de Roma, a vós que tenho a alegria de encontrar nesta celebração habitual, dirijo a minha carinhosa saudação: recebo-vos em proximidade do Santo Natal, com as vossas aspirações, expectativas e preocupações; e saúdo também as comunidades académicas por vós representadas. Agradeço ao Magnífico Reitor, Prof. Massimo Egidi, as amáveis palavras que me dirigiu em nome de todos vós, e com as quais salientou a delicada missão do docente universitário. Saúdo com profunda cordialidade o Ministro para a Universidade, Prof. Francesco Profumo, e as autoridades académicas dos vários Ateneus.

Estimados amigos, São Tiago exorta a imitar o agricultor, que «espera com constância o fruto precioso da terra» (Tg 5, 7). A vós, que viveis no coração do ambiente cultural e social da nossa época, que experimentais as tecnologias novas e cada vez mais requintadas, que sois protagonistas de um dinamismo histórico que às vezes parece empolgante, o convite do Apóstolo pode parecer anacronista, quase um convite a sair da história, a não desejar ver os frutos do vosso trabalho, da vossa investigação. Mas é mesmo assim? O convite à expectativa de Deus está precisamente fora do tempo? E ainda mais radicalmente poderíamos perguntar-nos: o que significa para mim o Natal; é verdadeiramente importante para a minha existência, para a construção da sociedade? Na nossa época São muitas as pessoas, especialmente aquelas que encontrais nas salas universitárias, que dão voz à pergunta se devemos esperar algo ou alguém; se temos que esperar outro messias, outro deus; se vale a pena confiar naquele Menino que, na noite de Natal, encontraremos na manjedoura entre Maria e José.

A exortação do Apóstolo à constância paciente, que no nosso tempo poderia deixar-nos um pouco perplexos, é na realidade o caminho para acolher profundamente a questão de Deus, o sentido que Ele tem na vida e na história, porque precisamente na paciência, na fidelidade e na constância da busca de Deus, da abertura a Deus, Ele revela a sua Face. Não temos necessidade de um deus genérico, indefinido, mas do Deus vivo e verdadeiro, que abra o horizonte do futuro do homem a uma perspectiva de esperança firme e segura, uma esperança rica de eternidade e que permita enfrentar com coragem o presente em todos os seus aspectos. Mas então deveríamos perguntar-nos: onde encontra a minha busca a verdadeira Face deste Deus? Ou melhor ainda: onde vem ao meu encontro o próprio Deus, mostrando-me o seu Rosto, revelando-me o seu mistério, entrando na minha história?

Caros amigos, o convite de São Tiago: «Irmãos, sede constantes até à vinda do Senhor», recorda-nos que a certeza da grande esperança do mundo nos é doada e que não estamos sós e que não construímos sozinhos a história. Deus não se encontra distante do homem, mas inclinou-se sobre ele e fez-se carne (cf. *Tg* 1, 14), a fim de que o homem compreenda onde reside o sólido fundamento de tudo, o cumprimento das suas aspirações mais profundas: em Cristo (cf. Exort. apost. pós-sin. *Verbum Domini*, 10). A paciência é a virtude daqueles que confiam nesta presença na história, que não se deixam vencer pela tentação de depositar toda a esperança no imediato, em perspectivas puramente horizontais, em programas tecnicamente perfeitos, mas distantes da realidade mais profunda, aquela que confere a dignidade mais excelsa à pessoa humana: a dimensão transcendente, ser criatura à imagem e semelhança de Deus, trazer no coração o desejo de se elevar a Ele.

Porém, há outro aspecto que eu gostaria de sublinhar esta tarde. São Tiago disse-nos: «Olhai o agricultor: ele espera com constância» (5, 7). Na encarnação do Verbo, na encarnação do seu Filho, Deus experimentou o tempo do homem, do seu crescimento, da sua realização na história. Aquele Menino é o sinal da paciência de Deus, o primeiro que é paciente, constante e fiel ao seu amor por nós; Ele é o verdadeiro «agricultor» da história, que sabe esperar. Quantas vezes os homens procuraram construir o mundo sozinhos, sem ou até contra Deus! O resultado é marcado pelo drama de

ideologias que, no final, se demonstraram contrárias ao homem e à sua dignidade profunda. A constância paciente na construção da história, tanto a nível pessoal como comunitário, não se identifica com a virtude tradicional da prudência, certamente necessária, mas é algo maior e mais complexo. Ser constante e paciente significa aprender a construir a história juntamente com Deus, porque só edificando com base n'Ele e com Ele, a construção será bem fundada, não instrumentalizada para finalidades ideológicas, mas verdadeiramente digna do homem.

Então, esta tarde voltemos a acender de maneira ainda mais luminosa a esperança nos nossos corações, porque a Palavra de Deus nos recorda que a vinda do Senhor está próxima, aliás, o Senhor está connosco e é possível construir com Ele. Na gruta de Belém, a solidão do homem é derrotada, a nossa existência deixa de estar abandonada às forças impessoais dos processos naturais e históricos, a nossa casa pode ser construída sobre a rocha: nós podemos programar a nossa história, a história da humanidade, não na utopia mas na certeza de que o Deus de Jesus Cristo está presente e nos acompanha.

Estimados amigos universitários, apressemo-nos com alegria rumo a Belém, acolhamos nos nossos braços o Menino que Maria e José nos apresentarão. Recomeçemos a partir d'Ele e com Ele, enfrentando todas as dificuldades. A cada um de vós, o Senhor pede que colaboreis para a construção da cidade do homem, conjugando fé e cultura de modo sério e apaixonado. Por isso, convido-vos a procurar sempre, com constância paciente, a verdadeira Face de Deus, ajudados pelo caminho pastoral que é proposto neste ano académico. Procurar o Rosto de Deus é a aspiração profunda do nosso coração e é também a resposta à questão fundamental que vai sobressaindo sempre de novo também na sociedade contemporânea. Prezados amigos universitários, vós sabeis que a Igreja de Roma, com a guia sábia e solícita do Cardeal Vigário e dos vossos Capelães, está próxima de vós. Estamos gratos ao Senhor porque, como foi recordado, há vinte anos o beato João Paulo II instituiu o Ofício para a pastoral universitária ao serviço da comunidade académica romana. O trabalho levado a cabo promoveu o nascimento e o desenvolvimento das Capelarias para elaborar uma rede bem organizada, onde as propostas formativas dos vários Ateneus

estatais, privados, católicos e pontifícios possam contribuir para a elaboração de uma cultura ao serviço do crescimento integral do homem.

No final desta Liturgia, o Ícone da Sedes Sapientiae será entregue pela delegação universitária espanhola à da Universidade de Roma «La Sapienza». Começará a *peregrinatio* mariana nas Capelarias, que acompanharei com a oração. Sabei que o Papa confia em vós e no vosso testemunho de fidelidade e de compromisso apostólico.

Queridos amigos, esta tarde apressemos juntos com confiança o nosso passo rumo a Belém, levando connosco as expectativas e as esperanças dos nossos irmãos, para que todos possam encontrar o Verbo da vida e confiar-se a Ele. Estes São os bons votos que dirijo à comunidade académica romana: transmiti a todos o anúncio de que o verdadeiro Rosto de Deus está no Menino de Belém, tão próximo de cada um de nós, que ninguém pode sentir-se excluído, ninguém deve duvidar da possibilidade do encontro, porque Ele é o Deus paciente e fiel, que sabe esperar e respeitar a nossa liberdade. A Ele, esta tarde, queremos confessar com confiança o desejo mais profundo do nosso coração: «Eu estou à procura do vosso Rosto, ó Senhor; vinde, não demoreis!». Amém.

MISSA DA NOITE DE NATAL

*Basílica Vaticana*

**24 de Dezembro de 2011**

*Amados irmãos e irmãs!*

A leitura que ouvimos, tirada da Carta do Apóstolo São Paulo a Tito, começa solenemente com a palavra «*apparuit*», que encontramos de novo na leitura da Missa da Aurora: «*apparuit* – manifestou-se». Esta é uma palavra programática, escolhida pela Igreja para exprimir, resumidamente, a essência do Natal. Antes, os homens tinham falado e criado imagens humanas de Deus, das mais variadas formas; o próprio Deus falara de diversos modos aos homens (cf. *Heb* 1, 1: leitura da Missa do Dia). Agora, porém, aconteceu algo mais: Ele manifestou-Se, mostrou-Se, saiu da luz inacessível em que habita. Ele, em pessoa, veio para o meio de nós. Na Igreja antiga, esta era a grande alegria do Natal: Deus manifestou-Se. Já não é apenas uma ideia, nem algo que se há-de intuir a partir das palavras. Ele «manifestou-Se». Mas agora perguntamo-nos: Como Se manifestou? Ele verdadeiramente quem é? A este respeito, diz a leitura da Missa da Aurora: «Manifestaram-se a bondade de Deus (...) e o seu amor pelos homens» (*Tt* 3, 4). Para os homens do tempo pré-cristão – que, vendo os horrores e as contradições do mundo, temiam que o próprio Deus não fosse totalmente bom, mas pudesse, sem dúvida, ser também cruel e arbitrário –, esta era uma verdadeira «epifania», a grande luz que se nos manifestou: Deus é pura bondade. Ainda hoje há pessoas que, não conseguindo reconhecer a Deus na fé, se interrogam se a Força última que segura e sustenta o mundo seja verdadeiramente boa, ou então se o mal não seja tão poderoso e primordial como o bem e a beleza que, por breves instantes luminosos, se nos deparam no nosso cosmos. «Manifestaram-se a bondade de Deus (...) e o seu amor pelos homens»: eis a certeza nova e consoladora que nos é dada no Natal.

Na primeira das três leituras desta Missa de Natal, a liturgia cita um texto tirado do livro do Profeta Isaías, que descreve, de forma ainda mais concreta, a epifania que se verificou no Natal: «Um Menino nasceu para nós, um filho nos foi concedido. Tem o poder sobre os ombros, e dão-lhe o

seguinte nome: “Conselheiro admirável! Deus valoroso! Pai para sempre! Príncipe da Paz!” O poder será engrandecido numa paz sem fim» (*Is* 9, 5-6). Não sabemos se o profeta, ao falar assim, tenha em mente um menino concreto nascido no seu período histórico. Mas isso parece ser impossível. Trata-se do único texto no Antigo Testamento, onde de um menino, de um ser humano, se diz: o seu nome será Deus valoroso, Pai para sempre. Estamos perante uma visão que se estende muito para além daquele momento histórico apontando para algo misterioso, colocado no futuro. Um menino, em toda a sua fragilidade, é Deus valoroso; um menino, em toda a sua indigência e dependência, é Pai para sempre. E isto «numa paz sem fim». Antes, o profeta falara duma espécie de «grande luz» e, a propósito da paz dimanada d’Ele, afirmara que o bastão do opressor, o calçado ruidoso da guerra, toda a veste manchada de sangue seriam lançados ao fogo (cf. *Is* 9, 1.3-4).

Deus manifestou-Se... como menino. É precisamente assim que Ele Se contrapõe a toda a violência e traz uma mensagem de paz. Neste tempo, em que o mundo está continuamente ameaçado pela violência em tantos lugares e de muitos modos, em que não cessam de reaparecer bastões do opressor e vestes manchadas de sangue, clamamos ao Senhor: Vós, o Deus forte, manifestastes-Vos como menino e mostrastes-Vos a nós como Aquele que nos ama e por meio de quem o amor há-de triunfar. Fizestes-nos compreender que, unidos convosco, devemos ser artífices de paz. Amamos o vosso ser menino, a vossa não-violência, mas sofremos pelo facto de perdurar no mundo a violência, levando-nos a rezar assim: Demonstrei a vossa força, ó Deus. Fazei que, neste nosso tempo e neste nosso mundo, sejam queimados os bastões do opressor, as vestes manchadas de sangue e o calçado ruidoso da guerra, de tal modo que a vossa paz triunfe neste nosso mundo.

Natal é epifania: a manifestação de Deus e da sua grande luz num menino que nasceu para nós. Nascido no estábulo de Belém, não nos palácios do rei. Em 1223, quando Francisco de Assis celebrou em Greccio o Natal com um boi, um jumento e uma manjedoura cheia de feno, tornou-se visível uma nova dimensão do mistério do Natal. Francisco de Assis designou o Natal como «a festa das festas» – mais do que todas as outras solenidades – e celebrou-a com «solicitude inefável» (2 *Celano*, 199:

*Fontes Franciscanas*, 787). Beijava, com grande devoção, as imagens do menino e balbuciava-lhes palavras de ternura como se faz com os meninos – refere Tomás de Celano (*ibidem*). Para a Igreja antiga, a festa das festas era a Páscoa: na ressurreição, Cristo arrombara as portas da morte, e assim mudou radicalmente o mundo: criara para o homem um lugar no próprio Deus. Pois bem! Francisco não mudou, nem quis mudar, esta hierarquia objectiva das festas, a estrutura interior da fé com o seu centro no mistério pascal. Mas, graças a Francisco e ao seu modo de crer, aconteceu algo de novo: ele descobriu, numa profundidade totalmente nova, a humanidade de Jesus. Este facto de Deus ser homem resultou-lhe evidente ao máximo, no momento em que o Filho de Deus, nascido da Virgem Maria, foi envolvido em panos e colocado numa manjedoura. A ressurreição pressupõe a encarnação. O Filho de Deus visto como menino, como verdadeiro filho de homem: isto tocou profundamente o coração do Santo de Assis, transformando a fé em amor. «Manifestaram-se a bondade de Deus e o seu amor pelos homens»: esta frase de São Paulo adquiria assim uma profundidade totalmente nova. No menino do estábulo de Belém, pode-se, por assim dizer, tocar Deus e acarinhá-Lo. E o Ano Litúrgico ganhou assim um segundo centro numa festa que é, antes de mais nada, uma festa do coração.

Tudo isto não tem nada de sentimentalismo. É precisamente na nova experiência da realidade da humanidade de Jesus que se revela o grande mistério da fé. Francisco amava Jesus menino, porque, neste ser menino, tornou-se-lhe clara a humildade de Deus. Deus tornou-Se pobre. O seu Filho nasceu na pobreza do estábulo. No menino Jesus, Deus fez-Se dependente, necessitado do amor de pessoas humanas, reduzido à condição de pedir o seu, o nosso, amor. Hoje, o Natal tornou-se uma festa dos negócios, cujo fulgor ofuscante esconde o mistério da humildade de Deus, que nos convida à humildade e à simplicidade. Peçamos ao Senhor que nos ajude a alongar o olhar para além das fachadas lampejantes deste tempo a fim de podermos encontrar o menino no estábulo de Belém e, assim, descobrimos a autêntica alegria e a verdadeira luz.

Francisco fazia celebrar a santíssima Eucaristia, sobre a manjedoura que estava colocada entre o boi e o jumento (cf. *1 Celano*, 85: *Fontes*, 469). Depois, sobre esta manjedoura, construiu-se um altar para que, onde outrora

os animais comeram o feno, os homens pudessem agora receber, para a salvação da alma e do corpo, a carne do Cordeiro imaculado – Jesus Cristo –, como narra Celano (cf. *1 Celano*, 87: *Fontes*, 471). Na Noite santa de Greccio, Francisco – como diácono que era – cantara, pessoalmente e com voz sonora, o Evangelho do Natal. E toda a celebração parecia uma exultação contínua de alegria, graças aos magníficos cânticos natalícios dos Frades (cf. *1 Celano*, 85 e 86: *Fontes*, 469 e 470). Era precisamente o encontro com a humildade de Deus que se transformava em júbilo: a sua bondade gera a verdadeira festa.

Hoje, quem entra na igreja da Natividade de Jesus em Belém dá-se conta de que o portal de outrora com cinco metros e meio de altura, por onde entravam no edifício os imperadores e os califas, foi em grande parte tapado, tendo ficado apenas uma entrada com metro e meio de altura. Provavelmente isso foi feito com a intenção de proteger melhor a igreja contra eventuais assaltos, mas sobretudo para evitar que se entrasse a cavalo na casa de Deus. Quem deseja entrar no lugar do nascimento de Jesus deve inclinar-se. Parece-me que nisto se encerra uma verdade mais profunda, pela qual nos queremos deixar tocar nesta noite santa: se quisermos encontrar Deus manifestado como menino, então devemos descer do cavalo da nossa razão «iluminada». Devemos depor as nossas falsas certezas, a nossa soberba intelectual, que nos impede de perceber a proximidade de Deus. Devemos seguir o caminho interior de São Francisco: o caminho rumo àquela extrema simplicidade exterior e interior que torna o coração capaz de ver. Devemos inclinar-nos, caminhar espiritualmente por assim dizer a pé, para podermos entrar pelo portal da fé e encontrar o Deus que é diverso dos nossos preconceitos e das nossas opiniões: o Deus que Se esconde na humildade dum menino acabado de nascer. Celebremos assim a liturgia desta Noite santa, renunciando a fixarmo-nos no que é material, mensurável e palpável. Deixemo-nos fazer simples por aquele Deus que Se manifesta ao coração que se tornou simples. E nesta hora rezemos também e sobretudo por todos aqueles que São obrigados a viver o Natal na pobreza, no sofrimento, na condição de emigrante, pedindo que se lhes manifeste a bondade de Deus no seu esplendor, que nos toque a todos, a eles e a nós, aquela bondade que Deus quis, com o nascimento de seu Filho no estábulo, trazer ao mundo. Amen.

PRIMEIRAS VÉSPERAS DA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS E  
RECITAÇÃO DO "TE DEUM"

*Basílica Vaticana*

**Sábado, 31 de Dezembro de 2011**

*Senhores Cardeais,  
venerados Irmãos no Episcopado e no Presbiterado,  
ilustres Autoridades,  
queridos irmãos e irmãs!*

Estamos reunidos na Basílica Vaticana para celebrar as primeiras Vésperas da solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, e para agradecer ao Senhor, no final do ano, cantando juntos o *Te Deum*. Agradeço a todos vós que quisestes unir-vos a mim nesta circunstância tão cheia de sentimentos e significado. Saúdo, em primeiro lugar, os senhores Cardeais, os venerados Irmãos no Episcopado e no Presbiterado, os religiosos e religiosas, as pessoas consagradas e os fiéis leigos que representam a inteira comunidade eclesial de Roma. De modo especial, saúdo as Autoridades presentes, começando pelo Prefeito de Roma, a quem agradeço o cálice que doou, segundo uma bela tradição que se renova cada ano. Desejo de coração que, com o esforço de todos, a fisionomia da nossa cidade possa estar sempre mais em conformidade com os valores de fé, cultura e civilização que pertencem à sua vocação e história milenária.

Outro ano chega à sua conclusão enquanto que, com a inquietação, os desejos e as expectativas de sempre, esperamos um novo. Se pensarmos na experiência da vida, ficamos admirados de como ela é, no fundo, breve e fugaz. Por isso, muitas vezes nos questionamos: qual é o sentido que podemos dar aos nossos dias? Mais concretamente, qual é o sentido que podemos dar aos dias de fadiga e de dor? Esta é uma pergunta que atravessa a história, antes, atravessa o coração de cada geração e de cada ser humano. Mas existe uma resposta para esta pergunta: está escrita no rosto de um Menino que nasceu há dois mil anos, em Belém, e que hoje é o Vivente, ressuscitado para sempre da morte. No tecido da humanidade, rasgado por tantas injustiças, maldades e violências, surge de modo surpreendente a

novidade, alegre e libertadora, de Cristo Salvador, que no mistério da sua Encarnação e do seu nascimento nos permite contemplar a bondade e a ternura de Deus. Deus eterno entrou na nossa história e permanece presente de modo único na pessoa de Jesus, o seu Filho feito homem, nosso Salvador, que veio à terra para renovar radicalmente a humanidade e libertá-la do pecado e da morte, para elevar o homem à dignidade de filho de Deus. O Natal não se refere somente ao cumprimento histórico dessa verdade que nos toca diretamente, mas que no-la dá novamente, de modo misterioso e real.

É muito sugestivo, neste fim de ano, escutar novamente o anúncio jubiloso que o apóstolo Paulo dirigia aos cristãos da Galácia: «Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à lei, para resgatar os que eram sujeitos à Lei, para que recebêssemos a adoção filial» (*Gal 4,4-5*). Essas palavras tocam o cerne da história de todos e a iluminam, antes, a salvam, porque desde o dia em que nasceu o Senhor, chegou para nós a plenitude do tempo. Portanto, já não há mais lugar para a angústia diante do tempo que passa e não volta para trás; agora é o momento de confiar infinitamente em Deus, por quem sabemos ser amados, para quem vivemos e a quem a nossa vida se orienta, na espera do seu retorno definitivo. Desde que o Salvador desceu do Céu, o homem já não é mais escravo de um tempo que passa sem um porquê, ou que esteja marcado pela fadiga, pela tristeza, pela dor. O homem é filho de um Deus que entrou no tempo para resgatar o tempo da falta de sentido ou da negatividade, e que resgatou toda a humanidade, dando-lhe, como nova perspectiva de vida, o amor que é eterno.

A Igreja vive e professa esta verdade e quer proclamá-la novamente hoje, com renovado vigor espiritual. Nesta celebração, temos motivos especiais para louvar o Senhor pelo seu mistério de salvação, presente no mundo por meio do ministério eclesial. Temos muitos motivos de agradecimento ao Senhor por tudo o que a nossa comunidade eclesial, no coração da Igreja universal, realiza a serviço do Evangelho nesta Cidade. A tal propósito, unido ao Cardeal Vigário, Agostino Vallini, aos Bispos Auxiliares, aos Párocos e todo o presbitério diocesano, quero dar graças ao Senhor, nomeadamente, pelo promissor caminho comunitário dirigido a adequar a pastoral ordinária às exigências do nosso tempo, por meio do

projeto «Pertença eclesial e corresponsabilidade pastoral». Este tem o objetivo de colocar a evangelização em primeiro lugar; para fazer mais responsável e frutífera a participação dos fiéis nos Sacramentos, de tal forma que cada um possa falar de Deus ao homem contemporâneo e anunciar o Evangelho com eficácia aos que nunca o conheceram ou o esqueceram.

A *questio fidei* é também o desafio pastoral prioritário para a Diocese de Roma. Os discípulos de Cristo estão chamados a fazer renascer em si mesmos e nos demais a saudade de Deus e a alegria de viver n'Ele e de testemunhá-Lo, a partir da pergunta, sempre muito pessoal: Por que creio? É necessário conceder o primado à verdade, confirmar a aliança entre a fé e a razão, como as duas asas com as quais o espírito humano se eleva à contemplação da Verdade (cf. João Paulo II, Enc. *Fides et ratio*, Prólogo); tornar fecundo o diálogo entre o cristianismo e a cultura moderna; levar à redescoberta da beleza e da atualidade da fé, não como um ato em si mesmo, isolado, que diz respeito a algum momento da vida, mas como uma orientação constante, mesmo nas escolhas mais simples, que leva à unidade profunda da pessoa, tornando-a justa, ativa, benéfica, boa. Trata-se de reavivar uma fé que instaure um novo humanismo capaz de gerar cultura e empenho social.

Neste quadro geral, na Assembleia diocesana do passado mês de junho, a Diocese de Roma iniciou um caminho de aprofundamento sobre a iniciação cristã e sobre a alegria de gerar novos cristãos para a fé. De fato, anunciar a fé no Verbo feito carne é o cerne da missão da Igreja, e toda a comunidade eclesial deve redescobrir esta tarefa, com um renovado ardor missionário. As novas gerações que mais sentem a desorientação, acentuada também pela crise atual, não só econômica, mas também de valores, têm necessidade, sobretudo, de reconhecer em Cristo Jesus «a chave, o centro e o fim de toda a história humana» (Conc. Vat. II. *Gaudium et spes*, 10).

Os pais São os primeiros educadores na fé dos seus filhos desde a mais tenra idade; por isso, é necessário apoiar as famílias na sua missão educativa, por meio de iniciativas adequadas. Ao mesmo tempo, é desejável que o caminho batismal, primeira etapa do itinerário formativo da iniciação cristã, além de favorecer uma consciente e digna preparação para a

celebração do Sacramento, dê a devida atenção aos anos imediatamente sucessivos ao batismo, com os itinerários apropriados que levem em conta as condições de vida das famílias. Animo, portanto, as comunidades paroquiais e as outras realidades eclesiais a continuarem refletindo para promover uma melhor compreensão e recepção dos sacramentos através dos quais o homem se torna participante da vida mesma de Deus. Que a Igreja de Roma possa sempre contar com fiéis leigos, prontos a oferecer a sua contribuição pessoal para edificar comunidades vivas, que permitam que a Palavra de Deus entre no coração dos que ainda não conheceram o Senhor ou se afastaram d'Ele. Ao mesmo tempo, é oportuno criar ocasiões de encontro com a Cidade, que permitam um diálogo proveitoso com todos os que estão à procura da Verdade.

Queridos amigos, desde que Deus mandou o seu Filho unigênito para que nós pudéssemos ter a filiação adotiva (cf. *Gal* 4,5), não pode existir para nós uma tarefa mais importante que estar totalmente ao serviço do projeto divino. Neste sentido, quero animar e agradecer todos os fiéis da Diocese de Roma, que sentem a responsabilidade de devolver a alma à nossa sociedade. Obrigado a vós, famílias romanas, células primeiras e fundamentais da sociedade! Obrigado aos membros das muitas Comunidades, Associações e Movimentos comprometidos em animar a vida cristã da nossa cidade!

«*Te Deum laudamus!*» A Vós, ó Deus, louvamos! A Igreja nos sugere concluir o ano dirigindo ao Senhor o nosso agradecimento por todos os seus benefícios. É em Deus que deve terminar a nossa última hora, a última hora do tempo e da história. Esquecer este final da nossa vida significaria cair no vazio, viver sem sentido. Por isso, a Igreja coloca nos nossos lábios o antigo hino *Te Deum*. É um hino repleto da sabedoria de tantas gerações cristãs, que sentem a necessidade de elevar o seu coração, na certeza que estamos todos nas mãos cheias de misericórdia do Senhor.

«*Te Deum laudamus!*». Assim canta também a Igreja que está em Roma, pelas maravilhas que Deus realizou e realiza nela. Com a alma cheia de gratidão nos dispomos a atravessar o limiar do ano 2012, lembrando que o Senhor vela sobre nós e nos protege. Nesta tarde, queremos confiar-Lhe o mundo inteiro. Coloquemos em suas mãos as tragédias do nosso mundo e

ofereçamos a Ele também as esperanças de um futuro melhor. Depositemos estes votos nas mãos de Maria, Mãe de Deus, *Salus Populi Romani*. Amen.

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice  
Vaticana